

SUMÁRIO

A ESCUTA QUE HUMANIZA – Therezinha Moura Jorge.....	3
A FAMÍLIA COMO BASE PARA CONEXÃO E INSPIRAÇÃO DAS PESSOAS – Monica Levi	9
A IMPORTÂNCIA DO TOQUE FÍSICO COMO RECONHECIMENTO DO OUTRO ATRAVÉS DA TERAPIA FRIO/CALOR - Leila Aparecida Cicaida Novak.....	14
ANÁLISE TRANSACIONAL APLICADA NA CONDUÇÃO DE GRUPOS – Luiz Tiradentes	17
ANÁLISE TRANSACIONAL COMO FACILITADORA DA AUTONOMIA NO CAMPO DA VULNERABILIDADE SOCIAL- Paola Frizzo Pasquotto	19
APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA – NOVAS FRONTEIRAS NO MUNDO DA EDUCAÇÃO – Carmem Maria Sant’Anna Rossetti	25
AUMENTANDO A PRONTIDÃO PARA APRENDIZAGEM UTILIZANDO A ANÁLISE DA DESQUALIFICAÇÃO – Ana Paula Silva Simões	28
DETERMINANTES CULTURAIS DE ORIGEM LIMITAM AJUSTES DE CULTURAS – Alberto Jorge Close.....	32
O DIÁLOGO E O CONFLITO: DIMENSÕES DE NOSSAS RELAÇÕES – Marcia Beatriz Bertuol	38
EDUCAÇÃO FINANCEIRA – José Silveira Passos	43
GESTÃO DO TRABALHO VOLUNTÁRIO: FAVORECENDO A OKEIDADE E A AUTONOMIA – Andréa Lindner e Cecília Oderich.....	47
HARMONIZAÇÃO DE CONFLITOS – Daniela Carvalho Piaggio	52
IDENTIFICAÇÃO DO MECANISMO DE DESQUALIFICAÇÃO NO PROCESSO DE DIAGNÓSTICO EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL – Mary Luce Mariano de Souza Melazzo	55
INFLUÊNCIA DOS JOGOS PSICOLÓGICOS NAS DISTINTAS ETAPAS DA DINÂMICA AMOROSA – Antônio Pedreira	60
JOGOS DE PODER, ESTRESSE E QUALIDADE DE VIDA – Antônio Pedreira.....	67
MARKETING DIGITAL PARA ANALISTAS TRANSACIONAIS - Francis Oliveira, Kátia Ricardi de Abreu e Maria Imaculada Gonçalves de Almeida Möllmann	69
MORTE E O PROCESSO DE LUTO: Contribuições da Análise Transacional – Maria Clara Ramos Grochot	71
MUDANÇA - A CHAVE DO <i>SCRIPT</i> – Adriana Montheiro e Vitor A. Mehry	77
NEUROCIÊNCIAS, EMOÇÕES E AUTONOMIA – Jane Maria Pancinha Costa.....	80
O PEQUENO PROFESSOR: UMA REFLEXÃO SOBRE A ESTRUTURA, O DESENVOLVIMENTO E A EVOLUÇÃO DO ADULTO NA CRIANÇA – Tânia Caetano Alves.....	82
O PODER EM GRUPOS ASSOCIATIVOS – Jeffersonn Moraes.....	87
RELACIONAMENTO FAMILIAR PERMEADO PELA ANÁLISE TRANSACIONAL – Andrea Luisa Bezerra Cechin	89
SAÚDE INTEGRAL: INFLUÊNCIA DOS PENSAMENTOS, SENTIMENTOS E BIOENERGIAS_ A visão da Consciencioterapia – Leonardo Paludeto.....	92
SAÚDE INTEGRAL: A INFLUÊNCIA DOS PENSAMENTOS, SENTIMENTOS E BIOENERGIAS – Maila Flesch.....	95
<i>SCRIPT</i> DE VIDA E CONSTELAÇÃO: AMPLIANDO PERCEPÇÕES – Regina Berard	99
SCRIPTS ORGANIZACIONAIS: UM CASO DE CONSULTORIA EMPRESARIAL – Renata Alves Gava.....	101

SIMBIOSE E TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA: UM DIÁLOGO COM A TORAH – LIVRO SAGRADO DOS JUDEUS – Celso Eduardo Lago Costa	105
TENDÊNCIAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NAS ORGANIZAÇÕES – Rosa Krausz	110
TENDÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO DE TALENTOS E COMPETÊNCIAS NUM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO – Rosa Krausz.....	112
TRANSFORMAR A VIDA DE PESSOAS E COMUNIDADES ATRAVÉS DO EMPREENDEDORISMO – Helena Casanovas Vieira.	115
TEXTO PRODUZIDO PELOS GRUPOS NA ATIVIDADE DE FECHAMENTO DO VIII FÓRUM DE ANÁLISE TRANSACIONAL	118

A ESCUTA QUE HUMANIZA

Therezinha Moura Jorge

Resumo

Em um lugar em que a vida se renova a cada momento por meio da natureza, metas e pessoas, é possível encontrar um processo terapêutico que revigora a vida que está dentro e entorno de cada ser humano. Assim se revela a escuta terapêutica desenvolvida na Associação Casas do Servo Sofredor, reconhecida como um dos pilares que sustentam os índices de recuperação das pessoas dependentes de substâncias psicoativas. O presente estudo reúne percepções e conhecimentos da psicologia humanista e da Análise Transacional que tornam-se impactantes nesse encontro entre duas pessoas. As conclusões identificam a escuta terapêutica como um procedimento confiável e que propicia visível melhora na saúde dos residentes em tratamento.

Palavras-chave: Análise Transacional, Psicologia Humanista, Comunidade Terapêutica.

1. A HISTÓRIA DE VIDA

A Associação Casas do Servo Sofredor, também chamada CSS, tem o propósito de reabilitar vidas agindo sob os princípios do humanismo, ética, paz e direitos humanos. Sua missão (Relatório 2014, p.3) é acolher pessoas que perderam o convívio social devido à dependência do álcool e outras drogas, sob a metodologia de comunidade terapêutica.

Em 2014 celebra seus vinte anos de existência e uma história ilustrada por desafios, inaugurações de espaços para preservação da natureza (principalmente a humana), e ampliação de serviços e resultados. Atualmente são dez casas que apresentaram em 2013 (Relatório 2014, p.5) atendimentos para 323 pessoas. As realizações são voltadas para a saúde física, mental, social e espiritual das pessoas que buscam tratamento. A equipe multidisciplinar que desenvolve o trabalho é composta por profissionais de psiquiatria, psicologia, assistência social e advocacia, além da atuação dos voluntários habilitados que realizam atividades de yoga, meditação, escuta terapêutica, grupos de Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos.

São constantes os trabalhos em estruturas, parcerias e consentimento de leituras a respeito do tratamento realizado. A CSS representou fonte de estudos de Pós Graduação em Dependência Química (ALENCAR; NOGUEIRA, 2003 e JORGE, 2013) e duas dissertações de Mestrado, sendo

uma em Administração (SILVA, 2007) e outra em Teologia (CARVALHO, 2010), além de outros estudos acadêmicos.

2. A PROPOSTA TERAPÊUTICA

Entre os vários trabalhos que evoluíram na CSS, a escuta terapêutica recebeu consideráveis aprimoramentos. A diretoria percebeu a necessidade aprimorar os métodos psicológicos da associação e convidou uma das técnicas da equipe CSS para desenvolver o trabalho de maneira científica.

Em 2013 foi apresentada à Faculdade Luterana de Teologia, como requisito do Curso Lato Sensu em Dependência Química e Comunidade Terapêutica, a monografia “Identificação das abordagens psicológicas humanistas utilizadas na escuta terapêutica desenvolvida na Associação Casas do Servo Sofredor, Paraná.” (JORGE, 2013). A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa transversal. Seu desenvolvimento se fez com observação direta, pesquisa de campo e entrevistas com pessoas que exerceram papéis relevantes na Associação CSS.

Optou-se traduzir a abordagem tácita por meio das palavras de Carl Rogers, Eric Berne e Victor Frankl e seus respectivos discípulos, por perceber proximidades com o procedimento terapêutico da associação, a qualificando por meio de sua leitura científica. O estudo discorreu sobre o princípio que se revela comum em Eric Berne e demais autores humanistas consagrados: Escutar! De forma autônoma, inclinar-se para que essa escuta tenha como principal foco o ser humano, o qual se iguala ao terapeuta em sua essência, mas se distingue enquanto pessoa que precisa escutar a si mesma.

Ao serem questionados sobre o que é a escuta terapêutica da CSS, os terapeutas emitiram respostas, expressões, gestos e brilho no olhar que falaram mais do que palavras. Na tentativa de descrever, ainda de forma parcial, pode-se afirmar que foram sorrisos, olhares para o infinito e ênfases em traços e palavras, ilustrados no seguinte exemplo:

“Com a escuta se tem muito mais possibilidades de melhorar o tratamento para eles. Você vai conversando, vai conhecendo a pessoa e mesmo que seja aquele atendimento focal, naquele momento. Porque não vai ser um processo terapêutico, pois a gente nem sabe se eles vão ficar o tempo que precisam aqui. Mas ela é de muita ajuda porque naquele momento aquilo que você houve, você pode ajudar a pessoa a pensar, a elaborar, encontrar respostas.” (JORGE, 2013, p.43)

Nas entrevistas com os residentes, que são as pessoas que realizam tratamento na associação, a escuta terapêutica passa por definições como esta:

“Quando a gente começa a conversar na escuta terapêutica, a gente começa a ver que não é o outro, não é a família. Você começa ver que é dentro de você que tem que mexer, tem que mudar. É dentro de você que você pode mudar, e muitas vezes na Escuta você consegue falar isso.”(JORGE, 2013, p.44)

A partir de considerações que passaram por escuta atenta, somadas a palavras de pessoas e autores que vivenciaram essa proposta, foi construída a definição de escuta terapêutica da CSS, sugerida da seguinte maneira:

“Atendimento que compõe o Programa Terapêutico da CSS e que oferece a oportunidade da pessoa expor, refletir e conversar sobre as situações da sua vida a partir de sua força de vontade e potencialidades. Seu objetivo é a escuta autêntica, em um ambiente de sigilo, confiança, honestidade, compreensão e aceitação incondicional. É um encontro significativo entre uma pessoa voluntária e capacitada pela associação e o residente que busca desenvolver o autoconhecimento, a consciência, a autonomia e a saúde mental.” (JORGE, 2013, p.54)

A descrição foi acolhida e oficializada na CSS, demonstrando valorização desse jeito de proceder. Relatório CSS de 2013 (2014, p.11) aponta que nesse período houve 2561 atendimentos de escuta terapêutica com participação de 323 residentes.

A abordagem gera confiabilidade e visíveis resultados positivos. Os residentes se adaptam ao processo, aderindo como parte de sua rotina semanal e de seus hábitos saudáveis de vida. Pode-se constatar melhorias na saúde das pessoas a partir das intervenções da escuta terapêutica. Iniciando pelo fato do residente poder “desabafar”, como eles mesmos dizem, já ocasiona o “alívio” sentido por eles e percebido pelos coordenadores que os acompanham. Ter à frente uma pessoa interessada no que ele tem a dizer e o aceitando de maneira incondicional, para muitos que se confrontam com a dependência química é uma situação inédita em suas vidas e que atua diretamente em sua autoestima. Assumir novos modelos de relacionamento é outro importante benefício. É comum as pessoas

chegarem na CSS com vocabulário, crenças e regras próprias do mundo da drogadição e do alcoolismo, que tem suas particularidades bem definidas. Trocar, por exemplo, o isolamento por relacionamento; a desconfiança pela fé; a manipulação pela autenticidade; a postura de cabeça baixa por olhar nos olhos de quem está à sua frente, são fatores entre muitos outros que a escuta terapêutica propicia.

3. A OKEIDADE QUE SE REVELA

A Análise Transacional é reconhecida como prática singular que une o simples, o acessível e a eficácia. Ao entender o Homem como responsável por sua vida, parece se aproximar de uma associação que estimula a autonomia e o desenvolvimento do ser humano. Ambas entendem que a forma de ver o mundo se alterna frente às situações internas e externas e que podem ser modificadas no transcorrer da vida.

Os princípios da CSS parecem se aproximar de Berne (2005, p 25), ao instituir os Estados de Ego e criar a metáfora que apresenta a personalidade em um vocabulário ao alcance de todos e não apenas para a elite médica e acadêmica, esclarecendo o assunto de forma que até uma criança de oito anos pudesse compreender. Em reuniões periódicas entre os profissionais de psicologia e os terapeutas da escuta são comuns os estudos e os diálogos que envolvem conteúdos de AT no objetivo de abordar a prática experimentada por cada profissional. Por meio da consciência de que todos que ali se encontram são considerados OK para estarem à frente de pessoas que também buscam e precisam recuperar sua Okeidade, se gera um fértil ambiente de aprendizado.

Nessa arte da comunicação incluem-se algumas habilidades e cuidados para o terapeuta que a desenvolve. Para falar a respeito, Berne (1988, p.260) cita algumas regras sob o título de “Como ouvir”, que são as seguintes:

1. O ouvinte deverá estar em boas condições físicas, tendo dormido bem e não estar sob influência de álcool, medicação ou drogas que prejudicam sua eficácia mental.
2. Sua mente deverá estar livres de preocupações exteriores.
3. Deve por de lado todos os preconceitos e sentimentos Parentais, incluindo a necessidade de “ajudar”.
4. Deve por de lado todas as concepções sobre seus pacientes em geral e sobre o paciente específico que ele está ouvindo.

5. Não deve permitir que o paciente o distraia com perguntas ou outras solicitações e precisará aprender como repelir tais interrupções de forma não prejudicial.
6. Seu Adulto ouve o conteúdo do que diz o paciente, enquanto o Professor-Criança escuta a maneira como as coisas são ditas.
7. Quando começar a sentir-se cansado pare de ouvir e comece, em vez, a ver e a falar.

Esse “ouvir”, reconhecido aqui como escuta terapêutica, é visto como momento em que se experimenta a carícia positiva de ser ouvido, qualifica a pessoa, potencializa o Estado de Ego Adulto. Faz parte desses momentos o foco no Aqui e Agora e na relação OK/OK. O que é sigiloso e individual se faz um momento propício para exercitar o ouvir e estimular a saúde e a energia. Transformação essa, que não ocorre apenas com as pessoas em tratamento, mas também com aqueles que se propõe a escutar o outro, ocorrendo ali um verdadeiro ambiente terapêutico.

Em reuniões entre colaboradores se escuta a necessidade de se manter o foco no “só por hoje”, de se estimular o Adulto e se colocar em igualdade com todos. Situações que parecem ser um convite ao que Eric Berne considera como "Intimidade", que inclui "desfrutar o que está aqui e agora" e "viver agora mesmo... vendo a árvore e ouvindo os pássaros cantando" (SCHLEGEL, 1997/1998). Para atingir esse estágio, entende-se que o cliente é o centro do enfoque e se trabalha com o direito de liberdade de cada pessoa.

Nos estudos de Claude Steiner tal abordagem se tornou referência para o tratamento de disfunções severas, incluindo a dependência química. Como afirma em uma de suas obras (STEINER 1974, p.18-19), Eric Berne entendia que a cura não seria apenas “transformar esquizofrênicos em esquizofrênicos bonzinhos ou alcoólatras em alcoólatras presos, mas, auxiliá-los a retornarem ao seu lugar na raça humana”. Capacitar e reenergizar, respeitar o jeito de ser, mostrar que a relação OK/OK é possível, cuidar dos aspectos da Personalidade (Pai, Adulto e Criança) até alcançar o Adulto Integrado, oportunizando a humanização de cada um: eis a essência da proposta.

Bibliografia

ALENCAR, Marcos Antônio da Silva; NOGUEIRA, Patrícia Cardoso Campos. **A comunidade terapêutica Mosteiro Monte Carmelo e a sua contribuição no processo de**

reinserção social do dependente químico no mercado de trabalho. Curitiba, 2003. 33 f. (Monografia). Especialização em Dependências Químicas, PUCPR, 2003.

BERNE, Eric. **Os jogos da vida: Análise transacional e o relacionamento entre as pessoas.** Tradução de E. Artens. São Paulo: Nobel, 2005.

_____. **O Que Você Diz Depois De Dizer Olá?** São Paulo: Nova Ed. Nobel, 1988.

CARVALHO, Edmilson Borges de. **A mística carmelitana e a solidariedade no Mosteiro Monte Carmelo.** Curitiba, 2010. 127 f. (Dissertação). Mestrado em Teologia, PUCPR, 2010.

JORGE, Therezinha Moura. **Identificação das abordagens psicológicas humanistas utilizadas na escuta terapêutica desenvolvida na Associação Casas do Servo Sofredor, Paraná.** Florianópolis, 2013. 64f. (Monografia) Curso Lato Sensu em Dependência Química e Comunidade Terapêutica, FLT/SC, 2013.

KRAUZS, R. **Trabalhabilidade.** Nobel, São Paulo, 1999.

Relatório Janeiro a Dezembro de 2013. Associação Casas do Servo Sofredor. Curitiba: 2014. 13p.

SCHLEGEL, Leonhard. **O que é análise transacional.** Revista Brasileira de Análise Transacional, Ano VII, nº1, junho 1997/1998.

SILVA, Paulo Gracilio. **Sustentabilidade social: um estudo de caso no Mosteiro Monte Carmelo.** Curitiba, 2007. 142 f. (Dissertação). Mestrado em Administração, PUCPR, 2007.

STEINER, Claude. **Os papéis que vivemos na vida.** Tradução de George Schlessinger. São Paulo: Editora Artenova, 1976.

A FAMÍLIA COMO BASE PARA CONEXÃO E INSPIRAÇÃO DAS PESSOAS

Monica Levi

Resumo: Defendo a aplicação dos estudos de BERNE (1966) sobre Grupos Organizacionais em trabalhos familiares, na medida em que inexistem trabalhos publicados por E. Berne sobre o tema. Este trabalho demonstrará com aplicação teórica e prática como determinadas variáveis, tais como: I) a influência cultural; II) o *Script* familiar; III) o tipo de liderança; IV) a permeabilidade das fronteiras; V) a comunicação, podem tornar uma família disfuncional ou funcional, sendo essa a meta para alcançar a cura familiar, valendo-me da “Teoria dos Sistemas” de R. McClendon e Leshi Kadis, junto com a teoria Berniana sobre Grupos Organizacionais.

Palavras- chave: Grupo Familiar; Grupo Organizacional; Família Funcional.

Segundo E. Berne, as diretivas de pais e avós determinarão, em longo prazo, não só o plano de vida de uma pessoa, denominado *Script*, mas também, o seu desfecho, que poderá ser uma bênção, gerando um Vencedor, ou uma Maldição, a qual, dependendo do grau, terá como consequência um Não Vencedor ou um Perdedor (BERNE, 1988).

Berne (1988:232) diagrama a transmissão cultural de um *Script* bom por cinco gerações e também diagrama um desfile de família (Berne, 1988:231) com maldição, no qual a injunção, isto é, a ordem negativa que impede o indivíduo de sair da maldição, é transmitida também por 5 (cinco) gerações.

Dentro dessa transmissão, pode existir o *Episcript* (FANITA. E, 1969), definido como *Script* em Excesso – uma adição patológica a um plano de vida, incluindo final trágico, no qual o doador, por manipulação, passa a “batata quente” de divórcio, solidão, loucura, morte trágica, para um recipiente (bode expiatório).

A título exemplificativo do conceito acima, apresento o *Script* trágico familiar dos Kennedy e dos Hemingway.

Destaco que os conceitos de maldição e bênção familiar, que passam por gerações, já estão registrados na Bíblia, Êxodo: 5 (cinco) “Não farão outros deuses (...) Visito a maldade dos pais nos filhos até terceira ou quarta geração daquele que me aborreceu.”. Êxodo: 6 (seis) “Faço misericórdia em milhares aos que me amarem e guardarem os meus mandamentos”.

Na mitologia grega, também se encontram registros de maldição atingindo gerações. A título ilustrativo cita-se o mito de Electra (EURÍPEDES, s/d) no qual se tem a maldição originada por Tântalos, atingindo 5(cinco) gerações. Encerra-se com o julgamento dos filhos pela morte da mãe no qual há o perdão pelos deuses, liquidando a maldição. (LEVI, 2010)

A Integração da Terapia Transacional com Teoria dos Sistemas

Para melhor compreensão dessa integração, faz-se necessário apresentar definições na teoria dos sistemas de: I) família: como grupo composto por pessoas que por si só constituem um sistema; II) sistema familiar: como grupo com limites e identidade próprios que o diferencia dos outros e o faz único; III) fronteira: protege das agressões externas e delimita o que é o que não é.

Com relação às fronteiras, a família pode ser um sistema no qual fronteiras são permeáveis: as pessoas podem entrar ou sair. Este sistema é chamado de família funcional. O objetivo da terapia é atingir este sistema. No sistema fechado, as fronteiras são rígidas, impermeáveis. Dentro deste sistema está a família repressiva, a esquizofrenizante, a suicida, a simbiótica. Nesses tipos de família existem condutas passivas e a Desqualificação do estímulo: negam a existência do problema, portanto não fazem nada. Estas famílias têm modelos repetitivos que terminam no mesmo lugar.

Há também a fronteira classificada como super permeável, gerando a família delinquente, sociopata. Os sintomas dessas famílias são a existência de furtos, fuga e sexo. Nos sistemas fechados existe o mito da sobrevivência emocional, o papel que cada um deve desempenhar para manter a sobrevivência familiar. (Luthman, S, Kirscherbaum, M. 1974) No plano de tratamento, avaliamos o problema e analisamos o sistema familiar, sempre levando em conta as estruturas estáticas (que são as fronteiras) e as estruturas dinâmicas (que são a comunicação familiar, suas regras, como quem está o poder e quais são as alianças entre as pessoas da família).

Após esta análise global de estrutura de família, passamos a avaliar cada pessoa da família e suas resistências. Na família disfuncional, a pessoa saudável sente culpa por ser saudável, e pode ter fantasias catastróficas. O “doente” é um representante circunstancial de alguma disfunção do sistema familiar. Na terapia, o paciente é o especialista no conteúdo (o que) e o terapeuta é o especialista no processo relacional (o como): o que é dito, como é dito, e o que não é dito.

Para tal análise, o terapeuta considera até três gerações envolvidas. O trabalho objetiva fortalecer vínculos entre os elementos da família e verificar quais os assuntos não resolvidos dos pais com seus os seus pais, que eventualmente estejam repetindo com seus próprios filhos.

Na terapia são esclarecidos os papéis de cada um na família: pais exercendo a função de pais, e não outros adultos “prestativos”. É importante procurar recursos nos pais e também na criança com o “problema”. Assim todos podem se sentir mais valorizados.

As crianças escolhem os sintomas de acordo com o que querem afetar profundamente. (CARBONI s/d). Pode ser através de problemas escolares, de relacionamentos, psicossomáticos e até por comportamentos delinquentes.

Entendemos como cura familiar a reestruturação e processamento no aqui e agora de mudança de estrutura e processo.

Acrescentando o estudo da família como um grupo organizacional de Berne (1963)

Grupo: “Qualquer agregação social com um limite externo e pelo menos um limite interno”.

Os seis elementos básicos a considerar no estudo de um grupo (BERNE 1963)

1- O aparato externo: relações com o mundo exterior, que cumprem funções de recrutamento de novos integrantes, como empregados, equipamentos físicos e compras. Esta é função dos pais.

2 - Aparato interno – estabelecimentos de limites e sua manutenção. Controlam as normas, regras e leis internas e equipamento físico. Função dos pais, quando isso não acontece a família é disfuncional.

3 - A liderança – autoridade do grupo. Numa família funcional deve ser dividida entre os pais. Na família disfuncional este lugar é ocupado por um filho

4 - A cultura do grupo: influência material, intelectual e social que regula trabalho do grupo. É importante que o terapeuta conheça ou se informe a respeito.

5 - As condições para o funcionamento grupal: se considera o aparato externo, bases para ser membro, (existem pais que não tem condições e legalmente podem perder o pátrio poder). Também informação básica vinculada a atividade e objetivos. Isto também pode ser fornecido na terapia.

6 - Trabalho do grupo – Analisando a tarefa do grupo verificamos atividade e processo.

Dizemos que o grupo está em atividade quando opera sobre seu ambiente para alcançar seus objetivos, e que o grupo está em processo quando trabalha sobre si mesmo com discussões, conflitos e análise das relações.

É importante que a terapeuta verifique quanto tempo a família permanece em processo, pois mesmo necessário num primeiro momento, se perduram, são forças que podem dissolver e desorganizar o grupo.

DIAGRAMAS GRUPAIS.

Dentro dos seis diagramas grupais uso:

O diagrama de estrutura pública ou de localização: este diagrama dá informação onde cada membro se localiza na sala. Quem está num lugar de comando, quem senta afastado, ou junto a quem. O número de faltas de cada participante na sessão.

O diagrama da imago do grupo ou estrutura privada: quais são as imagens mentais do líder e de cada membro, para poder trabalhar a imago provisória e alcançar a imago real.

Diagrama da dinâmica grupal: quais são as forças e influências que agem sobre os limites da estrutura do grupo.

Processo menor interno – conflito entre irmãos.

Processo maior interno: luta de um filho com o líder poder.

Processo interno de liderança - confrontos entre os líderes, no caso o casal.

Processo externo – desorganização de um grupo por ataque direto à zona de liderança, por exemplo: uma avó poderosa. Um terceiro elemento no casal.

Diagramas transacionais: Os processos e atividade grupal são passíveis de estudo mediante a análise das transações entre os integrantes. (JAMES, 1977).

Verificamos os tipos de Transações. Que tipos são cruzadas, “cerradas” e destrutivas com que frequência surge.

A Cabala, filosofia milenar diz: com a violência física ferimos o corpo, quando insultamos uma pessoa ferimos a alma.

Séculos depois, Stephen Karpman (1971) escreveu opções destrutivas do Pai Preconceituoso, onde a pessoa aprende a diferir golpes preciosos na Criança Adapta que podem dirigir-se à pele, aos ossos ou à medula. Este método só pode ser usado nas lutas de vida ou morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNE. E *Estrutura e dinâmica das organizações e dos grupos*, Circulação restrita, 1966.

_____. *O que você diz depois de dizer olá? A psicologia do destino*. São Paulo: Nobel, 1988.

CARBONE, A, *Terapia familiar sistêmica*. Disponível em <http://www.revistapsicologia.com.br/materias>. (s/d).

ENGLISH, F., “*O Episcrit e o Jogo da Batata Quente*”, TA Bullentin 8, Outubro, 1969.

EURÍPEDES, Electra, Rio de Janeiro, Ed. De Ouro, s/d.

JAMES. J., *Family therapy with TA*, in *Techniques in Transactional Analysis*, California, Addison-Wesley Publishing, cap.21,1977

KARPMAN, *Opções*, Prêmios Eric Berne: Unat-Brasil, p.111, 1979.

LEVI, M., *Electra*, *Análise transacional de um mito*, Rebat, ano 1, nº1, junho 1988, p 46-55.

_____, .Um diálogo entre o Mito de Electra e a sexualidade feminina, defesa de tese em Uberlândia, 2010, Disponível em www.monicalevi.com.br

LUTHMAN, S. e MARTIN K. *The dynamic family*. Palo Alto, California: L. Science and Behavior Books, 1974, cap. XVI.

YEHUDA, B. (0/3 a 0/9 de 05/2009) *Sintonia semanal da Kabbalah*. Encaminhado por e-mail.

RUTH McCIENDON e LESHY KADIS, Itapema, mini-curso, 1987-.

**A IMPORTÂNCIA DO TOQUE FÍSICO COMO RECONHECIMENTO DO OUTRO
ATRAVÉS DA TERAPIA FRIO/CALOR.**

Leila Aparecida Cicaida Novak

Oficina (modalidade expositivo-participativa)

Resumo:

A proposta deste trabalho é demonstrar com exercícios práticos a potência do toque no equilíbrio de uma relação saudável consigo mesmo e com o outro. Tanto na Análise Transacional como na Medicina Chinesa, o toque é entendido como estimulante, revigorante, aproxima as pessoas e eleva o poder pessoal de quem faz e recebe. Pode ser um desafio gerar o contato com o outro de forma autêntica, sem se sobrepôr, ao contrário, mostrar que com a inter-relação temos mais poder, podemos até reconstituir nossa energia biológica. Quando utilizada de forma saudável, a conexão mente e corpo pode fluir e as relações se fortalecerem.

Palavras chave: Reconhecimento; Energia; Terapia frio-calor.

Todos nós necessitamos de contato físico logo após o nascimento para podermos nos desenvolver de forma saudável. Berne (1964), em seus estudos sobre o comportamento humano, identificou algumas necessidades ou “fomes”, dentre elas a “fome de Reconhecimento”, à qual associou o conceito de Carícias. Berne (1964) atribui à atividade de troca de Reconhecimento o termo acariciar (stroking) e a unidade de troca à palavra Carícias (stroke), uma busca por sensações que só é possível conseguir através do contato com o outro. Não vivemos apenas de comida e água, precisamos do convívio social, do contato físico, verbal e não verbal. O “Reconhecimento” de que somos importantes, presentes e ativos na relação com os demais, é uma fome biológica, que muitas vezes deixa de ser atendida ou é dada de forma precária, devido à cultura na qual somos inseridos ao nascer. Segundo Steiner (1976,p.116), a forma ou a qualidade da Carícia que recebemos fica imposta a algumas regras que restringem a troca de Carícias (toques) entre as pessoas, sendo elas: *Não peça Carícias, Não dê Carícias, Não aceite Carícias que deseja, Não rejeite as Carícias que você não deseja, Não dê Carícias a você mesmo.* Obter Carícias é vital para a satisfação de nossas necessidades primárias de Reconhecimento, estruturamos nosso tempo a partir da quantidade de Carícias que obtemos no contato com outras pessoas. É uma fonte poderosa de estimulação humana, podendo ser positivas ou negativas. *“Berne descobriu que o contato físico entre duas pessoas tem*

efeito similar ao dos raios infravermelhos e produz um aquecimento no corpo humano, que é reconstituente da energia biológica.” CARACUSHANSKY, (p.103) Apud OPCÇÕES N° 78.(2013,p.11)

Muitas vezes, devido a essa escassez de Carícias, passamos a trabalhar cada vez mais, dedicar nosso tempo a várias coisas como mecanismo para suprir essa carência, que às vezes nem identificamos qual é. Vivemos no piloto automático, deixamos de observar nosso próprio corpo e vamos levando a vida, gerando desconfortos que podem se transformar em doenças, dores, dificuldades de locomoção, tristezas, etc.

Tomar consciência do corpo nos permite perceber as manifestações da energia do Universo agindo em nós: frio nos pés, nas mãos, calor nos pés, nas mãos, mãos e pés úmidos, secura na pele, sensação de amortecimento, febres sem motivo aparente, alergias, deformações das juntas, etc. Isso significa, na visão da Medicina Chinesa, que os órgãos internos e as vísceras estão cheias de calor e jogam para os músculos, tendões e ossos, essa energia excessiva. Ter uma vida saudável depende da pessoa limpar seu corpo, zelando todos os dias pela sua saúde.

Nosso corpo é uma forma de energia, um movimento constante de expansão e recolhimento. Quando adoecemos, não é o órgão que está doente, e sim o circuito de energia que está alterado prejudicando a circulação normal da mesma pelo corpo.

Na Terapia Frio-Calor de Carniel (1997, p.24), o contato físico é estimulado através de um método que utiliza os recursos da natureza: água quente e fria, sal e gelo, para equilibrar o campo energético e liberar as energias YANG e YIN da pessoa. A Medicina Chinesa acredita no Ser Humano regido pelas Leis do Universo, o que acontece na natureza também acontece no corpo humano, quando a Terra está em desequilíbrio, surgem os terremotos, furacões, enchentes para que o equilíbrio possa ser estabelecido. Em nosso corpo acontece de forma semelhante, quando estamos em desequilíbrio, o fluxo energético fica interrompido ou mais lento sinalizado através das doenças. Na aplicação das massagens, estímulos são enviados aos meridianos que automaticamente começam a funcionar e ajudam o próprio organismo a restabelecer seu ciclo de funcionamento, trazendo disposição e alegria a pessoa que recebe.

Nesta oficina pretende-se demonstrar, com exercícios práticos, uma forma de potencializar a relação consigo mesmo e com o outro, através do toque físico nos pés, mãos e costas, energizando o corpo, possibilitando uma maior interação entre as pessoas, ao mesmo tempo equilibrando o campo energético dos envolvidos. “Conservar a vitalidade do organismo e não atacar um foco de doenças” (CARNIEL,1997, p. 181). O essencial deste método é conservar o equilíbrio da corrente de “calor-frio” (YIN e YANG), fluindo em nível dos meridianos dentro do organismo.

Na minha prática usando o método e considerando o conceito de Berne sobre Carícias, levanto a suposição de que seu efeito produtivo deve-se em parte à troca de Reconhecimento que ocorre no contato entre quem dá e quem recebe a terapia.

Para esta atividade serão utilizadas toalhas pequenas, bacia com água fria e/ou quente, bolsa de água quente. Com um procedimento simples e eficaz de escalda-pés e escalda-mãos podemos ativar a circulação sanguínea e energética, revigorando nosso corpo, mente e emoções. Aquecer o frio - refrescar o calor - hidratar a secura - secar a umidade. Na sequência serão apresentados exercícios básicos preventivos para a manutenção e flexão das articulações: rotação de joelhos, quadris, ombros.

REFERÊNCIAS:

BERNE, Eric. **Análise Transacional em Psicoterapia**. 2ª Ed. São Paulo: Summus, 1985.

BERNE, Eric. **O Que Você Diz Depois De Dizer Olá?** São Paulo: Nobel, 2007.

_____. **Os Jogos da Vida**. São Paulo: Nobel, 1995.

CARNIEL, Geralda Nadyr Henriqueta. **Promoção da Saúde em Harmonia com as Leis do Universo**. 1ª Edição. Curitiba: Imprensa da UFPR, 2012.

_____. **Frio-Calor: causa do desequilíbrio da saúde**. Curitiba. Editora Pinha, 1997.

_____. **Cartilha para o equilíbrio da saúde**. 1ª Edição, Curitiba: Paranagraf, 1992.

CREMA, Roberto. **Análise transacional centrada na pessoa... e mais além**. 2ª ed. São Paulo: Ágora, 1985.

JAMES, Muriel. **Nunca É Tarde Para Ser Feliz: A Psicologia Da Auto-Reparentalização**. 1ª Ed. São Paulo: Nobel, 1987.

JAMES, Muriel ; JONGEWARD, Dorothy. **Nascido para Vencer**. São Paulo: Brasiliense, 1975.

KRAUSZ, Rosa R. **Trabalhabilidade**. São Paulo: Nobel, 1999.

KERTÉSZ, R. **Análise transacional ao vivo**. São Paulo: Summus, 1987.

STEINER, Claude. **Os papéis que vivemos na vida**. Tradução de George Schlessinger. São Paulo: Editora Artenova, 1976.

UNAT – BRASIL. **Prêmios Eric Berne 1971-1997**. 4. ed. Porto Alegre: Suliani Editografia, 2010

ANÁLISE TRANSACIONAL APLICADA NA CONDUÇÃO DE GRUPOS

Luiz Tiradentes

Resumo

Pretende-se nesta oficina, discutir e analisar, como os conceitos de Estados de Ego, Posição Existencial, Reconhecimentos, Estruturação Social do Tempo e Imago Grupal podem auxiliar profissionais que atuam na coordenação de grupos a diagnosticarem como estão as relações entre seus membros, bem como suas consequências na obtenção de resultados.

Palavras-chave: condução de grupos, imago grupal, desempenho grupal

Categoria: Oficina

Forma de apresentação: modalidade expositivo/participativa

A forma como os indivíduos de um grupo exteriorizam seus comportamentos indicam se seus efeitos facilitarão ou não no alcance de determinados objetivos. As pessoas podem estar envolvidas e empenhadas na busca de soluções para suas questões ou permanecerem estagnadas, desqualificando informações relevantes para solução dos problemas grupais. Os conceitos de Estados de Ego, Posição Existencial, Reconhecimentos, Estruturação Social do Tempo e Imago Grupal podem auxiliar no diagnóstico dos comportamentos exteriorizados, bem como suas consequências.

Antes de mais nada é importante entendermos como as pessoas se comportam quando estão reunidas em grupo. De acordo com Eric Berne, cada participante tem uma visão pessoal do grupo, denominada por ele de Imago Grupal, a qual é percebida de diferentes formas de acordo com a evolução de acontecimentos. Antes de ingressar no grupo o indivíduo cria uma Imago Provisória fundamentada em expectativas, experiências anteriores e fantasias. Ainda não é possível saber o que vai acontecer na realidade. Iniciando-se os trabalhos, o indivíduo vai percebendo o que se passa e compara a Imago Provisória com a realidade percebida, criando a Imago Adaptada. Estas percepções acontecem durante os rituais, passatempos e atividades do grupo. A Imago se torna Operativa quando o participante conhece seu lugar na Imago de Grupo do líder. Ele pode iniciar Jogos após a imago Adaptada mudar para Operativa. A Imago Secundariamente Ajustada é percebida quando o participante desiste de seus próprios Jogos em favor do jeito do grupo, agindo de acordo com sua cultura. Isso pode abrir caminho para uma Intimidade livre de Jogos.

Como a Imago Provisória pode ou não coincidir com o que de fato acontece no grupo, seus integrantes vivenciam o processo de ajuste da imago, passando pelas etapas de Estruturação Social

do Tempo. O que chama atenção neste caso é o tempo que grupo permanece nestas etapas, de forma especial na Operativa e Secundariamente Ajustada. Na primeira o grupo pode se envolver em Jogos Psicológicos, os quais são expressos por comportamentos de dominação, permissividade, imaturidade, reclamação e submissão, gerando baixa produtividade. Já na fase Secundariamente Ajustada os comportamentos percebidos são de proteção, orientação, análise, cooperação, espontaneidade e troca de informações isentas de julgamentos, permitindo que o grupo fique coeso e possa alcançar seus objetivos com atitudes autônomas.

O diagnóstico da Imago Secundariamente Ajustada pode ser percebido pelos comportamentos dos circuitos positivos dos Estados de Ego, presença de Reconhecimentos condicionais e incondicionais positivos e predominância dos indivíduos na Posição Existencial ok/ok.

É válido lembrar que nem sempre os integrantes de um grupo possuem consciência da influência de seus comportamentos nos resultados esperados. Cabe ao coordenador convidar os integrantes a terem comportamentos que estimulem a Autonomia, o que pode ser facilitado com sua própria *Oqueidade*.

Referências:

BERNE, Eric. Estrutura e Dinâmica das Organizações e dos Grupos. (UNAT- Brasil). Philadelphia: Grove-Evergreen, 1966.

_____. Os Jogos da Vida. São Paulo, Nobel, 1995.

CARACUSHANSKY, Sofia. Curso Avançado de Análise Transacional - Ed Assertiva.

KRAUSZ, Rosa R. Trabalhabilidade. São Paulo, Nobel, 1999.

**ANÁLISE TRANSACIONAL COMO FACILITADORA DA AUTONOMIA NO CAMPO DA
VULNERABILIDADE SOCIAL¹**

Paola Frizzo Pasquotto²

RESUMO:

Cerca de um terço da população brasileira vive em situação de pobreza e de Vulnerabilidade Social. O atendimento do Poder Público às demandas desta parcela da população mostra-se emblemático. Este estudo apresenta uma leitura crítica das relações que se estabelecem entre trabalhadores e usuários das Políticas Públicas, bem como propõe um repertório de intervenções a partir do referencial teórico da Análise Transacional. Entende-se que, embora as ações do Poder Público considerem a Autonomia dos sujeitos, muitas vezes, a relação entre trabalhadores e usuários não traduz esta intenção e pode, inclusive, reforçar a Dependência. Neste contexto, tornam-se necessárias intervenções que possam, efetivamente, estimular o desenvolvimento das capacidades e da Autonomia das pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Opressão; Passividade; Autonomia.

Contextualização

No Brasil, quase um terço da população vive com até meio salário mínimo *per capita*, segundo dados do IBGE publicados no relatório da ONU de 2002 (BRASIL, 2002). Em termos absolutos, são cerca de 54 milhões de pessoas que podem ser consideradas pobres.

A pobreza é uma situação complexa, dinâmica e coletiva, que torna vulneráveis não apenas os indivíduos nesta condição, mas que afeta a vida da sociedade de modo geral. Neste sentido, as ações de combate à pobreza, à fome e à desigualdade social têm ganhado cada vez mais espaço e investimentos no cenário das Políticas Públicas no Brasil.

Para Kaztman (1999), a vulnerabilidade de um indivíduo, família ou grupo social refere-se à sua maior ou menor capacidade de ter ou controlar as forças que afetam seu bem-estar diante do enfrentamento de situações de risco, em um determinado contexto.

¹ Artigo de conclusão do curso de Especialização em Análise Transacional, apresentado à Faculdade JK de Tecnologia e à UNAT-BRASIL, sob orientação de Jane Maria Pancinha Costa, em 2013.

² Psicóloga formada pela UFRGS, associada à UNAT-BRASIL.
paolapasquotto@yahoo.com.br

Trabalho como psicóloga inserida na Política Pública de Assistência Social no município de Canoas, RS, e observo que a pobreza, ainda que extrema, não retira tudo das pessoas. Aqueles que sobrevivem nesta condição detêm potencialidades e recursos outros que trabalham juntos na superação cotidiana das dificuldades.

A Assistência Social é dever do Estado e direito de todo cidadão que dela necessitar. O caráter seletivo, assistencial e protetivo desta Política Pública tem gerado controvérsias no que tange à atuação dos profissionais. Nesse contexto, a relação entre o profissional e o usuário se estabelece a partir de uma desigualdade de poder e de hierarquia entre aquele que está fora da zona de Vulnerabilidade Social e aquele outro dito vulnerável, que demanda auxílio e proteção. Este é o terreno da Opressão.

A Opressão exige uma adaptação do indivíduo ao meio em que está inserido e, embora esteja presente desde os primórdios nas relações intrafamiliares, poderá se perpetuar ao longo da vida em outras experiências de relações sociais. Para Steiner (1976), as situações de Opressão limitam a realização das potencialidades humanas na sua plenitude. O indivíduo oprimido, invariavelmente, está impedido de sentir, pensar e agir com Autonomia.

O objetivo do presente estudo é problematizar as relações entre indivíduos em situação de Vulnerabilidade Social e servidores públicos, executores da Política da Assistência Social, à luz do referencial teórico da Análise Transacional - AT. Pretende-se, também, apresentar intervenções eficazes para a promoção da Autonomia das pessoas.

O Treinamento para Incapacidade e Dependência

O treinamento para a Incapacidade começa na infância, alimentado pela Opressão nas relações intrafamiliares. Sob pressão, a criança toma certas decisões perante a vida, com uma percepção limitada acerca das opções de ser e de se comportar e sofre com a restrição da espontaneidade e da flexibilidade na resolução de seus problemas. As decisões tomadas são baseadas em crenças sobre si mesmo, sobre os outros e sobre a vida; crenças estas que o indivíduo passará toda a sua existência tentando comprovar, caso não possa confrontar-se – ou ser confrontado – consigo mesmo. Basicamente, este constitui o Sistema do *Script* de Vida (BERNE, 1988).

Inúmeras são as situações vivenciadas em um contexto de Vulnerabilidade Social, especialmente as privações, que limitam a capacidade das pessoas de sentirem, pensarem e agirem com Autonomia. Tais situações despertam sentimentos de inferioridade, menos-valia,

superadaptação e, certamente, imprimem peculiaridades à formação do *Script*. Ou seja, o *Script* de Vida está inserido num contexto social, conforme Pozatti (1989).

Quando a família permanece durante longo período na zona de Vulnerabilidade Social, a matriz do sistema que produz a Incapacidade vai sendo replicada geração após geração em um determinado círculo de relações interpessoais. A transmissão intergeracional das situações de Vulnerabilidade Social, num crescente de gravidade, demonstra o que Rodarte (2004) afirmou sobre a pobreza como um *Script* Cultural, que homogeneiza, entre os diferentes indivíduos, as crenças de Incapacidade, a preferência por determinados tipos de Transações (Criança Adaptada – Pai Negativo), de Passatempos (Transação do Condenado) e de Jogos (Jogo da Salvação, Sim, mas..., Só estou tentando ajudar).

Combatendo a Passividade

Steiner (1976) afirma que a Incapacidade promovida pelo Jogo da Salvação pode ser combatida efetivamente em terapia. Assim também se posicionam Schiff & Schiff (2010) quanto aos Comportamentos Passivos. Estes esclarecem que os mesmos requerem intervenção terapêutica, pois “o passivo precisa aprender que seu ambiente pode e exigirá dele uma participação ativa e solução de problemas, a fim de destruir a grandiosidade” (p.35). A relação profissional-usuário da Assistência Social também constitui espaço privilegiado para este combate.

Quando uma pessoa adota um Comportamento Passivo do tipo Não fazer nada, deve receber Carícias negativas, com o objetivo de ser estimulada a participar da conversa mais ativamente, percebendo as expectativas do interlocutor neste sentido. Caso não possua a informação necessária para responder, esta poderá ser buscada na relação com o profissional ou ambos podem acordar como ela será conseguida.

A Superadaptação adotada pelo usuário traz à tona pensamentos distorcidos acerca de si mesmo, dos outros ou da realidade, produzidos a partir da Opressão. É importante confrontar a pessoa com expectativas e definições externas da realidade para ir desfazendo a Grandiosidade e motivar a pessoa, através da busca de Carícias positivas ou da evitação de Carícias negativas, como consequência das suas atitudes.

Sempre que alguém entra em Agitação, este comportamento deve ser tratado com prioridade pelo profissional, devido à possibilidade de que se converta em crise de Violência contra si, contra alguém da família ou da comunidade, ou contra o profissional e a instituição. A Agitação surge como uma reação à percepção de ameaça à Simbiose e, portanto, a pessoa requer uma intervenção com

autoridade da outra parte, a fim de provocar uma (re)adaptação do Estado de Ego Criança para, posteriormente, explorar o significado do comportamento – Adulto.

A Violência ou a Incapacitação são os comportamentos mais graves, do ponto de vista das relações sociais, exigindo contenção e suporte, muitas vezes com ajuda de terceiros, da força policial, dos serviços de saúde ou outros meios. Num contexto de Vulnerabilidade Social, em que as necessidades de sobrevivência das pessoas estão sendo negligenciadas ou não atendidas, emerge o desespero que retira a *cathexia* do Adulto e potencializa a revolta. Infelizmente, a operacionalização das Políticas Públicas, com frequência, contribui para este processo, por sua morosidade, burocracia e inoperância.

Caminhos para a Autonomia a partir das Relações Sociais

Não restam dúvidas que a escuta qualificada constitui o instrumento primordial na relação do profissional com o seu público-alvo. Com uma boa capacidade de escuta e uma postura favorável diante da pessoa que busca auxílio para superar a Vulnerabilidade em que está inserida, damos passos importantes para a realização das tarefas, que, neste contexto, frequentemente são muito complexas.

O passo seguinte é descobrir ou criar Opções. Para Macefield e Mellor (2006) a consciência da existência de Opções é crucial porque sustenta que a ação é possível, ainda que não de forma imediata, e cria um senso de responsabilidade sobre o que é feito, tanto quanto sobre o que deixa de ser feito. Pessoas conscientes da existência de Opções e da responsabilidade “costumam falar em primeira pessoa, diferentemente daqueles que estão desqualificando, ignorando a responsabilidade e atribuindo a terceiros os acontecimentos” (MACEFIELD & MELLOR, 2006 p. 48-49).

A partir da experiência do contato cooperativo mútuo, instrumentalizamos e fortalecemos no outro a tomada de decisões e a prontidão para a ação. cremos que pequenas mudanças, *a priori*, encorajam mudanças maiores e mais difíceis e habilitam a pessoa a também assumir a responsabilidade em todas as demais situações vivenciadas.

Considerações

A perspectiva que norteou a construção deste artigo é um olhar positivo sobre as transformações que vêm ocorrendo na sociedade brasileira, em termos de novas concepções sobre o indivíduo, sobre as comunidades, a Cidadania e o papel do Poder Público. Há identificação da autora

deste trabalho com o entendimento de Steiner (1976) sobre as implicações políticas da Psicologia e, mais precisamente, da Análise Transacional no campo das relações humanas.

Outro aspecto a ser considerado, como relembra Pozatti (1989), é que, no espiral dinâmico da evolução humana, a liberação de uma Opressão significa uma nova leitura de mundo e de indivíduo, que, necessariamente, desvela novas situações opressivas a serem superadas. Não obstante, sentir, pensar e agir com Autonomia diante da vida é um exercício de observação do que se passa dentro e fora de nós, de expansão da consciência e que pode ser favorecido por relações sociais baseadas no reconhecimento mútuo e na cooperação. E melhor: este aprendizado também fica de herança para gerações futuras.

Referências

BERNE, Eric. **Jogos da Vida**. 3ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Artenova, 1977. 174p.

_____. **O que você diz depois de dizer olá? A Psicologia do Destino**. 1ª edição. São Paulo, SP: Nobel, 1988. 357p.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Relatório ONU**. 2002. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/03122002relatorio_onu.shtm>

Acesso em: 19 jan. 2013.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Assistência Social**. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial>> Acesso em: 19 jan. 2013.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional de Assistência Social - PNAS**. Brasília, DF, 2004. 178p.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Sistema Único de Assistência Social. **Orientações Técnicas sobre o PAIF: O Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família – PAIF, segundo a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. 1ª edição. Brasília, DF, 2012. 112p.

KATZMAN, Ruben (Coord.). **Activos y estructura de oportunidades: Estudios sobre las raíces de la vulnerabilidad social en Uruguay**. In: Aspectos Conceituais da Vulnerabilidade Social. Convênio MTE-DIEESE/UNICAMP, 2007. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/observatorio/sumario_2009_TEXTOV1.pdf> Acesso em: 19 jan. 2013.

MACEFIELD, Ritchie & MELLOR, Ken. **Awareness and Discounting: New tools for Task/Option-oriented settings**. In: Transactional Analysis Journal – TAJ. Vol. 36, nº 1, p. 44-58. Janeiro 2006.

POZATTI, Jane Costa. **A Mulher e o Trabalho: Uma Análise Psicossociológica da Opressão**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS. 1989. 180p.

RODARTE, Mario. **Poverty in Mexico as a Cultural Script**. In: Transactional Analysis Journal – TAJ. Vol. 34, nº 4, p. 307-311. Outubro 2004.

SCHIFF, Aaron Wolfe & SCHIFF, Jacquie Lee. **Passividade**. In: Prêmios Eric Berne 1971-1997. UNAT-BRASIL. 4ª edição, p. 29-40. Porto Alegre, RS: Suliani, 2010.

STEINER, Claude. **Os Papéis que Vivemos na Vida: A Análise Transacional de nossas interpretações cotidianas**. 1ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Artenova, 1976. 298p.

**APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA – NOVAS FRONTEIRAS NO MUNDO DA
EDUCAÇÃO**

Carmem Maria Sant´Anna Rossetti

Resumo:

O presente mini curso visa apresentar alguns conceitos sobre a teoria da Aprendizagem Transformadora e seus pensadores. Conjuga conceitos da Análise Transacional, focando a necessidade de aprimoramento da consciência em níveis mais elevados por parte dos gestores e educadores. Propõe vivências que destacam os a importância de compreensão dos princípios que regem o processo de aprendizagem do adulto.

Palavras chave: Aprendizagem transformadora . Aprendizagem de adultos. Andragogia . Análise Transacional na educação.

Vivemos em tempos de intensas mudanças tecnológicas, e desequilíbrios que colocam em risco a vida em nosso sistema planetário e as interações humanas. Neste cenário, o papel dos gestores e educadores ganha importância na sociedade. Aprender é um processo contínuo e por isto é essencial ajudar nossos aprendentes a aprender a pensar, formular questionamentos, exercitar a imaginação e a criatividade.

Considerando os impactos que o trabalho dos gestores e educadores exerce sobre o educando, sua ação educativa requer a busca de modelos educacionais que privilegie a mudança de pensamento, e oriente criticamente o conhecimento, avançando para uma visão além da utilitária.

Desde 1926 ideias começaram a ser sistematizadas sobre as particularidades da aprendizagem do adulto. Malcolm S. Knowles, nos Estados Unidos divulgou a andragogia - a arte e a ciência de orientar o adulto a aprender - trazendo uma grande mudança apresentada por meio de um processo de aprendizado concentrado no participante e não somente no conteúdo e transmissão. Isso significa considerar as necessidades e experiências individuais na construção dos objetivos de cada programa, envolvendo todos e visando a consolidação dos temas aprendidos. “O modelo andragógico é um modelo processual, (...) se ocupa da provisão de procedimentos e recursos para ajudar os aprendizes a adquirir informações e habilidade”. (KNOWLES, 2009, p. 121-122)

Freire (1999) pioneiro no Brasil da noção da aprendizagem de adultos traz à atenção do ensino **que valoriza os saberes e experiências** dos alunos, apontando para uma educação reflexiva-crítica. Indica como tarefa importante que se propicie

(...) as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ensaiem a experiência profunda de assumir-se [...] como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (FREIRE, 1999, p. 46).

A Análise Transacional (AT) será discutida como poderosa alternativa para uma Aprendizagem Transformadora. O objetivo final da AT coincide com os pressupostos da educação reflexiva-crítica levando o indivíduo a fazer suas escolhas para exercer sua Autonomia, que é manifestada pela liberação ou pela recuperação de três capacidades: Consciência, Espontaneidade e Intimidade (Autenticidade/transparência). Tal conceito como os define Bernes é central na proposta do curso. De modo que Consciência é: (...) a capacidade de viver de uma maneira própria, e não do modo como se foi obrigado. (...) A pessoa consciente está viva porque sabe o que sente, onde está e o momento que vive. (...) Espontaneidade: Significa a opção, liberdade de escolher e de exprimir sentimentos existentes na coleção que cada indivíduo tem disponível (sentimentos do Pai, do Adulto e da Criança). Significa estar liberto da compulsão de ter apenas sentimentos que se aprendeu a ter. (...) Intimidade: é a sinceridade sem jogos de uma pessoa consciente, a liberdade da Criança perceptiva e incorrupta em toda a sua ingenuidade vivendo no aqui e agora. (BERNE, 1995, p. 155-157).

O curso vivencial estimulará reflexões que possibilitam entender, tanto no campo organizacional como educacional, que a Aprendizagem Transformadora e conceitos procedentes das teorias de aprendizagem de adultos (andragogia) aliados aos pressupostos da AT, sustentado em concepções de comunicação clara e efetiva, através de um alto nível de consciência e compromisso compartilhado entre professor e aluno, tendem a nos levar a ver luz para além das fronteiras no mundo da educação.

Carmem Maria Sant'Anna Rossetti
Membro Certificada Organizacional
41 9997 0600 / 41 3339 6007
Curitiba PR.

REFERÊNCIAS (Leitura recomendada)

BERNE, Eric. **O que você diz depois de dizer Olá?** São Paulo : Nobel, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo : Paz e Terra, 1999.

KNOWLES, Malcolm S. **Aprendizagem de resultados: uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa.** Rio de Janeiro : Campus, 2009.

Obras consultadas

O'SULLIVAN, Edmund. **Aprendizagem Transformadora – uma visão educacional para o século XXI.** São Paulo : Editora Cortez, 2004.

CLOSS, Lisiane Quadrado; ANTONELLO, Claudia Simone. **Aprendizagem Transformadora: Um reflexão crítica na formação gerencial.**

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-39512010000100003&script=sci_arttext.

ACESSO EM 4 DE MAIO DE 2014.

**AUMENTANDO A PRONTIDÃO PARA APRENDIZAGEM UTILIZANDO A ANÁLISE DA
DESQUALIFICAÇÃO**

Ana Paula Silva Simões

Oficina (modalidade expositivo-participativa)

RESUMO

A oficina tratará sobre a análise das hierarquias de Desqualificação no planejamento de intervenções didáticas para ambientes organizacionais. Ao levar em conta a prontidão dos participantes para diferentes tipos de intervenção didáticas, conforme o tipo e modo de desqualificação que os aprendentes apresentam em relação ao assunto a ser tratado, o facilitador aumenta a potência e relevância das experiências de aprendizagem. Serão realizados exercícios práticos em subgrupos e grande grupo, de modo a aplicar o entendimento das hierarquias de desqualificação a problemas instrucionais reais. O objetivo da oficina é possibilitar aos participantes o exame de suas práticas de planejamento de facilitação, identificando oportunidades de tornar suas intervenções didáticas mais efetivas e adequadas à realidade dos aprendentes.

PALAVRAS-CHAVE: Andragogia, aprendizagem organizacional, planejamento didático.

PRONTIDÃO PARA APRENDER

No contexto organizacional há uma forte demanda para que treinamentos e formações tenham aplicabilidade prática para a empresa. Tal demanda é decorrente da pressão por resultados e produtividade e segue as características da aprendizagem do adulto, denominada *andragogia*.

Segundo Knowles (1978, p. 55 a 59) a andragogia apresenta uma teoria da aprendizagem do adulto, sustentada em quatro premissas centrais:

1. Mudanças no autoconceito: à medida que a pessoa cresce e amadurece seu autoconceito move-se da total dependência para uma crescente auto-direção. O indivíduo desenvolve uma necessidade psicológica de ser percebido pelos demais como auto-dirigido.
2. O papel da experiência: à medida que a pessoa amadurece ela acumula experiências que a tornam uma rica fonte de aprendizagem e estabelecem parâmetros para correlacionar a novos aprendizados. Knowles afirma que “para uma criança, experiência é algo que ocorre com ela, para

um adulto sua experiência é quem ele é” (1978, p. 56). Portanto, numa experiência de aprendizagem na qual sua experiência não seja considerada, a percepção do adulto é que não apenas sua experiência está sendo rejeitada, mas ele como pessoa está sendo rejeitado.

3. Prontidão para aprender: ao amadurecer a prontidão do indivíduo para a aprendizagem deixa de ser o produto do seu desenvolvimento biológico e pressões acadêmicas e passa a ser resultado das necessidades decorrentes dos papéis sociais que assume. A correlação entre o conteúdo de aprendizagem e esses papéis (como trabalhador, pai/mãe, liderança, etc.) contribui para a prontidão em aprender.

4. Orientação para a aprendizagem: enquanto crianças são condicionadas a serem orientadas a disciplinas, adultos tendem à aprendizagem orientada a problemas. Essa diferença é atribuída à perspectiva de tempo para aplicação do conteúdo. No caso do adulto, ele vive problemas reais com demanda de aplicação imediata da aprendizagem.

Uma metodologia bastante adotada nesse contexto é da *problematização*. Por essa metodologia, um problema central, real, que faz parte do contexto dos aprendentes, é o ponto central ordenador de toda a aprendizagem. Um recurso adotado para a problematização é o método do arco (Maguerez *apud* Berbel, 1998), que ocorre em 5 etapas: observação da realidade; pontos-chave (possíveis causas e determinantes); teorização; hipóteses de solução; aplicação à realidade.

DESQUALIFICAÇÃO E PRONTIDÃO PARA APRENDER

Levando em conta o contexto organizacional e a metodologia de problematização, podemos considerar o conceito de Desqualificação e das hierarquias de Desqualificação proposto na Análise Transacional como um recurso para identificar a prontidão dos aprendentes para diferentes tipos de intervenções didáticas em torno de um problema central.

Segundo Mellor e Schiff (2010, p.130), “a pessoa que desqualifica acredita ou age como se algum aspecto do self, do outro ou da realidade fosse menos significativo do que realmente é”. As pessoas podem desqualificar estímulos (internos ou externos), problemas e opções, e esses três tipos podem ser desqualificados de quatro modos: existência, significado, possibilidade de mudança e habilidades pessoais.

Mellor e Schiff (2010, p. 137) propõem hierarquias de Desqualificação representadas no quadro a seguir:

Modo	Tipo		
	T1	T2	T3
Existência	Estímulo	Problemas	Opções
Significado/Valor	T2 Significado do estímulo	T3 Significado do problema	T4 Significado das opções
Possibilidade de mudança	T3 Mudança do estímulo	T4 Possibilidade de resolver o problema	T5 Viabilidade das opções
Habilidades pessoais	T4 Habilidade pessoal de reagir diferentemente	T5 Habilidade pessoal de resolver problemas	T6 Habilidade pessoal de agir nas opções

A partir do quadro são elencados três tipos de hierarquia: vertical, horizontal e diagonal. Na hierarquia vertical, a desqualificação em um modo implica na desqualificação de todos os modos abaixo dele. Na hierarquia horizontal, a desqualificação de um tipo implica na desqualificação de todos os tipos à direita. Na hierarquia diagonal, uma desqualificação em qualquer ponto da tabela implica na desqualificação no modo abaixo e no tipo à esquerda e também no modo acima e no tipo à direita.

A depender do tipo e modo de desqualificação e sua hierarquia, uma dada intervenção pode ser de alta potência didática, por encaixar-se adequadamente na realidade do aprendente, ou carecer de relevância por estar aquém ou além da percepção do aprendente.

Portanto, a identificação da percepção dos participantes quanto à existência, significado, possibilidade de mudança e habilidades pessoais em relação ao estímulo, ao problema e às opções, permite ao facilitador localizar o momento do grupo nas hierarquias de desqualificação. Uma vez identificado em que ponto o grupo se encontra, o planejamento de intervenções didáticas deve levar em conta os tipos de experiência de aprendizagem que possibilitarão aos participantes ampliarem sua percepção e efetivamente modificarem sua realidade.

BIBLIOGRAFIA

BERBEL, N. N. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v.2, n.2, 1998.

KNOWLES, M. *The adult learner – a neglected species*. 2 ed. Gulf Publishing Company: Houston, 1978.

MELLOR, K.; SCHIFF, E. Desqualificação. In *Prêmios Eric Berne 1971-1997*, p. 130-139. Porto Alegre: UNAT, 2010.

STEWART, I.; JOINES, V. *TA today – A new introduction to Transactional Analysis*. 2 ed. North Carolina: Chapel Hill, 2012.

DETERMINANTES CULTURAIS DE ORIGEM LIMITAM AJUSTES DE CULTURAS

Alberto Jorge Close

Resumo

Neste trabalho apresentaremos os relacionamentos e aprendizagens em ambiente multicultural, considerando a influência de determinantes culturais sobre a construção da autonomia e ajuste de cultura do ser individual ou coletivo, com ênfase nos campos de ação a considerar para o êxito, na atuação do Analista Transacional.

Palavras chave: Cultura, Clima, Personalidade.

Introdução

A personalidade, seja de um indivíduo, grupo ou organização é fruto da interação entre seu ser íntimo e a cultura na qual ele nasce e se desenvolve; podemos dizer que forma sua própria cultura ou Script.

Todo ser, seja individual ou coletivo, nasce com o instinto básico de sobreviver. A saúde e sobrevivência dele dependera da homeostase fisiológica e psicológica que consiga.

Homeostase, conceito criado por Claude Bernard em 1865, é a característica de um sistema em especial em um organismo vivo, mediante a qual regula o ambiente interno para manter uma condição estável e constante. Os múltiplos ajustes dinâmicos do equilíbrio e os mecanismos de auto regulação fazem possível a homeostase.

A homeostase e a regulação do meio interno, constitui um dos preceitos fundamentais da fisiologia, posto que uma falha na homeostase deriva em um mal funcionamento dos diferentes órgãos e a conseqüente extinção do mesmo.

Homeostase psicológica, termo introduzido por W. B. Cannon em 1932 designa a tendência geral de todo organismo ao restabelecimento do equilíbrio interno cada vez que este é alterado. Estes desequilíbrios internos, que podem se dar tanto no plano fisiológico como no psicológico, recebem o nome genérico de necessidades.

Desta maneira, a vida de um organismo pode se definir como a procura constante do equilíbrio entre suas necessidades e a satisfação das mesmas. Toda ação tendente à procura deste equilíbrio é, em um sentido lato, uma conduta.

Os instintos levam o ser a perceber as necessidades que há de satisfazer para cumprir o objetivo de sobreviver e conquistar a felicidade. Como atendê-las, satisfazê-las, será aprendido no núcleo social em que nasce e cresce.

Este núcleo social tem a sua cultura própria, que é influenciada por uma cultura familiar, que é influenciada por uma cultura local, que é influenciada por uma cultura regional, que é influenciada por uma cultura nacional, que é influenciada por uma cultura continental, que é influenciada por uma cultura global, que é influenciada por uma cultura universal.

Portanto, a conduta de um ser é fruto de efeitos multiculturais.

Percebemos, pelo exposto, que a personalidade adotada por um ser, individual ou coletivo, é a expressão de uma cultura individual resultante de decisões tomadas, baseadas em experiências vividas que resultam em uma aprendizagem na escola de sobrevivência. Demais está enfatizar a profunda relevância que tem para o ser as condutas aprendidas, resultantes de valores éticos e morais, princípios, crenças, procedimentos e normas de conduta adotadas para promover a homeostase e sobreviver de maneira saudável.

Como intervir num sistema tão delicado, como ajustar uma cultura individual que pode estar prejudicando a saúde o bem estar e felicidade de um ser?

Nada mais apropriado que utilizar a Análise Transacional que, em sua origem é essência, analisa as transações internas e externas que todo ser utiliza para promover a homeostase.

A Análise Transacional oferece um amplo espectro de instrumentos para processar mudanças culturais. Mais importante ainda é sua base filosófica funcional. Toda atuação é contratual, respeitando e qualificando o cliente. Sabemos que a solução está no cliente e que a função do analista transacional é a de facilitar o processo de ajuste contratado.

CULTURA – SCRIPT E RESULTADOS

A cultura é formada pelos valores éticos e morais, princípios, crenças, políticas internas e externas, procedimentos e normas de conduta imperantes. São as regras que todo ser deve seguir e adotar como diretrizes e premissas para sobreviver nela.

Se é um ser coletivo, todos os seus membros para sobreviver e prosperar devem seguir as pautas culturais estabelecidas.

Cultura não deve ser confundida com clima. Clima é o nome dado ao ambiente gerado pelas emoções dos membros de um grupo e está relacionado com a motivação e adaptação de

condutas em consequência. É a qualidade do ambiente que é percebido ou experimentado pelos participantes do grupo e que influencia seu comportamento.

Tudo é causa e efeito, assim o prazer, bem estar e felicidade experimentado por um ser depende da adequação de sua cultura individual. Se a cultura for assertiva, ela amplificará comportamentos construtivos, gerando qualidade de vida. Mas se a cultura for simbiótica, o ciclo de influências arrastará o ser para comportamentos cada vez mais destrutivos, prejudicando a qualidade de vida, desgastando o ser e os seus relacionamentos.

Nesta dissertação me limitarei a comentar a atitude do facilitador e os fatores que contribuem ao êxito de uma intervenção na cultura de um ser (coletivo ou individual). Mais de 40 anos de atuação no ajuste de culturas, me ensinaram que o êxito de uma intervenção está mais relacionada com a atitude do profissional e os fatores que ele leva em consideração para ajustá-la, que com os instrumentos que utiliza.

OS FATORES

Uma forma de ver os fatores a desenvolver no ser cliente é a de considerá-los como 4 coeficientes de inteligência (QI's) ou capacidades a desenvolver. Estes são:

QI Fisiológico: capacidade para perceber, interpretar e atender necessidades fisiológicas a tempo e de maneira direta.

QI Psicossocial: capacidade para ajustar a cultura e o clima para atender as necessidades sociais de maneira coerente com as necessidades fisiológicas, emocionais e espirituais.

QI Emocional: capacidade de adotar crenças, valores e procedimentos para inibir/ neutralizar emoções aprendidas e fomentar a manifestação adequada das naturais.

QI Espiritual: capacidade para resolver situações e conflitos de forma a enriquecer, dar significado e propósito a sua existência.

Como vimos na introdução, a homeostase é fundamental para a saúde de um ser e constatamos que toda conduta busca atender uma necessidade. O equilíbrio psicológico e fisiológico se consegue atendendo de maneira direta as diversas necessidades de maneira integral e equilibrada.

Necessidades a Harmonizar

Fisiológicas	Psico-sociais	Espirituais
Ar, Alimento Regulação térmica Estimulação dos sentidos Libido Atividade física Identidade	Integração social (função e hierarquia) Estruturação do Tempo Aceitação, Reconhecimento Auto Estima	Dar significado e propósito a sua existência. Desenvolvimento intelectual, ético e moral. Participar num ambiente afetivo e acolhedor. Amar e ser amado

Também vimos que a forma de atender às necessidades é aprendida da cultura de origem e constitui parte da personalidade do ser. A cultura de origem em maior ou menor grau tem certa dificuldade em aceitar as necessidades e lhes dar a relevância que tem para a saúde do ser.

Algumas necessidades fisiológicas não são aceitas como são, e se lhes fixa limitações à sua satisfação nem sempre coerentes com a forma natural e adequada de atendê-las, em outras as psico-sociais e em outras as necessidades Espirituais. Na maioria verificamos certa dificuldade na satisfação nas três áreas, e a forma de atender as necessidades nem sempre é direta provocando necessidades latentes e onipresentes.

Portanto, é importante identificar a cultura ou as culturas de origem, suas características a valorização das necessidades e a forma de atender as aceitas. Se não as consideramos, corremos o sério risco de programar práticas incoerentes com a capacidade de execução existente.

Imaginemos que estamos orientando um ser que se queixa de que não o permitem tomar decisões e limitam a sua autoridade. Ele está imerso numa cultura simbiótica (paternalista) e quer se rebelar. Imaginemos que conseguimos alterar a situação e de repente ele será responsável por tomar decisões e terá a autoridade necessária para fazê-lo. De pronto conseguiu cumprir o objetivo contratado. Porque então quando voltamos o encontramos num estado de confusão, de medo existencial e sem tomar decisões?

A sua cultura de origem era simbiótica e nela quando tomava decisões, era criticado e tratado como incompetente. Se quisermos ajudá-lo a utilizar seu livre arbítrio e ser autônomo, primeiro temos que prepará-lo para assumir os riscos inerentes ao processo de decisão.

O QUE PODE ATRAPALHAR UM AJUSTE DE CULTURA

A falsa crença que existe uma cultura ideal. Durante muitos anos temos escutado as características que deve ter uma cultura para ser efetiva. Modelos, programas a seguir preestabelecidos surgiram, estilos e técnicas de liderança, planejamento, organização, controle, comunicação e motivação abundam. Empresas multinacionais têm aprendido que querer impor uma única cultura, a sua cultura, em todas as suas unidades, independente de ajustá-la às culturas em que opera, leva a ineficiência e eventualmente ao fracasso. O mesmo ocorre com os modelos pré-estabelecidos.

Acreditar que o que as pessoas verbalizam, dizem querer, estão capacitadas a fazer. Se nos limitamos ao discurso sem analisar as condutas identificando condutas incoerentes e diagnosticar sua origem nos dirigimos ao fracasso. O desejo expresso é um bom ponto de partida, para tomá-lo como objetivo e identificar a coerência com as práticas desejadas. Considerar as condutas existentes e identificar os ajustes necessários para consegui-la e a factibilidade de programar uma estratégia no tempo para conseguir o desejo expressado, nos leva ao êxito.

Desqualificação da relevância do entorno cultural, e o de origem, no diagnóstico. Pensar que apesar da cultura na qual o ser está imerso e sua cultura de origem podemos impor mudanças relevantes na cultura-Script do ser nos dirige ao fracasso. A cultura de origem ajudou a formar a personalidade do ser. A cultura na qual está imerso dirige, modela e ajusta a conduta atual e afeta o clima. Os fatores básicos a considerar do entorno de origem e o atual são: o político, econômico, tecnológico, geográfico, ecológico e o social.

Voluntarismo do consultor, dele impor, manipular ou manobrar a sua solução. Este fator quando enunciado parece óbvio, e sabemos que atuar assim é inadequado. Não obstante é comum que o facilitador analise e diagnostique as situações em função de sua cultura pessoal, seus valores éticos e morais, princípios, crenças, políticas internas e externas, procedimentos e normas de conduta. Assim fazendo, tinge a sua análise com seus valores e tenderá a elaborar estratégias de intervenção em função da sua cultura pessoal. Esta nem sempre é coerente com os fatores determinantes que necessitam ser ajustados para adequar as condutas desejadas em tempo e forma.

Contratação superficial. Facilitar um processo de contratação OK é essencial ao êxito. Neste processo, além dos temas de costume, definimos o objetivo mensurável a conseguir, em que estado está o contratante, que estados do Eu, que Jogos, Posição Existencial, Compulsões, predominam no processo. Convidando o contratante à Okeidade é essencial para poder contratar uma intervenção. Se não é possível recomendo que não aceitem o projeto, pois na contratação estará inserido como será sabotado o processo de ajuste.

AJUSTANDO CULTURAS - SCRIPTS

Proponho que a essência do que fazemos como Analistas, seja Clínico, Organizacional ou Educacional, é a mesma. Todos informamos, educamos, reeducamos e atualizamos nossos clientes (pacientes/ organizações/ estudantes).

Em todos os casos buscamos que nossos educandos consigam suas metas e sejam triunfadores, com Autonomia, podendo desfrutar de sua Intimidade e êxitos. Ser triunfador significa evoluir e viver uma vida autônoma, assertiva, feliz, atendendo suas necessidades de maneira direta. Buscamos desenvolver a autoestima e amor-próprio de nossos educandos para que possam atuar de maneira saudável.

O Analista Transacional é o poste de luz que ilumina o caminho. Descontaminando o Adulto do ser, individual ou coletivo, e motivando-o a que percorra o caminho à sua maneira, respeitando o seu tempo.

Alberto Jorge Close

DIDATA UNAT, ALAT e TSTA-ED-OD da ITAA

closejorge@gmail.com

O DIÁLOGO E O CONFLITO: DIMENSÕES DE NOSSAS RELAÇÕES

Márcia Beatriz Bertuol (Didata UNAT-BRASIL)

Palestra Magna

Olho a natureza e percebo o tronco da árvore que abriga dezenas de vidas diferentes. Líquens, fungos, orquídeas, bromélias, cipós... Folhas e flores e cores que não são a árvore, são o condomínio formado pela convivência. Elas, as árvores, não se repetem. Não há uma única que seja igual a sua vizinha, mesmo quando da mesma espécie.

Olho para as pessoas ao meu redor e encontro a mesma realidade. Não nos repetimos. Temos, cada um, nosso próprio arranjo de agregados. Nosso cerne, assim como o cerne da árvore, tem uma origem compartilhada, mas a forma que crescemos, que expandimos, que ocupamos o espaço, será necessariamente individual.

O cerne, o núcleo, a dimensão espiritual, a fonte da Vida, é a mesma para todos os elementos que participam do Universo. Somos todos participes da mesma rede, tecida por uma Inteligência Amorosa, que criativamente manifesta-se em cada Ser e em cada elemento.

Esta Origem compartilhada é o que nos une, nos iguala, nos permite reconhecer no outro e na natureza o que Somos essencialmente. Nesta dimensão, o Amor e a Inteligência são as forças que regem toda e qualquer manifestação.

Assim, podemos confiar que no núcleo essencial de cada Ser Humano - para voltar a atenção ao tema desta palestra - existe uma Inteligência Amorosa e uma Amorosidade Inteligente que nos unem em profunda igualdade. Este é o lado da Unidade.

A palavra UNIVERSO, que usamos para nos referir ao Todo, nos convoca a uma reflexão. Em si mesma, expressa a dualidade da existência. Na primeira sílaba - UNI - a menção à UNIDADE e, nas duas outras sílabas - VERSO -, a referência à DIVERSIDADE.

A Inteligência Amorosa e Criativa manifesta-se na Diversidade.

Cada um é único. Cada um cria sua personalidade a partir deste Cerne inteligente e amoroso, agregando as experiências que vive, pensando, sentindo, percebendo e manifestando tudo isso em seu comportamento.

A diversidade fica muito clara quando usamos o modelo da Análise Transacional para a personalidade. Berne nos ofereceu um mapa útil ao nos ensinar sobre os três diferentes Estados do Ego, ou estados da mente, e seus determinantes.

Os fatores que determinam a qualidade única de cada personalidade são três.

O fator ligado à Programação Externa refere-se ao ambiente onde nascemos e crescemos. Os elementos da cultura, o momento histórico, o grupo social ao qual pertencemos, os hábitos familiares, os modelos parentais, todos fornecem informações que fazem parte de nossa Psique.

Um segundo fator determinante é a Programação Interna, ou Biológica, tudo o que já nasce organizado em nosso sistema fisiológico. As necessidades, impulsos e respostas ligadas à sobrevivência física e também ao engajamento social.

O terceiro fator, a Programação de Probabilidades, diz respeito ao que se organiza em nossa personalidade a partir das experiências e aprendizados vividos.

O comportamento resulta da combinação destes três determinantes em nosso campo interno.

Ou, na linguagem da Análise Transacional, os elementos fornecidos pelos determinantes são organizados pelos Órgãos Psíquicos - a Exteropsique, a Neopsique e a Arqueopsique - e manifestados como um Estado do Ego, um estado da mente com seus padrões próprios de pensamentos, sentimentos, sensações, imagens e comportamentos.

Se olharmos para estes fatores pensando nas questões de unidade e diversidade, podemos pensar que a programação biológica é compartilhada entre os seres humanos. Temos sistemas organizados para sobrevivência e para a vinculação que são basicamente iguais.

Já quando observamos as culturas, sociedades, momentos históricos e famílias, encontramos semelhanças internas - dentro do mesmo grupo cultural, social, familiar - e muitas diferenças entre grupos de culturas diversas. Ou mesmo dentro da mesma cultura, mas em momentos históricos diferentes. Aqui a diversidade é maior, embora talvez pouco percebida pelos indivíduos, na medida em que tendemos a pensar que o que aprendemos em nosso meio é o mesmo que todos aprendem. Somente quando mudamos de meio - viajamos para lugares com outra cultura, por exemplo, ou vivemos nas fronteiras entre países - é que vemos como as pessoas podem pensar e agir de maneira muito diversa.

E quando vemos a Programação de Probabilidades aí encontramos a completa individualidade. Cada um experimenta o mundo à sua maneira. As impressões, sensações, memórias, são pessoais, refletem o que o encontro da biologia com o ambiente teceu na mente e no corpo a cada experiência.

Assim, a personalidade é esta trama complexa alimentada pelos três determinantes. É biológica, é coletiva e é individual. É parte consciente e grande parte não consciente. Uma dimensão explícita e auto-biográfica, uma narrativa que contamos e re-contamos em nosso diálogo interno. E

outra dimensão implícita, feita das memórias que sabemos sem saber que sabemos, expressa no corpo através das sensações, emoções, tensões, gestos e posturas.

Quando duas, ou mais, personalidades se encontram, o palco para o conflito está sempre armado. Necessariamente somos diferentes. Ao mesmo tempo, tendemos a nos pensar como certos em nossa forma de perceber, sentir, avaliar, agir. Se eu estou certo e o outro está pensando, agindo, avaliando de maneira diferente da minha, então, o que vai acontecer é o conflito. Porque o outro também se percebe certo em sua forma de ser. E também entra no conflito defendendo sua perspectiva. Esta é a experiência mais comum em nossos relacionamentos.

Sentimos conforto quando encontramos uma pessoa que fala o que pensamos e, freqüentemente, selecionamos o que escutamos, eliminando desavenças, quando queremos manter a relação acreditando que o outro é como eu, "*é um dos meus*".

Menos comum, embora muito falada e desejada, é a experiência do diálogo. Uma conversa onde o *logos*, a lógica, o processo de pensar e sentir de cada um possa ser expresso, considerado, sem ser a *verdade*, tampouco sendo desprezado como *errado ou falso*. O diálogo pede um observador interno, atento e curioso, sobre o que se passa em seu próprio mundo e também sobre como é o mundo do outro. A palavra "*mundo*" aqui referindo ao conjunto particular de experiências de cada ser humano. É curioso pensar que cada um de nós vive em seu "próprio mundo". E, portanto, decodifica as experiências de acordo com suas memórias. Neste sentido, entendo que vivemos em múltiplas realidades, tantas quantos somos.

Dialogar parece-me ser, assim, a arte de escutar o outro e a si mesmo. É a arte de ver e ser visto. Ver e escutar-se como forma de conhecer a própria realidade. E, num outro ponto, ver e escutar como ações que viabilizam conhecer a realidade do outro.

O que acontece no dialogar, então, é que naturalmente um impacta o outro, e surgem novas ideias e percepções. Quando o dialogar acontece, novos mundos são gerados, co-construídos através da partilha generosa dos mundos de cada um dos dialogantes.

Berne, em seus primeiros escritos sobre a comunicação, já nos alerta para o fato de que todo estímulo e todas as respostas - que são, em si mesmas, estímulos - são energias intercambiáveis. São ondas eletromagnéticas que tocam o receptor, convidando a uma resposta, que é, também, uma onda eletromagnética. Neste sentido, o campo da comunicação é a dimensão energética da experiência humana. Não podemos tocar materialmente nos pensamentos e nem nos sentimentos e nem por isso deixamos de perceber sua existência.

Penso que esse é um ponto fundamental para pensarmos sobre o diálogo. Toda comunicação, ou Transação, se dá simultaneamente através de palavras, emoções, sensações e ações. Um estado da mente envolve sempre estes múltiplos aspectos. Quando temos apenas um organizador ativo internamente, organizando a manifestação de um comportamento que revela a coerência interna, temos um estímulo simples, direto, *limpo*. Que será percebido pelo interlocutor, passará pelo processamento de seu quadro de referência - os *filtros* pessoais - e emitirá uma resposta.

Quando mais de um organizador está ativo na Psique, temos mais de um estímulo surgindo no campo da comunicação, um estado de incoerência surge para ser processado pelo interlocutor. Qual é a ordem de percepção? Hoje sabemos que temos *neuroceptores* no cérebro - sistema nervoso autônomo e sistema límbico - que lêem os sinais corporais ligados às emoções primárias e organizam uma resposta, antes que o córtex cerebral faça a leitura e organize um pensamento.

Temos aí o cenário das transações ulteriores e a terceira regra de comunicação que diz que o resultado de uma transação ulterior será determinado pelo que acontece no nível psicológico. Penso que é necessário entender que o *nível psicológico* está sempre presente. A questão é sobre a origem dele - qual(is) órgão(s) psíquico(s) está ativo - e a consciência ou inconsciência daquele que emite o estímulo e de quem emite a resposta. Consciência diz respeito à auto-percepção do corpo, das emoções e dos significados que atribuímos à situação. E também consciência do corpo, das emoções do outro e escuta atenta aos significados que estão sendo manifestados.

Como seres gregários, nosso organismo e nossa mente estão delineados para a interação com o ambiente e com outros seres vivos.

Somos dotados de sistemas que nos protegem dos perigos e também de sistemas que nos levam ao engajamento social. Somos feitos para perceber o ambiente, orientar para o perigo, organizar respostas de defesa de fuga, luta ou congelamento, sobreviver e preservar a vida. E somos feitos para interagir, para conversar, rir, brincar e amar, para multiplicar e preservar a espécie.

Um ou outro sistema - defesa ou engajamento - está sempre ativo em nosso organismo e percebemos isso muito facilmente uns nos outros. É possível pensar que o que vai estimular o conflito ou o diálogo pacífico, em um nível implícito, é exatamente este fator. Aliado aos significados culturais e pessoais que estão explicitamente presentes no cenário, teremos as conversações que podem caminhar para enfrentamentos ferozes ou para soluções novas e criativas.

A dança criada nas interações humanas pode seguir muitos ritmos. Quem dá o tom e cria a melodia é o corpo com as emoções e sentimentos. Quem faz a letra é a mente com suas memórias e significados. Às vezes, os encontros são dissonantes, em outras, harmoniosos.

E, mais raramente, de uma beleza tão grande que nos conectam com o Divino.

Referências

BERNE, Eric. *Análise Transacional em Psicoterapia*. São Paulo: Summus, 1985.

BERNE, Eric. *Intuição e Estados do Ego*. Porto Alegre, UNAT-BRASIL, 2008 (Material didático de circulação restrita).

BOHM, David. *Dialogo: comunicação e redes de convivência*. São Paulo: Palas Athena, 2005.

LEVINE, Peter. *Uma voz sem palavras: como o corpo libera o trauma e restaura o bem-estar*. São Paulo: Summus, 2012.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. 5.ed. São Paulo: Palas Athena, 2005.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA

José Silveira Passos

Engenheiro CREA RJ 39.313-D, Psicólogo CRP-05/18.842, Psicoterapeuta, Membro Didata Clínico Especialista em Análise Transacional pela UNAT-BRASIL/FATEP, Diretor do Instituto Pharos de Desenvolvimento Humano e Tecnológico no Rio de Janeiro-RJ. Atual Presidente da UNAT-BRASIL.

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade apresentar o tema “Educação Financeira versus Educação Emocional”. Será conduzido utilizando os conceitos da Análise Transacional de Eric Berne e outros autores. A dinâmica da oficina se dará da seguinte forma: Exposição teórica, debates e dinâmica de grupo.

Palavras chaves: Independência Financeira; Análise Transacional; Finanças; Educação Emocional.

A educação financeira é um tema que, até pouco tempo era negligenciado no lar, na escola, na empresa e em muitos outros seguimentos da sociedade. Sabe-se que algumas escolas no Brasil, poucas por sinal, tiveram a iniciativa de agregar em sua grade curricular esse tema tão importante em nossa vida cotidiana.

A globalização parece ajudar cada vez mais a competitividade a ficar mais rebuscada e acirrada na sociedade contemporânea. Supõe-se que para um ganhar o outro tem que perder. Isso produz uma situação insustentável diante da fragilidade com que vivemos bombardeados dia e noite com apelos da mídia para consumirmos cada vez mais. Somos convidados a todos os momentos a prestarmos atenção ao que está na moda, ao que é chic, ao que os mais “inteligentes” estão consumindo, etc. Enfim, uma gama imensa de apelações consumistas que costuma fisgar nossa fragilidade emocional. Na verdade, vivemos numa condição de opressão que se não prestarmos atenção, somos manipulados pela mídia, pelo governo, por aqueles que possuem o poder, etc.

O tema finanças costuma ser entendido, de uma maneira geral, como sendo de alçada dos economistas, administradores, contadores, etc. Coisa complicada que somente estes profissionais entendem. Não obstante, finanças, diz respeito ao nosso dia-a-dia e leva embutida a ideia do dinheiro que manuseamos para adquirir bens, vestimentas, alimentação, lazer, etc. Ou seja, estamos

envolvidos com o tema finanças grande parte do nosso tempo, e muitas das vezes nem nos damos conta deste fato.

Estive trabalhando com clientes com diversos graus de dificuldades financeira. Dentre muitas causas, uma bastante comum: crenças incapacitantes sobre o dinheiro. Muitas pessoas sabem ganhar dinheiro, mas tem dificuldade de mantê-lo. Outro, por sua vez, tem dificuldade de ganhar dinheiro e assim vão surgindo os diversos impedimentos ligados às crenças de cada um.

Pensando em uma alternativa que pudesse dar conta dessas dificuldades, comecei a testar algumas abordagens que pudesse ser tanto pedagógica quanto terapêutica. Dentre elas a Terapia Cognitivo-Comportamental, Gestalt, Programação Neurolinguística, Ecologia Humana e Análise Transacional.

A abordagem utilizando a Análise Transacional, tem se mostrado eficiente nos aspectos da alfabetização / educação financeira, tanto no nível psicoterápico como no educacional.

Alguns autores, como Peter Salovey, Jhon Mayer, Daniel Goleman, dentre outros, destacam a importância da Inteligência Emocional na vida das pessoas. Eric Berne já falava da importância de nossas emoções, separando-as em duas grandes categorias: as Emoções Autênticas e as Emoções de Disfarce.

As nossas emoções Inatas ou Autênticas (medo, tristeza, raiva, alegria e amor) são geradas automaticamente na porção límbica de nosso cérebro (aquela parte primitiva do cérebro, também chamada de cérebro reptiliano). Essas Emoções Autênticas ou naturais atuam como mecanismo de regulação do organismo, mais precisamente atuando como moderador dos instintos que por sua vez tem como objetivo último a sobrevivência do indivíduo.

As emoções de Disfarce são aprendidas, normalmente no seio familiar. O objetivo desta aprendizagem é que estas emoções passem a funcionar como mecanismos de defesa que possam “proteger” o indivíduo das faltas causadas pelo não preenchimento de necessidades básicas, principalmente necessidades emocionais na infância.

Este processo de aprendizagem das Emoções de Disfarce irá influenciar diretamente a Inteligência Emocional do indivíduo. Daí a importância da reeducação emocional que é um item de valor, para educar (ou reeducar) financeiramente. É através deste embasamento que se inicia o processo da educação financeira.

A condição emocional de cada um poderá fazer a diferença entre se deixar ser conduzido na vida financeira ou conduzir de maneira saudável a sua própria vida financeira. Se você não tem uma

meta financeira clara, é bem provável que alguém já o tenha inserido na meta dele e você está trabalhando duramente para essa meta que não é sua.

Pensando em alternativas para meus clientes é que desenvolvi uma oficina com o título: Iniciação à Independência Financeira. Emprego abordagens teórica, prática e vivencial utilizando as teorias da Análise Transacional, tais como os conceitos de Educação Emocional (Steiner, 2001), Sistema de Disfarces (Erskine, 1979), Quadro de Referência (Schiff, 1971), Processo de Desqualificação (Schiff, 1975), Opções (Karpman, 1971), Carícias (Steiner, 1971) e Ecologia Humana (Tapia, 1994).

Quando inicio um trabalho de educação financeira com um cliente, tenho que verificar primeiramente em que lugar a pessoa se encontra parada. Ou seja, começo investigando a **Situação** financeira dela. Isso tem a ver com a **Posição** real do lugar onde ela está parada (atrapalhada) financeiramente. O indivíduo pode estar parado em um lugar de uma determinada maneira e, esta maneira de como ele está parada nesse lugar, é a **Condição** com que ela está aí.

Uma coisa é a Posição (Posto) que ocupa em um cargo, por exemplo, gerente, supervisor, diretor, etc. e outra coisa é como eu estou controlando ou manejando esta Posição (este Posto que ocupo). Seja o cliente um professor, um estudante, um engenheiro, um médico, um psicólogo, não importa. O que importa é que ele tem uma Condição que é a sua maneira de estar neste lugar e tem uma obrigação de que esta Posição que ele tem é a sua Situação.

As Situações são realidades, e as Condições são subjetivas, diz respeito ao interno da pessoa.

Situação é a mesma coisa que **Posição**.

Condição é a mesma coisa que **Maneira**.

A maneira como eu estou em um lugar é a minha Condição, e o lugar no qual eu estou é a Situação (ou Posição). Quando compreendemos isso poderemos compreender também como sair da dificuldade financeira. Durante a oficina estarei suscitando nos participantes a pensarem sobre suas vidas financeiras bem como refletirem sobre novas possibilidades.

Referências Bibliográficas

Berne, Eric, Análise Transacional em Psicoterapia, Summus Editorial, 2ª. Edição, 1984.

Berne, Eric, O Que Você Diz Depois de Dizer Olá, Nobel, Rio de Janeiro, 1988.

Erskine, Richard G. e Zalcman, Marilyn J., O Sistema de Disfarce, in Prêmios Eric Berne, Revista Brasileira de Análise Transacional, publicação UNAT-BRASIL, 1971-1997.

Goleman, Daniel, Trabalhando com a Inteligência Emocional, Objetiva, 1999.

Karpman, Stephen, Opções, in Prêmios Eric Berne, Revista Brasileira de Análise Transacional, publicação UNAT-BRASIL, 1971-1997.

Salovy, Peter, PhD, Mayer e John D., PhD - Brackett, Marc A., PhD, Emotional Intelligence, Dude Publishing, 2004.

Schiff, Aaron. W. e Schiff, Jacqui L., Passividade, in Prêmios Eric Berne, Revista Brasileira de Análise Transacional, publicação UNAT-BRASIL, 1971-1997.

Schiff, Eric e Mellor, Ken, in Prêmios Eric Berne, Revista Brasileira de Análise Transacional, publicação UNAT-BRASIL, 1971-1997.

Steiner, Claude M., A Economia de Carícias, in Prêmios Eric Berne, Revista Brasileira de Análise Transacional, publicação UNAT-BRASIL, 1971-1997.

Steiner, Claude e Perry, Paul, Inteligência Emocional: um programa personalizado para desenvolver sua inteligência emocional, Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.

Tapia, Juan José, ¡Viva Bien... oMuérase!, Manual de Ecología Humana, Distribuidora y Editorial Okeidad, Argentina, 1994.

**GESTÃO DO TRABALHO VOLUNTÁRIO: FAVORECENDO A OKEIDADE E A
AUTONOMIA**

Andréa Lindner e Cecília Oderich

Resumo:

A partir de pesquisas teóricas e observações práticas das autoras, ambas com experiência de mais de 10 anos como voluntárias, foi desenvolvido este estudo, objetivando maior compreensão de como o trabalho voluntário pode ser uma forma saudável de estruturação social do tempo, ou não, identificar um padrão recorrente de voluntariado feito em bases simbióticas e propor opções para um voluntariado consciente e saudável a partir de contratos claros. Para tanto, identificou-se o risco de Jogos Psicológicos de Salvação, dentro de um quadro de passividade e simbiose, identificando comportamentos passivos como “Não fazer nada” e “Super-adaptação”. Gerenciar o voluntariado observando o desenvolvimento intra e interpessoal é uma medida preventiva, assim como construir formas de Estruturação do Tempo como Atividade e Intimidade, investindo em relações transparentes, fundamentadas na Okeidade. Propõe-se que na gestão do trabalho voluntário, o papel do analista transacional seja auxiliar na consciência do porque ser voluntário, na tomada de decisões autônomas e no estabelecimento e acompanhamento de contratos claros, incluindo as compensações não-financeiras oportunizadas pela experiência.

Palavras-chave: Estruturação do Tempo; Síndrome da Passividade; Voluntariado.

O tempo e as relações interpessoais

O que é o tempo? De que forma o tempo influencia e é influenciado na vida de cada indivíduo? A demarcação do tempo iniciou com os horários das atividades religiosas, nos mosteiros. O aparecimento dos primeiros relógios mecânicos se deu na Inglaterra, por volta do ano 1300. Assim começa-se a pensar no uso racional do tempo, e a estruturação do tempo das pessoas na sociedade industrial ocorre a partir do trabalho. Eric Berne propôs que, a Estruturação do Tempo baseia-se na existência de três Fomes Básicas: Fome de Estímulos, Fome de Reconhecimento e Fome de Estrutura. Em função delas, as pessoas buscam relacionar-se para o alívio de tensão e para receber carícias. O contato social sacia tanto as fomes somáticas quanto psíquicas.

Para Berne (1988) se duas ou mais pessoas encontram-se juntas, elas tem seis tipos possíveis de comportamento social: Isolamento, Rituais, Atividade, Jogos e Intimidade. Nos Jogos Psicológicos ocorrem sobretudo trocas de carícias negativas, condicionais ou incondicionais

autênticas, bastante intensas. Os Jogos são considerados, portanto, uma forma destrutiva de estruturar socialmente o tempo.

Pela forma como as pessoas estruturam seu tempo é possível perceber se estão carentes de algo e os Jogos que fazem. Nos Rituais as pessoas estão protegidas, pois as Carícias são de baixa potência, tudo é bastante previsível. Já nos Passatempos pode-se perceber maior sociabilidade e interesse em estabelecer contato. Os Jogos mostram indícios claros das Posições Existenciais predominantes das pessoas envolvidas e a cultura da organização. As situações e a quantidade de Intimidade demonstram os níveis de autenticidade e saúde dos envolvidos.

Trabalho Voluntário

O trabalho voluntário é aquele realizado espontaneamente, pela vontade do indivíduo. No voluntariado não ocorre ganho financeiro, tampouco vínculo empregatício. Vale ressaltar que voluntariado é diferente do chamado “assistencialismo”, caracterizado por ações pontuais, por exemplo, a arrecadação de doações, roupas, alimentos. O serviço voluntário tem uma *continuidade*, segue a sistemática de determinada atividade, setor ou trabalho.

As *Organizações Não Governamentais Sem Fins de Lucro* (ONGs) são instituições da sociedade civil organizada e geralmente tem como base o voluntariado. O voluntariado é socialmente poderoso, capaz de transformações, por isso é chamado de “Quinto Poder” (DREYER & JOHANNPETER, 2008). O voluntário possui objetivos diferentes daqueles buscados por um trabalhador remunerado, por exemplo: ajuda altruísta a outras pessoas; apoio a uma causa considerada nobre; realização pessoal e satisfação; sentimento de identificação com o trabalho ou com o grupo de voluntários; reconhecimento; experiência e aprendizagem.

Contrapontos sobre o voluntariado: Jogos Psicológicos

No trabalho voluntário, uma vez que o interesse primeiro não é a remuneração financeira, a fome de reconhecimento pode ser um fator decisivo. As pessoas buscam relações sociais que alimentem esta fome.

Sob a ótica da Análise Transacional, é importante estarmos atentos para que o voluntariado não se transforme em uso do tempo para Jogos Psicológicos. Algumas vezes, a pessoa pode buscar um trabalho como uma forma de estruturação Não Ok do seu tempo. Por exemplo, no Triângulo Dramático de Karpman (1972) voluntários podem preferir o papel de Salvador. Optando por voluntariar, por exemplo, sem terem condições, base ou objetivos altruístas e/ou de desenvolvimento intra e interpessoal.

Exemplos de situações: o voluntário deixa de lado os cuidados com sua saúde para se dedicar a uma causa, ficando doente com frequência e entrando nos papéis de Vítima ou Perseguidor; o voluntário deixa de cuidar da sua formação e carreira profissional e entra em dificuldades financeiras; o voluntário deixa de preparar-se para a aposentadoria (posição de Vítima), ficando dependente de familiares que entram para ajudar no papel de Salvadores, futuramente ambos podem criticar a instituição onde foi feito o trabalho voluntário, vendo-a como o Perseguidor que “tomou o tempo precioso de vida” daquele voluntário.

Nestes casos, podem ocorrer Jogos Psicológicos de Salvação, desqualificando a importância das metas pessoais (necessidades financeiras, cuidados com a saúde e carreira, por exemplo). O voluntário deixa para segundo plano o que é para si, desencadeando dificuldades financeiras ou carências afetivas. Os papéis no Triângulo Dramático ocorrem algumas vezes da seguinte forma: o voluntário inicia o jogo na posição de Salvador, jogando “Eu só queria ajudar”, e ao abrir mão de suas necessidades pessoais, passa para o papel de Vítima “Se não fosse por você”. Podendo inclusive afastar-se da instituição onde voluntariou com discurso crítico de que aquele lugar tolheu suas oportunidades financeiras ou afetivas – papel de Perseguidor.

No quadro conhecido como Síndrome da Passividade (SCHIFF & SCHIFF: 1971, In Prêmios Eric Berne, 2005) o voluntário neste caso utiliza a Desqualificação de aspectos do *self* (suas necessidades primárias), mantendo-se numa Simbiose com a instituição ou um provedor (parente ou amigo), de modo que o padrão de relacionamento simbiótico primário é levado e repetido no ambiente de trabalho voluntário. Conforme Mellor e Schiff (1975 in Prêmios Eric Berne 2005, p. 130) a Desqualificação é uma deformação da realidade, executada para “[...] manter o quadro de referência, desenvolver Jogos e levar adiante o *Script*, no empenho de reforçar ou confirmar relações simbióticas com outras pessoas”.

Nestes casos pode ser percebida a Grandiosidade (SCHIFF & SCHIFF, 1971 in Prêmios Eric Berne 2005) através de falas do tipo: “eu não aguento isso”, “não entendo nada de finanças”, “nenhum homem presta”. A pessoa não assume a responsabilidade pela decisão e descreve a situação ou o outro como responsável pelo seu comportamento. A Simbiose ocorre em geral no nível indivíduo-contexto (colaborador-ONG, colaborador-família), “eles deveriam fazer algo”, “eles não vão me abandonar”.

Os comportamentos passivos mais comumente identificados no voluntariado são:

1. Não fazer nada: A pessoa sente-se desqualificada para agir ou responder, gerando desconforto e incapacidade de pensar organizadamente. Neste caso o Estado de Ego executivo é a

Criança.

2. Super-adaptação: “...ocorre quando o indivíduo não identifica a sua própria meta ao tentar resolver um problema, mas tenta alcançar o que acredita ser a meta do outro” (SCHIFF & SCHIFF: 1971, In Prêmios Eric Berne, 2005). Quando estão super-adaptadas as pessoas são em geral serviçais e polidas, o que tende a não gerar resistência nos demais.

Gestão do trabalho voluntário: opções para o analista transacional

O trabalho voluntário significa doar tempo, energia, conhecimentos, experiências e ajudar os colegas com o que já pode, compondo rede de aprendizagem, de troca de energia e de saberes, gerando um movimento dinâmico e intenso de evolução pessoal e grupal. Gerenciar de forma equilibrada o voluntariado, observando ao mesmo tempo o desenvolvimento intra e interpessoal é uma medida preventiva para não cair em Jogos Psicológicos.

A capacidade de influenciar e ser influenciado positivamente nas interações implica em construir formas de estruturação do tempo como Atividade e Intimidade. No voluntariado estas podem ser conquistadas na medida em que as pessoas estruturam sua atuação com papéis claramente definidos, processos e metas. Bem como se investe em relações transparentes, fundamentadas na *Okeidade*.

Na gestão do trabalho voluntário, o papel do analista transacional é fundamental para auxiliar na tomada de consciência do porque da escolha em ser voluntário. Ajudar a identificar quando o trabalho voluntário está à serviço de metas e objetivos pessoais e grupais construtivos, fruto de decisões autônomas, ou quando se torna um meio para manter-se na simbiose primária, pautando ações e relações através de Jogos.

Outro papel importante é favorecer com que na chegada do candidato a voluntário seja estabelecido um Contrato que leve em conta os quatro requisitos propostos por Steiner (1976): Consentimento Mútuo, Compensação, Competência e Objeto Legal. Dando especial atenção ao requisito Compensação, uma vez que ela não é financeira. Esta Compensação precisa estar clara para evitar Jogos e favorecer correções de rumo. Todo Contrato deve ser baseado numa compensação válida no sentido de haver benefícios para o voluntário e para a instituição na qual voluntaria.

O voluntariado é uma oportunidade ímpar na construção de relações interpessoais profundas e significativas, fundamentadas em objetivos altruístas e de impacto social. O analista transacional pode favorecer a tomada de consciência de que temos possibilidade de escolher formas gratificantes e efetivas de utilizar nosso tempo, bem como temos responsabilidade pelas escolhas que fazemos e pelo modo como nos relacionamos com os outros.

Bibliografia

BERNE, Eric. **Análise Transacional em psicoterapia**. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **O que você diz depois de dizer olá?** São Paulo: Nobel, 1988. Reimpressão 2007.

_____. **Os Jogos da vida: análise transacional e o relacionamento entre as pessoas**. São Paulo: Ed Nobel, 1995.

DREYER, Lilian & JOHANNPETER, Maria Helena Pereira. **O Quinto Poder – Consciência Social de uma Nação**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

FGV Online. **Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho**. Apostila do curso, 2010.

KARPMAN, S. Contos de Fada e Análise do Drama dos Scripts. TAB, 7 (26), 1968. In **Prêmios Eric Berne**, São Paulo: UNAT-BRASIL: 2005.

KRAUSZ, Rosa. **Trabalhabilidade**. São Paulo: Scortecci, 2012.

MELLOR, Ken & SCHIFF, Eric. Desqualificação. TAJ, v.5, julho 1975. **Prêmios Eric Berne**. UNAT-BRASIL: 2005.

SCHIFF, Aaron W. & SCHIFF, Jacqui L. Passividade. TAJ – v.1, janeiro 1971. **Prêmios Eric Berne**. UNAT-BRASIL: 2005.

STEINER, Claude. **Os papéis que vivemos na vida**. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1976.

HARMONIZAÇÃO DE CONFLITOS

Daniela Carvalho Piaggio

Modalidade: Oficina

Resumo

“Palavras são janelas ou são paredes. Elas nos condenam ou nos libertam. Quando eu falar e quando eu ouvir, que a luz do amor brilhe através de mim. Há coisas que preciso dizer, coisas que significam muito para mim. Se minhas palavras não forem claras, você me ajudará a me libertar?” (ROSEMBERG, 2006, p. 17). Este trabalho propõe que as abordagens da Análise Transacional, da Comunicação Não-Violenta e da Educação Emocional, juntas, podem oferecer a oportunidade de autodesenvolvimento por meio das potencialidades do indivíduo podendo gerar empoderamento e autenticidade. Proporcionam também a compreensão de aspectos da personalidade humana, de como a comunicação influencia os relacionamentos e pode gerar conflitos.

Palavras-chave: Análise Transacional; Comunicação Não-Violenta; Conflito; Educação Emocional.

Harmonização de conflitos nas relações

Como obter o autoconhecimento e o fortalecimento das relações entre as pessoas para uma vida integral? Como construir relações significativas? Como manter um ambiente verdadeiramente saudável no trabalho e ser produtivo a partir daí? Qual o papel das emoções neste contexto? O presente trabalho traz a percepção e o uso apropriado das emoções para o centro da construção de relações saudáveis no trabalho – e na vida!

Para Berne (1988, p. 19) “dizer Olá corretamente é ver a outra pessoa, ter consciência dela como um fenômeno, acontecer para o outro e estar pronto para que o outro aconteça para você”. Uma vez que isto acontece, torna-se possível lidar com os conflitos como parte da vida e não como um obstáculo à paz.

Para Jarez (2006) “conflito consiste numa distinta percepção de interesses, ou na convicção de que as aspirações atuais das partes não podem ser simultaneamente alcançadas”. É muito comum as pessoas acharem que os conflitos são sempre ruins, sempre negativos. Os conflitos são normais e

não são em si positivos ou negativos, maus ou bons. É a forma como enfrentamos ou encaramos os conflitos que os torna negativos ou positivos, construtivos ou destrutivos.

Frente ao conflito, as pessoas em geral assumem três tipos de atitudes:

- a) ignorar os conflitos da vida;
- b) responder de forma violenta aos conflitos;
- c) lidar com os conflitos de forma não-violenta, por meio do diálogo.

Para dialogar sobre o tema e buscar opções de lidar de forma não-violenta utilizaremos a Análise Transacional de Berne, Educação Emocional de Steiner e a Comunicação Não-Violenta de Rosenberg.

A Análise Transacional “É uma forma engenhosa de oferecer às pessoas condições de se transformarem, através de aprendizado, em conspiradores de uma nova ordem social na qual o conhecimento de si próprio e o desenvolvimento das potencialidades pessoais são viabilizados” (KRAUSZ, 1987).

Um dos recursos para lidar com os conflitos de maneira construtiva é através da teoria dos Estados de Ego. Para Berne (2011, p. 143) de um ponto de vista objetivo existe um conjunto de padrões de comportamento integrados, e do ponto de vista subjetivo, há um sistema correspondente de sentimentos. Os dois, o comportamento e o estado da mente, forma um Estado de Ego ativo. Também a teoria de Transações pode ser utilizada.

Para Berne (1995, p. 30) a unidade das relações sociais é chamada de “Transação”. Se duas ou mais pessoas se encontram numa reunião de caráter social, mais cedo ou mais tarde uma delas irá falar, ou dará qualquer indicação de ter se inteirado da presença das outras.

Uma outra opção para dialogar sobre o assunto, é a Comunicação Não-Violenta (CNV) que para Rosenberg (2006, p. 21) que “é uma abordagem específica da comunicação – falar e ouvir - que nos leva a nos entregarmos de coração, ligando-nos a nós mesmos e aos outros de maneira tal que permite que nossa compaixão natural floresça”.

A CNV nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros. Nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que estamos percebendo, sentindo e desejando. Somos levados a nos expressar com honestidade e clareza, ao mesmo tempo que damos aos outros uma atenção respeitosa e empática. Em toda troca,

acabamos escutando nossas necessidades mais profundas e as dos outros. À medida que a CNV substitui nossos velhos padrões de defesa, recuo ou ataque diante de julgamentos e críticas, vamos percebendo a nós e aos outros, assim como nossas intenções e relacionamentos, por um enfoque novo. A resistência, a postura defensiva e as reações violentas são minimizadas. Quando nos concentramos em tornar mais claro o que o outro está observando, sentindo e necessitando em vez de diagnosticar e julgar, descobrimos a profundidade de nossa própria compaixão. Pela ênfase em escutar profundamente - a nós e aos outros -, a CNV promove o respeito, a atenção e a empatia e gera o mútuo desejo de nos entregarmos de coração. Baseia-se em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas. (ROSENBERG, 2006, p. 20-22)

Também esta prática é composta pelo método da Educação Emocional que foi desenvolvido por Claude Steiner em 1979 e é um método para desenvolvimento de aptidões emocionais que possibilitam compreender os sentimentos próprios e os dos outros. É um componente fundamental do poder pessoal pois as emoções são poderosas e devemos fazê-las funcionar a nosso favor – transformando-as em forças (STEINER, 2001, p. 15)

As três teorias compõem uma abordagem clara e prática e reforçam a experiência da autenticidade nas relações humanas.

REFERÊNCIAS

BERNE, Eric. Os Jogos da Vida. São Paulo, Nobel, 1995

BERNE, Eric. Estrutura e Dinâmica das Organizações e dos Grupos. 1963. UNAT: Circulação Restrita, 2011.

BERNE, Eric. O que Você Diz Depois de Dizer Olá? A Psicologia do Destino. 1. ed. São Paulo: Nobel, 1988.

JAREZ, Xesús R., Educação e Conflito: Guia de Educação para a Convivência, 2002.

KRAUSZ, Rosa. II Jornada de AT, RJ/1987

ROSENBERG. Marshall. Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo, Agora, 2006.

STEINER, Claude. Educação Emocional: um programa personalizado para desenvolver sua inteligência emocional. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

**IDENTIFICAÇÃO DO MECANISMO DE DESQUALIFICAÇÃO NO PROCESSO DE
DIAGNÓSTICO EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL**

Mary Luce Mariano de Souza Melazzo

Resumo

O presente estudo aborda a Desqualificação no processo de diagnóstico em Orientação Profissional e aponta formas de tratamento deste mecanismo interno. Inicialmente apresenta fatos significativos do desenvolvimento da Orientação Profissional, situando os leitores sobre as principais influências teóricas nos trabalhos dos orientadores profissionais e finaliza confirmando que a Teoria da Análise Transacional, pode contribuir de forma significativa e efetiva na ampliação dos conceitos teóricos e na prática da Orientação Profissional.

Palavras-chave: ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL; DIAGNÓSTICO;
DESQUALIFICAÇÃO

A teoria Análise Transacional, contempla com seus conceitos uma compreensão do ser humano no campo pessoal e social. Também consiste num conjunto de técnicas destinadas a facilitar que o ser possa conhecer-se e, portanto, fazer a escolha de modificar seus padrões de comportamento disfuncionais. Vários conceitos da Análise Transacional nos permitem diagnósticos e tratamentos. Neste referido estudo abordo o conceito de Desqualificação segundo Mellor e Schiff (1986), onde os autores a definem como um mecanismo interno, fora da consciência, que leva pessoas manifestar comportamentos de minimizar, ignorar ou distorcer alguns aspectos de si próprios, de outras pessoas, ou a da própria realidade. Na posição dos autores, há uma realidade consensualmente definível e com a Desqualificação o indivíduo age de acordo com um Quadro de Referência que deforma ou é inconsciente a essa realidade. A Desqualificação não é operacionalmente observável, portanto podem-se perceber algumas manifestações deste mecanismo tais como Comportamentos Passivos, Redefinição de Transações, Transações Ulteriores e comportamentos nas posições do “Triângulo Dramático” de Karpman (SCHIFF & SCHIFF, 1986).

As Desqualificações têm sido classificadas de acordo com a área, tipo e modo. As três áreas que as pessoas Desqualificam são alguns aspectos de si, dos outros ou da situação real. Em qualquer uma dessas áreas, três tipos de Desqualificação podem ser identificados: Desqualificação de estímulos, de problemas e/ou de opções. Há quatro modos em que cada tipo de Desqualificação pode

ocorrer: existência de estímulos, problemas ou opção; significado de estímulos, problema ou opção; possibilidades de mudanças relacionadas aos estímulos, problemas e opções e habilidade pessoal em perceber estímulos, resolver problemas e efetivar suas próprias escolhas.

IDENTIFICAÇÃO DO MECANISMO DE DESQUALIFICAÇÃO EM UM DOS CRIÉTRIOS EM ESTRATÉGIA CLÍNICA - SITUAÇÕES QUE O JOVEM ATRAVESSA.

Situação Predilemática: é aquela por que passa o adolescente que “não se dá conta” que deve escolher. Estes são os casos em que o adolescente é trazido à entrevista e, uma vez nela, não entende o que se espera dele, qual é a dificuldade que “os outros” supõem que ele tem. O tema da Orientação Vocacional parece não preocupá-lo. Nesta situação, o jovem tende a desqualificar os estímulos internos e externos em relação à possibilidade de pensar sobre sua escolha profissional. Muitas vezes, ignora a colaboração de outras pessoas no seu processo de escolhas e pode desqualificar a importância de participar de atividades tais como: feira e mostras de profissões, de um trabalho de Orientação Profissional dirigido por profissional capacitado, atividades que ampliem suas informações através de material informativo sobre as profissões e o mercado de trabalho. Desqualificando os estímulos, ele desqualifica o significado do estímulo - por que e para que escolher - minimizando a importância de pensar e viver a escolha profissional nesse seu momento de vida. Desqualificando o significado do estímulo, ele desqualifica a possibilidade de elaborar sua identidade profissional e pode nem se conscientizar do significado deste problema em sua vida presente e futura. Desqualificando a mudança de estímulos – elaborar sua identidade profissional – ele ignora as oportunidades de desenvolver habilidades pessoais, inclusive de realizar sua própria escolha. Portanto, desqualificando os estímulos o jovem ignora os problemas que podem surgir em sua vida – muitas vezes, nem os inclui em uma definição de problema – resultado de seu comportamento inerte e apático, o que conseqüentemente reduz significativamente as possibilidades de Opções no âmbito pessoal e profissional.

Situação Dilemática: caracteriza-se pela presença de afetos confusos numa pessoa que se dá conta de que enfrenta uma dúvida, uma dificuldade num momento de mudança. Nesta situação, o jovem já reconhece estímulos que o levam a querer pensar em escolher uma profissão, mas ainda desqualifica o significado disto na sua vida, não tem clareza do porque e como escolher, tende a buscar respostas rápidas e mágicas, tais como desejar que um teste, seja suficiente, para resolver sua questão profissional. No geral, minimiza a importância de estar ativo nesse processo,

consequentemente pode desqualificar a possibilidade de estruturar e elaborar sua identidade profissional e desenvolver suas habilidades pessoais. Se o jovem continuar desqualificando o significado do estímulo – por que e para que escolher – ele irá desqualificar o significado dos problemas que poderão surgir devido a uma alienação desta escolha. Por exemplo, se optar pelo resultado de um teste, pura e simplesmente, pode desqualificar problemas que surgirão quando perceber que fez uma escolha em que não se reconhece e com a qual não se identifica. Desqualificando o significado do problema, esse indivíduo poderá ignorar a possibilidade de ampliar sua consciência para uma gama de opções à sua disposição. Portanto, quando as opções são desqualificadas, a importância do significado do problema – ter feito uma escolha alienada – é desqualificada ao menos na extensão em que o problema surgido desta atitude não é visto como bastante significativo para que se procurem diferentes opções, e a possibilidade de fazer diferentemente também é ignorada.

Situação Problemática: caracteriza-se por um grau elevado de conflito, capaz de determinar no adolescente uma dinâmica tal que possa superá-lo. Nela, o adolescente está realmente preocupado. Seus esforços encontram-se a serviço de uma análise exaustiva da situação. O aspecto manifesto de sua conduta revela esse indivíduo como “disponível”, que pode usar sua capacidade para olhar, pensar e agir no que diz respeito a seu mundo futuro. Nesta situação, o jovem já reconhece estímulos que o levam a querer viver e pensar sua escolha profissional, apresentando consciência da importância de participar de propostas que possam auxiliá-lo nesta empreitada. As desqualificações mais frequentes nesta fase dizem respeito à dificuldade apresentada pelo jovem em lidar com mudanças em seu Quadro de Referência, trazendo conflitos tais como: medo em escolher algo diferente das expectativas dos pais; dúvidas em deixar de efetivar uma escolha feita na infância, receio se determinada profissão é válida para sua condição de homem ou mulher, dentre outros conflitos internos que revela ao longo da entrevista. O adolescente pode desqualificar a possibilidade em se reconhecer e apropriar-se de si. Desqualificando a possibilidade de reestruturar seu Quadro de Referência, o jovem pode desqualificar a possibilidade de aprender a confrontar seus questionamentos internos e em desenvolver habilidades para resolvê-los, portanto ignora a possibilidade de escolher o que é mais viável e adequado para sua vida. Se continuar nesta posição, acreditando que não existem possibilidades de fazer diferente – exceto por sorte – poderá continuar não obtendo êxito na solubilidade de seus conflitos e não desenvolverá sua habilidade para mudar. Portanto, nesta fase o adolescente tende a ignorar seu direito em realizar suas próprias escolhas.

Situação de Resolução: nesta situação, o adolescente vê seus antigos mecanismos reativados e postos a serviço da elaboração da perda. É capaz de reconhecer seu medo e sua tristeza e, inclusive, alheações de ambos os tipos de afeto. Raramente, na primeira entrevista, o adolescente revela que está passando por esta situação, ao contrário, tal reconhecimento é mais próprio da última entrevista. Espera-se que o jovem consiga elaborar o luto pelas escolhas que não fez, mas se ainda este não foi concluído, costuma aparecer fantasias ligadas ao fracasso nos estudos ou disposições que acalentam a ideia nostálgica de seguir todas as carreiras. As defesas momentâneas mais frequentes nesta fase são: regressão, repressão, negação e a idealização. Regressão: o adolescente, após ter revelado comportamentos maduros e adaptados à realidade, passa a pedir que escolham por ele; a repressão quanto aos seus reais sentimentos e se pode mesmo seguir a escolha que deseja, a negação de sua própria capacidade de decisão; a idealização. Estas defesas que emergem após todo um processo de autoconhecimento se diferenciam daquelas do mesmo padrão que podem aparecer na situação predilemática, dilemática ou problemática. Nesta situação, o adolescente tende a desqualificar sua própria habilidade em resolver conflitos, pode ignorar que opções reais existem e são viáveis, se o mesmo continuar com este padrão de comportamento, ele poderá não conseguir elaborar o luto necessário e, portanto, pode não conseguir realizar uma escolha assertiva e satisfatória.

Por fim proponho tratamento para o mecanismo de Desqualificação encontrado.

Bibliografia:

BERNE, E. Análise Transacional em Psicoterapia. Tradução: Lúcia Helena Cavasin Zabotto. São Paulo: Summus, 1985.

_____ O que você diz depois de dizer olá? Tradução: Rosa R. Krausz. São Paulo: Nobel, 1988.

_____ Princípios de tratamento de grupo. UNAT-BRASIL, 1966

BOHOSLAVSKY, R. Orientação vocacional: A estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL – Lei n.4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo, 1962.

CARVALHO, M. M. J Orientação Profissional em grupo: Teoria e técnica. São Paulo: Editorial Psy II, 1995.

CREMA, R. Manual de análise transacional. Brasília. Teledata. 1982.

DUSAY, J. M. Os Egogramas e a “ Hipótese de Constância”. In: UNAT-Brasil. Prêmios Eric Berne 1971-1997. 4ª ed. Porto Alegre: Suliani Editografia, 2010.

FREITAS, E. Origens e organização do ISOP. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 1973, 25(1), 7-76.

GOULDING, L. R. & GOULDING, M.M.. Ajuda-te pela Análise Transacional, a arte de viver bem com a terapia da redecisão, IBRASA, 2 ed, 1979

JACQUEMIM, A., SILVA, L.L.M. Intervenção em Orientação Vocacional / Profissional: avaliando resultados e processos. São Paulo: Vetor, 2001.

LEHMAN, Y. P. Aspectos afetivos e cognitivos na Orientação Profissional de adolescentes. São Paulo: 115p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1980

Martins. C.R. Psicologia do comportamento vocacional: contribuição para o estudo da Psicologia do comportamento vocacional. São Paulo, EPU, 1978.

MELLOR, K. e SCHIFFI, E. Desqualificação – Prêmios Eric Berne 1971-1997- Suliani Editografia Ltda. Porto Alegre. UNAT- Brasil.

_____,(1975). Redefinição, TAJ, v.5, julho.

PIMENTA, S. G. Orientação vocacional e decisão: estudo crítico da situação no Brasil. 2ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1981.

SANTOS, O. B. Psicologia aplicada à orientação e seleção profissional. 8.ed. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1980

SCHIFF, J. L. Análise Transacional – Tratamento de psicoses – Leitura do Cathexis; Apostila compilada pela UNAT-Brasil, 1986

SPARTA, M. O desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil. Revista Brasileira de Orientação Profissional, V.4, n.1-2, São Paulo, 2003.

INFLUÊNCIA DOS JOGOS PSICOLÓGICOS NAS DISTINTAS ETAPAS DA DINÂMICA AMOROSA

Antônio Pedreira³

Resumo

Que ocorre na dinâmica amorosa que acarreta tanto desgaste na relação amorosa? Esta questão e sua resposta é conteúdo deste trabalho fruto da observação em clientes do autor; que realizou terapia com casais nos últimos 8 anos, com atenção especial ao impacto dos Jogos Psicológicos em cada etapa da dinâmica amorosa. Relata a experiência adquirida nestes 33 anos de prática de psicoterapia, com especial enfoque no referencial teórico e prático da Análise Transacional (AT) e expõe sumariamente cada etapa, apresentando uma lista dos Jogos mais prevalentes em seu estudo, que se processam desde o *apaixonamento* e estabelecimento do *amor romântico*, os subseqüentes passos para o *amor companheiro* ou o *amor em transição*, nas *crises conjugais e suas tréguas* até a estabilização do vínculo amoroso ou sua ruptura.

Palavras chave: Terapia de casal, Análise Transacional, Jogos Psicológicos.

INTRODUÇÃO

No livro “*Jogos da Vida*”(1968, p.70) Eric Berne escreveu: “*Seus jogos favoritos também determinarão seu destino último... os benefícios de seu matrimônio e de sua carreira profissional, bem como as circunstâncias que rodeiam em sua morte*”. Em vista disso, decidi retomar este importante tema com o objetivo de investigar o alcance desta afirmação dele. E algumas questões instigantes: 1) Por que razão as relações afetivas começam de modo tão bom e mudam tanto, após algum tempo? 2) Que há na dinâmica amorosa que causa tanto desgaste, a ponto de converter amantes apaixonados em “inimigos cordiais” ou meros hóspedes da mesma casa? 3) Como se dá tal desgaste numa relação que começou de modo tão arrebatador e cheio de sonhos, fantasias e desejos? Com todas estas questões e a natural curiosidade pessoal, iniciei uma incessante revisão bibliográfica. Enquanto adquiria experiência ao longo de 33 anos em sessões de psicoterapia de

³ Médico, Membro Didata clínico da UNAT-BRASIL e da ALAT. Especialista em Análise Transacional pela FATEP – Brasília. Emprega AT em psicoterapia individual, grupal e de casal. É Diretor de ética da UNAT-BRASIL (2012-2014) e Ex- Presidente da ALAT (2008/2009). Autor de 10 livros com enfoque em AT.
E-mail: atpedreira@uol.com.br

casais, individual e grupal, enfocadas no referencial teórico e prático da AT, busquei respaldo em terapias de casais de meu consultório particular, nos últimos oito anos.

O fundamento metodológico desta investigação em seus detalhes constam da secção **MATERIAL E MÉTODOS** do artigo publicado na Revista de Análisis Transaccional y Psicología Humanista, Nº 63, Año 2010, que também esta disponível em formato eletrônico na Página Web de AESPAT ([WWW.aespat.com](http://www.aespat.com) y em DIALNET <http://dialnet.uniriuoja.es>).

A intenção original era identificar e fazer uma listagem destes Jogos, já atento ao papel nocivo nos relacionamentos, sem a preocupação de descrevê-los (descrições em Berne, 1964 e Kertész, 1977), mas, localizando-lhes nas distintas fases do esquema da dinâmica da relação de casal, descrita por Masters & Johnson (1985), e modificada pelo autor desta pesquisa. Logrei constatar e situá-los em cada etapa, e dirigi minha atenção para as descrições e declarações de Eric Berne, para estabelecer semelhanças e diferenças entre este estudo e o de Berne. Este estudo começou com uma constatação qualitativa e uma curiosidade em confirmar uma impressão clínica que foi evoluindo para uma listagem. Feitas as verificações em sessões individuais, e as confirmei na terapia, grupal e de casal.

RESULTADOS E DESENVOLVIMENTO DO TEMA

A principal resposta às questões levantadas foi a de que o impacto produzido por Jogos Psicológicos nas distintas etapas da dinâmica amorosa está na base de muitos dos desencontros nos relacionamentos de casal. Recordemos que Berne descreveu nos casais dois tipos de Jogos: os maritais e os sexuais. Nossos estudos mostram que costumavam ocorrer outros tipos de Jogos na dinâmica amorosa, que Berne não os mencionou. Enriquecemos o modelo original de Masters & Johnson (Anexo 1), em que pudemos enquadrar a grande maioria dos casos destes clientes.

Na verificação, a computação global resultou na listagem a seguir dos Jogos mais recorrentes da maioria dos casais estudados.

1. Prontidão para amar ou Predisposição Amorosa

A pessoa apta para amar, intuitivamente busca alguém com a ideia de amar e ser amado, e parte à sua procura, com ânsia por intimidade e companheirismo, visando satisfazer suas carências psicoafetivas e sexuais com aquela pessoa. Nesta etapa ainda não observamos a prática de Jogos Psicológicos.

2. Apaixonamento

É um momento mágico, de alegria e aflição (pelo medo do *não*) tendo o Adulto contaminado oscilando entre a Criança Livre e uma predominante Criança Adaptada submissa. Daí, o forte medo de desagradar, derivado do Compulsor “*Agrade*”, que lhe deixa preocupado e refém do que pensa a pessoa amada. É um estado alterado de consciência, que beira a irracionalidade desenfreada. O Apaixonamento tem prazo de validade inferior a 2,5 anos, pois o organismo não suporta por mais tempo o estresse mantido pela Dopamina. O cérebro fica *dopado* pela expectativa, e com o *sim*, inicia-se o vínculo que desemboca no Amor Romântico, etapa rica em gestos de carinho, beijos, abraços e toques, conforme o Quadro de Referência de cada um. Tais Carícias servem para mitigar a “*fome de contato*” (Berne, 1964).

Que sucede na dinâmica amorosa que acarreta tanto desgaste em algo que começou tão vibrante? Sem dúvida, os Jogos Psicológicos são os principais responsáveis. Eis os Jogos mais prevalentes na fase do Apaixonamento: ***Sedução; Perfeito Cavalheiro; Cheque de goma; Só quero te ajudar; Sabichão do Vilarejo; Divino e Maravilhoso; Violação e Rapo.***

3. O Amor Romântico: O Estar Amando

Estabelecido o vínculo de reciprocidade afetiva, vem uma fase de alegria, sorrisos fáceis, com ampla troca de olhares e o desejo de maior proximidade física possível. Os convites simbióticos são frequentes. Arrebatamento e inspiração são demonstrados pelos apaixonados, diante do menor sinal de reciprocidade afetiva, traduzindo como a Criança Livre é mobilizada, e que se torna ativadíssima em ambos nesta fase, inclusive quimicamente. Registre-se que 3 fatores que tornam a paixão mais intensa, diretamente proporcional: à *distância, à repressão e aos obstáculos*, e que costumam desaparecer com a convivência matrimonial. Daí se chega ao Amor em Transição, ou ao Amor Companheiro. No Amor Romântico, apesar de tão inspiradora, é possível se detectar Disfarces e também os seguintes Jogos: ***Flor de Estufa; Psiquiatria; Querida; Ciúmes; Alcoólico sólido; Perna de pau.***

4. a) Amor em Transição, o início dos desgastes

Advém do Amor Romântico, ocorrendo espontaneamente em 95% a 99% dos casais. É uma fase bastante importante que tem relação direta com a paixão, pois tudo o que deixou de ser visto lá, por Desqualificação em razão da intensa vibração, idealização e fantasias, aqui passa a ser cobrado. Surgem as cobranças, exigências e reclamações, através do Compulsor *Agrade-me*, para ter suas

expectativas cumpridas, resultando ressentimentos e frustrações que acompanham a sensação de ter sido Vítima de um engano. Surge um Pai Crítico não OK muito forte. Ex. os detalhes corporais que foram motivos da atração física inicial para a sua Criança Livre, agora servem de iscas para Jogos de Ciúmes, através protestos e críticas de seu Pai não OK coibindo certos trajés que os põem em evidência. Jogos prevalentes aqui: ***O meu é pior que o seu; Sim, mas... ; Bate-boca; Desculpe!, Se não fora por você... ; Devem me aceitar como sou.***

4. b) Amor Companheiro: a transmutação ideal do Amor Romântico

A dependência Simbiótica se converte numa salutar interdependência emocional. Sem psicoterapia, só 1% a 5% dos casais alcançam esta fase, em que os 5 parâmetros duma relação saudável: *Confiança, Respeito, Admiração, Intimidade-ternura e Sexo*, estão num equilíbrio saudável. A relação é segura, rica em alegria e afeto. A simples presença simultânea no mesmo ambiente, sem as exaltações da paixão, transparece a imensa sintonia que caracteriza o Amor Companheiro. **Esta etapa é praticamente isenta de Jogos** – salvo uns poucos, e em grau leve, já descritos no período do Amor Romântico – já que a maioria das Transações são OK: (CL-CL e PN-PN) e a Estruturação do Tempo predominante é a Intimidade, incompatível com Jogos.

5. O Amor em Conflito: A CRISE CONJUGAL

Após a Transição Amorosa, a coleção de maus sentimentos crônicos e a prática de Jogos acaba causando desgastes, que levam à crise no casal, ou Amor em Conflito. As comunicações ficam tensas com os Jogos de poder que ocorrem, entre 4,5anos e 8,5 anos. Esta crise pode vir a ser decisiva na vida do casal, podendo até ser positiva e levar ao crescimento. A situação se torna muito tensa pelas disputas em lugar de diálogos construtivos. As discussões freqüentes, com ofensas mútuas, agressões verbais, morais, e até físicas, de modo simbólico ou aberto. Os Jogos mais freqüentes nesta etapa são: ***Veja o que você me fez fazer; Encurralador; Peguei-te! ; Bate-boca; Devedor-Credor; Defeito; Alcoólico; Alvorço; Que briguem vocês dois; Frigidez; Perversão.***

O clima na crise do casal pode se tornar quase insuportável, e tomar uma destas três possibilidades: **Trégua, Resolução ou o Desapaixonamento**. Em razão dos maus sentimentos coletados ao final dos Jogos, os *Selos* de troca que vêm sendo guardados desde a fase da Transição e Conflito, é que propostas bem intencionadas de estabilizarem a relação acabam malogrando. As reiteradas propostas de *discutirem a relação*, visando a Resolução, tendem a desgastar ainda mais o relacionamento, já debilitado, sendo lançadas várias Iscas para Jogos de Bate-boca, indo desembocar

em nova crise conjugal. Aí podem surgir as danosas relações extraconjugais, ampliando o Conflito. Pode haver novas tréguas, e novas crises, e a relação marchar para o Desamor.

6. O Desamor ou Desencanto: O inexorável desgaste.

Após sucessivos conflitos, as escassas comunicações ficam mais e mais tensas, reduzindo a sintonia e intimidade. Em casais de longa duração em que preponderavam Simbiose e Passividade, observamos e descrevemos em um livro (2009) o fenômeno por nós designado como: Síndrome da Abstinência Simbiótica. O membro simbiote que é deixado sofre mais que o que tomou a iniciativa da ruptura, e padece de efeitos muito parecidos a de viciados cuja droga é suprimida repentinamente. Os Jogos mais frequentes da fase do Desapego são: ***O meu é melhor que o seu...*** (referente ao tipo de amor); ***Veja o que você me fez fazer!***; ***Se não fosse por mim...***; ***Bata-me; Defeito; Encurralado; Mártir; Veja o quanto me esforcei!***; ***Devedor-Credor*** (bens); ***Querida*** (em 3º grau); ***Como sair daqui?***; ***Polícia e ladrões.***

7. O Desamor ou Desilusão

É o final da vinculação afetiva. Há esfriamento total da relação, e a sensação de não estar mais amando àquela pessoa. Não há mais retorno! Neste estudo não tivemos caso algum de um recomeço viável, mas o visto foi um esfriamento afetivo do *objeto amado*, que agora lhe parece tão distante e estranho. Um final melancólico para uma história que começou tão belo e emocionante. Os Jogos prevalentes nesta fase: ***Tribunal; Encurralado; Mártir; Devedor-Credor*** (bens); ***Defeito; Pobre de mim! Estúpido; Querida*** (3º grau); ***Vou mostrar para eles...***; ***Abandonado e enganado.***

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Segundo Berne (1964) *“Praticamente qualquer Jogo pode constituir o funcionamento da vida matrimonial e familiar, mas alguns... medram mais facilmente ou se toleram por mais tempo”*. (Berne, 2007, p.107). O resultado final não depende de se o Jogo é sexual ou conjugal, pois para Berne: *“Só arbitrariamente estes Jogos podem ser distinguidos entre uma e outra categoria”*. Retomamos este tema sob outra ótica, verificando quais os Jogos mais prevalentes e sua correlação com o dano. Como na estatística de Masters & Johnson (1985), só 1% a 5% das relações de casal são exitosas, este trabalho traz uma contribuição de utilidade para os facilitadores em seus trabalhos e também em suas vidas pessoais.

É válido começar bem a relação com o Apaixonamento, sim, porém sem Desqualificação da sua percepção, nem a Grandiosidade de atribuir predicativos divinos à pessoa. O ideal é ver a outra pessoa como ela é, e não como gostaria que fosse, ciente de que os Jogos Psicológicos são os grandes responsáveis pelo desgaste da relação, fora da percepção consciente do Adulto. Sabendo-se como seus processos de pensamentos, sentimentos e conduta interagem para desgastar sua relação de casal, a melhor decisão é mudá-los de verdade, espontaneamente, ou através da terapia do casal. Apoiado pelo Adulto do terapeuta, pode-se atingir esta meta, com a decisão de ambos de sair deste lugar vicioso e restritivo, e alcançar um estágio de crescente bem-estar, até a alta terapêutica. É essencial não colecionar maus sentimentos sobre a pessoa amada.

É salutar separar-se emocionalmente de sua família nuclear e investir energia emocional em seu vínculo amoroso, criando-se uma identidade como casal, que equivale a cortar o cordão umbilical e assumir a sua maturidade, libertando-se de vínculos Simbióticos, que tanto interferem no crescimento individual e do próprio casal.

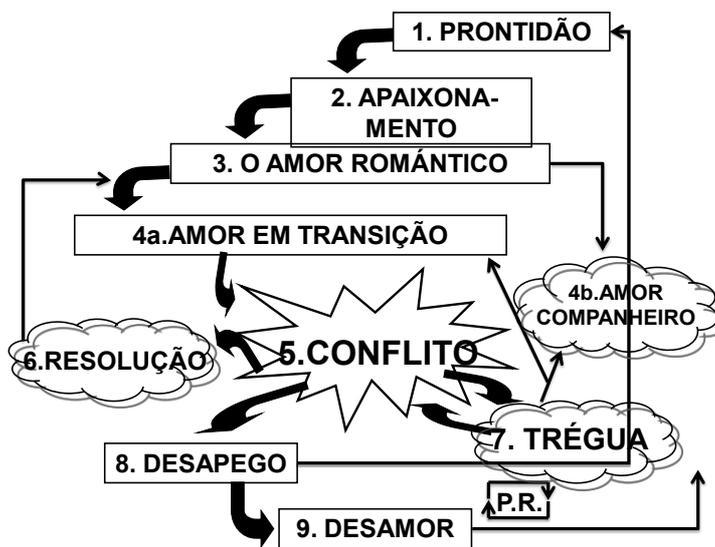
REFERÊNCIAS

- Berne, E. (1976). *Sexo e Amor*. Rio de Janeiro: José Olímpio.
- _____ (1977). *Os jogos da vida*. Rio de Janeiro: Editora Artenova.
- _____ (1988). *O que diz você depois de dizer olá? – A psicologia do destino*. São Paulo: Nobel.
- Kertész, R. y Induni, G. (1977). *Manual de Análisis Transaccional*. Buenos Aires: Editorial Conantal.
- Masters, W. y Johnson, V. (1985). *On Sex and Human Loving*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Pedreira, A. (2008). *A hora e a vez da Competência Emocional*. Salvador: Casa da Qualidade. 8ª Ed
- _____ (2009). *Aritmética das emoções*. Salvador: Contexto Serviços Editoriais.
- _____ (2010). *Sufrir o disfrutar, cuestión de opción*. Revista de ATy Psicologia Humanista.
- _____ (2011). *Análise Transacional de Conselhos Tradicionais*. Salvador: A Priori Editorial 12ªEd.
- _____ (2012) *Um ensaio de Análise Etimológica Transaccional*. S.P. 1ªEd. UNAT-BR.
- _____ (2013). *Gramática das emoções*. Salvador-BA: a Priori Editorial. 3ªEd.

Satir, V. (2007). En contacto íntimo: Cómo lograr una relación auténtica.. Madrid: Editorial Neo Person.

Schiff, J. et al. (1975). The cathexis transactional analysis treatment of psychosis. NY: Harper and Row.

ANEXO NÚMERO 1



JOGOS DE PODER, ESTRESSE E QUALIDADE DE VIDA

Antônio Pedreira

PALAVRAS CHAVE: Estresse, Poder, Interrelações e Análise Transacional, Qualidade de Vida

Muitas são as variáveis que afetam a saúde mental e a qualidade de vida do homem atual. Em um estudo com 6500 clientes, foi-nos possível identificar os 10 principais processos indutores ao mal estar: apego, reversão de expectativas, nível alto de exigências, comunicação inadequada, autoestima rebaixada, catastrofização, autocomiseração, sentimento de culpa, não validação positiva e contratos mal feitos. Vários destes fatores causais podem se coligar para determinar os estressores que levam ao sofrimento.

Sem dúvida, a capacidade de influenciar e ser influenciado nas interações humanas está bastante relacionado com o poder pessoal. Compreendendo o alcance deste poder, e o usando em conexão com os princípios Transacionais, bem estabelecidos por Eric Berne, estaremos habilitados a obter a devida fluidez nas relações interpessoais. Estaremos também atentos ao risco dos perniciosos Jogos de Poder, apresentados por Claude Steiner – no livro *O outro lado de poder*. Agindo assim, ficamos devidamente preparados para poder empregar o poder pessoal de modo autêntico, sem sobrepor nem buscar subjugar o outro, nem a si próprio. Trata-se de uma experiência desafiadora!

Na dependência de como utilizamos o poder, podemos alavancar as relações humanas – nos 4 papéis que desempenhamos na vida: casal, família, profissional e social, e que geram os principais estressores que afetam a mente humana e que acabam se refletindo na área corporal. São estes mini estresses que acabam afetando a saúde física e mental, muito mais que os grandes episódios de estresse que sucedem mais esporadicamente e que defendem e protegem a nossa vida. No conceito da OMS, saúde não é só a ausência da doença, mas também a presença do bem estar biopsíquico e social. Estes componentes merecem ser apreciados nos seus aspectos psicossomáticos. Ex. a ansiedade oral, traduzida por um comer compulsivo que faz ganhar peso, e o engordar gera baixas na autoestima e na autoconfiança, que retroalimentam a ansiedade. Dos aspectos psicológicos da obesidade, merece especial atenção a dissociação ao comer (um comer sem que o Adulto perceba, tal como se observa nos comedores de pipoca ao assistirem a um filme no cinema). Por outro lado, há lares sem muita harmonia, mas que têm comida em abundância, em compensação, gerando as somatizações ou doenças psicossomáticas, nas quais o corpo se apresenta como meio de expressão. Assim, surgem sintomas gastrointestinais: refluxo, má digestão, azia, náuseas e diarreia emotiva.

Como todo sintoma é um alerta da alma para uma carência essencial, algumas doenças digestivas e respiratórias podem ser interpretadas como portadoras de uma lição que precisava ser aprendida. No aparelho cardiovascular, as crises hipertensivas e suas seqüelas graves, do tipo: infarto e AVC – podem advir de medos e raivas parasitas, aprendidas de figuras parentais ou de substitutos, as quais, diferentemente das emoções inatas, não servem para defender a vida ou a sua condição de vida, e acabam por afetar a saúde física e mental do ser atual. Os Disfarces da raiva estão entre as mais perniciosas emoções humanas, e amiúde escutamos desculpas habituais para se justificar ter explosões raivosas. Ex.1) “Tenho sangue quente”; 2) “Tenho sangue italiano”; 3) “É de família: puxei a meu avô”; 4) “Não tenho sangue de barata”, etc. Para autocontrole das raivas parasitas, é necessário observar algumas premissas essenciais e um método eficaz, capaz de impedir (em 28 seg), o chamado “seqüestro cerebral”, por um treinamento eficaz.

Relacionamentos íntimos entre familiares e amigos podem ser afetados pelo descontrole emocional, prejudicando a qualidade destes vínculos. É sabido que encontrar um grande amor, pode ser um lance de sorte, porém mantê-lo é questão de competência emocional. Do exposto, concluímos recomendando praticar educação emocional nos relacionamentos próximos, atentos ao valor percentual – do Verbal (palavras): 7%, e o não verbal: 93%–(55% expressão facial +38% tons de voz) na comunicação afetiva. Uma especial atenção para a linguagem adversativa no *Script* de vida: ao dizer – mas, porém etc, você anula o que diz antes da conjunção. Só vale o que vem depois da adversativa. Ex.: Gosto de você, mas haja saco! E, como reconhecer um vencedor do perdedor? Uma pista verbal é pelo que é dito diante de um problema: um Vencedor- “É difícil, mas pode ser possível; um Perdedor- “É possível, mas é difícil”.

Encerro com uma mensagem especial para você responder honestamente, e refletir sobre estas duas questões chave: 1ª) Que estou fazendo com a única vida que eu tenho? 2ª) Porque estou preocupado com a vida após a morte, em vez de me ocupar com a vida antes da morte?

Seja feliz!

Antônio Pedreira: Médico, Psicoterapeuta, Educador, Escritor e Didata Clínico da UNAT-BRASIL

MARKETING DIGITAL PARA ANALISTAS TRANSACIONAIS

Francis Oliveira, Kátia Ricardi de Abreu e Maria Imaculada Gonçalves de Almeida Möllmann

Resumo

Pretende-se nesta oficina, proporcionar conhecimento e prática que permitam ao Analista Transacional tomar decisões comunicacionais estratégicas para serem aplicadas na expansão na sua trajetória profissional.

Palavras-chave: Marketing; Redes Sociais; Conexões relevantes; Comunicação estratégica; Conteúdo colaborativo.

Desenvolvimento

Em uma era de construção colaborativa de conteúdo, as mídias sociais são uma forma predominante de conexão interpessoal e permitem a construção de importantes redes de contato, deve-se considerar a capacidade expansiva dessas ferramentas na divulgação da Análise Transacional.

Assim, mostra-se fundamental: definir quais serão os públicos de interesse para os profissionais de AT; porque é importante comunicar com eles; como entregar conteúdos interessantes para os públicos de interesse e, principalmente, como criar e gerir marcas profissionais e pessoais adequadas e congruentes.

A pretensão, a partir da prática da comunicação estratégica, é construir uma ponte conectiva entre a Análise Transacional e o mundo tal como ele se apresenta nos presentes dias.

Diz-nos Steiner (1976), que a linguagem e o meio de comunicação que Eric Berne empregou quando introduziu seu método foram tão fora do comum e tão pouco ortodoxos, que causou estranheza entre seus pares.

A prática revolucionária de Berne (1988) ao falar de igual para igual, com utilização de palavras compreensíveis pela maioria das pessoas é um exemplo a ser seguido: falar a língua e utilizar palavras e métodos de comunicação atuais, de modo a disponibilizar a apresentação dos conceitos dessa teoria comportamental a um número crescente de pessoas, sem perder a essência, a coerência e o respeito pelas pessoas apregoados por Berne (1988) e seus seguidores.

Francis Oliveira – Fundador da Market!, profissional com formação em Análise de Sistemas pela PUC-RS, em Marketing pela Uninter, especializado em Vendas pela ESPM –RS e pós-graduado em

Design Gráfico pela Unisinos/Poli.Design – Consorzio del Politecnico di Milano. Atua há 20 anos no mercado de comunicação gaúcho. Dirige desde 2007 a Market! Comunicação

Kátia Ricardi de Abreu, Membro Didata em formação pela UNAT-BRASIL, Psicóloga (CRP 06/15951-5) graduada pela Pontifícia Universidade Católica –PUCCAMP, em 1982, especialista em Análise Transacional UNAT/FATEP, Membro Certificado Clínico pela Associação Latino-Americana de Análise Transacional. Foi vice-presidente e atualmente é diretora de Comunicação da UNAT-BRASIL. Diretora da EGO Clínica e Consultoria em São José do Rio Preto-SP.

Maria Imaculada Gonçalves de Almeida Möllmann, Analista Transacional certificada para a área organizacional; Membro Didata em formação da UNAT-BRASIL, Consultora e educadora organizacional, sócia e diretora de educação corporativa da ALGI CONSULTORIA EMPRESARIAL LTDA; especialista em Administração de Pessoas e Gestão Empresarial (CEPPAD – UFPR); tem formação básica de aprofundamento em Dinâmica dos Grupos.

Referências Bibliográficas

BERNE, Eric. O que você diz depois de dizer olá? A psicologia do destino. São Paulo: NOBEL, 1988.

STEINER, Claude. Os papéis que vivemos na vida. Rio de Janeiro: ARTENOVA, 1976.

MORTE E O PROCESSO DE LUTO: Contribuições da Análise Transacional

Maria Clara Ramos Grochot

Resumo: As perdas, a morte e o luto são situações que envolvem as pessoas em vários momentos de sua existência. O artigo tem como propósito apresentar uma abordagem sobre a reação psíquica determinada pela experiência com a morte ou perda, fazendo uma análise do processo de luto, correlacionando a descrição dos cinco estágios de Kübler-Ross com os níveis de Desqualificação de Jacqui L. Schiff. Considerando que as perdas e a morte ocorrem na vida das pessoas, sendo em geral, um fator de muito estresse, explanamos os estágios pelos quais passam as pessoas enlutadas para elaboração do processo do luto. Concluímos que trabalhar o processo de elaboração do luto através das intervenções nas Desqualificações, correlacionando-as com as fases vivenciadas neste período, mostrou-se útil no processo terapêutico para auxiliar na superação do mesmo.

Palavras Chaves: Luto; Morte; Desqualificação.

Apresentação do Artigo.

Temos observado tanto em nossa prática clínica como também em nossas redes sociais que, geralmente, abordamos diversos assuntos como saúde, família, profissão, relacionamentos e dificilmente falamos sobre a morte ou o morrer. Porém, ao nos confrontarmos com esta situação, surge a necessidade de fazermos contato e falarmos sobre o assunto.

Para desenvolvermos o tema aqui proposto, fomos em busca de material e poucos artigos sobre luto, perdas e morte foram encontrados na literatura da Análise Transacional, o que se tornou um desafio à elaboração deste trabalho.

Embora nos pareça complexo lidar com morte e a perda, vivenciamos estes acontecimentos ao longo da vida e estas fazem parte do desenvolvimento humano. A morte é uma situação que gera mudanças na vida das pessoas que enfrentam uma perda. No ponto de vista material, ocorrem mudanças nos bens e finanças, na área emocional, gera mudanças nas relações afetivas, hábitos e rotinas e na área social, como status e posição e toda mudança envolve perdas e ganhos acarretando transformações.

A cada novo estágio do desenvolvimento humano temos de renunciar ou perder algo e isso nos faz crescer. Durante nosso processo evolutivo, existem várias perdas e precisamos aprender a viver com estas separações físicas e psicológicas.

O modo de proceder, maneira de operar ou resolver o sentimento de pesar ou dor pela morte de alguém nos parece único, ou seja, próprio e diferente para cada indivíduo.

A pessoa reagirá conforme seu Quadro de Referência⁴, dependendo do vínculo com a pessoa falecida, dos vários papéis que esta desempenhava e de como lida com perdas no decorrer de sua vida. Entendemos que, por tradição cultural, social e familiar cada indivíduo traz uma representação da morte. Segundo Viorst,

“começar a perceber como nossas respostas às perdas moldou nossas vidas pode ser o começo da sabedoria e de uma mudança promissora, portanto, para compreender nossas vidas precisamos compreender como enfrentamos nossas perdas” (VIORST, 1990, p.14-15).

Observar, analisar e vivenciar como enfrentamos nossas perdas nos parece importante na compreensão da elaboração do processo do luto. Buscamos contextualizar o que se passa com uma pessoa enlutada e, assim, trazer uma contribuição no entendimento deste processo, pois nos parece importante que nós, clínicos, entendamos os estágios do luto e possamos ajudar os indivíduos a chorar suas perdas nas relações e assim elaborarem seu luto de forma saudável. De acordo com Kübler-Ross,

“se fizéssemos um esforço sobre-humano para encarar nossa própria morte, para analisar as ansiedades que permeiam nosso conceito de morte e para ajudar os semelhantes a se familiarizarem com tais pensamentos, talvez houvesse menos destruição ao nosso redor” (KÜBLER-ROSS, 1988, p.17).

A partir dos estudos encontrados, buscamos estabelecer na Análise Transacional uma forma de intervenção no processo de luto. É importante ter em mente que se desenrola um processo necessário e fundamental para sua elaboração e que de fato, o luto pode ser uma reação normal e até mesmo esperada, caracterizando-se por um conjunto de reações diante do rompimento de vínculos significativos. Entretanto, quando se prolonga indefinidamente ou apresenta ausência de reações

⁴ "Quadro de Referência de um indivíduo é a estrutura de respostas (caminhos neurais) associadas (condicionadas) que integra os diferentes Estados de Ego em resposta a estímulos específicos." (SCHIFF, 1986.)

imediatas à morte, apresentando mais tarde sintomas de luto distorcido, o mesmo se torna complicado, e, nesse caso se torna necessária uma intervenção para sua resolução. A maioria dos autores concorda que completamos a parte principal do processo de luto depois de mais ou menos um ano, às vezes menos, mas geralmente mais (VIORST, 1990, p.244).

O propósito deste artigo é apresentar uma abordagem sobre a reação psíquica determinada pela experiência com a morte ou perda, fazendo uma análise do processo de luto, correlacionando a descrição dos cinco estágios de Kübler-Ross com os níveis de Desqualificação (SCHIFF, 2010;1986).

O Processo do Luto

Como elaboramos ou não nosso luto, depende de vários fatores – da nossa idade e da idade de quem perdemos, de que e em que circunstância foi a perda, da nossa história de perdas anteriores, da nossa Estrutura de Personalidade, do apoio externo e do nosso *Script* de Vida.

Elementos Conceituais de Schiff

Schiff (1986) realizou seu trabalho com foco nas relações de dependência e nos desajustes que estas promovem na pessoa que estabelece a relação simbiótica. Utilizou para isso conceitos como Quadro de Referência, Redefinição e Desqualificação. Utilizaremos no trabalho, o conceito de Desqualificação que pode ocorrer frente à morte e perdas.

Mecanismo Interno de Desqualificação de Schiff nos Cinco Estágios do Processo de Luto de Kübler-Ross

Utilizamos o quadro de Desqualificação de Ken Mellor e Eric Schiff (2010, p. 137) considerando duas variáveis, os Tipos e os Modos, e fizemos uma adaptação com os estágios do processo de luto de Kübler-Ross (1998).

Considerações Finais

O processo do luto depende da nossa história de vida de amor e de perda, do nosso *Script* de vida, e nesse processo passamos por algumas fases para elaborarmos nosso luto, sendo este um caminho lento e gradual.

Começamos com o choque, não tomando conhecimento do estímulo morte; depois a negação do fato, onde não atribuímos um significado a este estímulo, portanto o mesmo não será definido

como um problema. Passamos pelo sentimento de raiva, pois temos consciência da morte e lhe atribuímos um significado, mas não vemos opções de lidar com ela. Barganhamos geralmente com entidades divinas, pois desqualificamos nossa habilidade de reagir diferentemente frente à morte e também à possibilidade de resolvermos o problema; e passamos pela fase de dor aguda, não reconhecendo nossa capacidade de lidar com a morte e não vendo opções. Por fim, seguimos para o que é considerada com o final do luto, a aceitação, quando temos consciência da morte e reconhecemos que podemos lidar com ela. E embora, algumas vezes choremos ainda, tenhamos ainda saudades, esse fim significa um grau importante de recuperação, aceitação e adaptação.

Cada uma dessas fases tem suas características, e há diferenças consideráveis de uma pessoa para outra, dependendo de seus *Scripts* de vida tanto no que se refere à duração quanto à forma de cada fase, podendo haver oscilações nos estágios. Nestes, evidenciam-se uma sucessão de estados emocionais que se mesclam e se substituem.

Uma maior consciência e compreensão dos possíveis caminhos que cada indivíduo pode percorrer para se recuperar de uma perda permitem uma maior aceitação das inúmeras diferenças que o processo de luto tem de pessoa para pessoa.

O tempo acaba por ser o melhor aliado neste processo, permitindo uma recuperação lenta e gradual.

A possibilidade de estabelecer uma conexão entre os estágios de luto de Kübler-Ross e o conceito de Desqualificação da Análise Transacional mostrou-se útil, favorecendo o trabalho terapêutico no processo de superação do luto.

Compreender o processo do luto pelo olhar desta abordagem, a nosso ver, nos possibilita ter um encontro sensível com o outro; auxiliando-o, na conscientização de sentimentos e percepções durante o processo do luto, de como organizar a experiência da perda e criar um significado para ela, qualificando suas habilidades pessoais.

Percebemos que através da validação empática dos sentimentos e necessidades do indivíduo, o que implica em acolhimento e escuta; disponibilizando tempo para ouvirmos e partilharmos o sentimento de perda, permitimos assim, que estes extravasem suas emoções. Sendo assim, poderemos oferecer apoio e segurança nesta fase e também passarmos a encarar o processo do luto como uma forma saudável de lidar com situações dolorosas e desagradáveis.

A exteriorização dos sentimentos quando da perda de alguém muito próximo é uma atitude saudável em como lidar com a perda, não permitindo que os sentimentos de culpa, raiva ou desespero permaneçam escondidos pelo indivíduo perante si próprio e os outros.

A pouca compreensão por parte do clínico, para entender o processo do luto pode levar à contenção do luto e deixar perdas mal resolvidas. Porém, se ao contrário, tivermos a consciência deste processo, poderemos guiar os clientes para sua evolução, a uma nova aceitação da vida. Os clientes poderão recuperar a estabilidade, a energia, a esperança, a capacidade de ter prazer e investir na vida.

Considerando nossa dificuldade em encontrar material sobre o tema luto dentre as publicações específicas da Análise Transacional, esperamos que esta abordagem possa trazer uma contribuição aos clínicos, visto a amplitude que o assunto requer.

Bibliografia

BERNE, Eric. *O que você diz depois de dizer Olá?: a psicologia do destino*. São Paulo: Nobel, 1988. 357 p.

_____. *Os Jogos da Vida*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974. 174 p.

_____. *Princípios de Tratamento de Grupo*. UNAT, 1995. (Tradução de uso restrito)

CHOPRA, Deepak. *As Sete Leis Espirituais do Sucesso*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006. 104 p.

CLARK, Fred. Psychotherapy as a Mourning Process. *Transactional Analysis Journal*, v.31, n.3, p. 156-160, 2001.

ENGLISH, Fanita. O fator de substituição: disfarces e sentimentos autênticos. In: UNAT-BRASIL. *Prêmios Eric Berne 1971-1997*. 4. ed. Porto Alegre: Suliani Editografia, 2010. Cap. 8, p. 82-93.

JACOBS, Alan. Aspectos de sobrevivência: triunfo sobre a morte e a solidude. In: UNAT-BRASIL. *Prêmios Eric Berne 1971-1997*. 4. ed. Porto Alegre: Suliani Editografia, 2010. Cap. 25, p. 292- 305.

KOLB, Lawrence C. *Psiquiatria Clínica*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1976. 646 p.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a Morte e Morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 296 p.

MELLOR, Ken; SCHIFF, Eric; Redefinição. In: UNAT-BRASIL. *Prêmios Eric Berne 1971-1997*. 4. ed. Porto Alegre: Suliani Editografia, 2010. Cap. 13, p. 115- 129.

MELLOR, Ken; SCHIFF, Eric; Desqualificação. In: UNAT-BRASIL. *Prêmios Eric Berne 1971-1997*. 4. ed. Porto Alegre: Suliani Editografia, 2010. Cap. 14, p. 130-139.

PARKES, Colin M. *Luto Estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998. 296 p.

SCHIFF, Aaron W; SCHIFF, Jacqui L; Passividade. In: UNAT-BRASIL. *Prêmios Eric Berne 1971-1997*. 4. ed. Porto Alegre: Suliani Editografia, 2010. Cap. 5, p. 29- 40.

SCHIFF, Jacqui L. *Análise Transacional-Tratamento das Psicoses - Leitura do Cathexis*; 1986; Apostila compilada pela UNAT-BRASIL. 122 p.

VIORST, Judith. *Perdas Necessárias*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. 335 p.

ANEXO

Desqualificação - Tipos, Modos e Hierarquia e os Estágios do Luto.

Modo	Tipos		
Existência	T1 Estímulos	T2 Problemas (NEGAÇÃO)	T3 Opções (RAIVA)
Significado/valor	T2 Significado do Estimulo (NEGAÇÃO)	T3 Significado do Problema (RAIVA)	T4 Significado das Opções (BARGANHA)
Possibilidade de Mudança	T3 Mudança de Estimulo (RAIVA)	T4 Possibilidade de resolver o problema (BARGANHA)	T5 Viabilidade das Opções (DEPRESSÃO)
Habilidades Pessoais	T4 Habilidade Pessoal de reagir diferentemente (BARGANHA)	T5 Habilidade Pessoal de resolver problemas (DEPRESSÃO)	T6 Habilidade Pessoal de agir nas Opções (ACEITAÇÃO)

Adaptação do quadro de Ken Mellor e Eric Schiff (2010, p. 137).

MUDANÇA - A CHAVE DO *SCRIPT*

Adriana Montheiro e Vitor A. Mehry

MUDANÇA VERSUS *SCRIPT*

Tudo muda. A única coisa que permanece é a mudança
Lao Tzu.

RESUMO

A proposta deste trabalho é experimentar a *praxis* da mudança e das resistências a ela sob forma de uma oficina teórico-vivencial. Berne (2007) considera que o *Script* de Vida é um plano frequentemente contendo insatisfações, caracterizado por sentimentos repetitivos desagradáveis que levam a respostas automáticas frente a determinados estímulos, caracterizando uma reatividade às situações da vida e incapacitando a pessoa para a habilidade de ser responsivo a situações do aqui e agora. Portanto, mudar é o oposto de estar no *Script*, fundamental ao processo terapêutico, que nos conduz a uma vida criativa e instigante.

Palavras-chave: Script, Mudança, Resistência

Introdução

Mudanças podem ocorrer por razões inesperadas e incontroláveis ou podem ser premeditadas e planejadas. O fato é que em um mundo mutante como o nosso, onde em segundo saímos de um estado ou de uma situação conhecidos para um estado ou situação novos e desconhecidos, mudar torna-se uma questão de sobrevivência pessoal e social. Faz-se necessário atualizar- nos a cada momento, revendo e vivendo nossa forma de estar no aqui e agora. Para isto, o Estado do Ego Adulto precisa estar no Poder Executivo (Berne, 1985), atuando de forma integrada: acessando condutas rotineiras e estereotipadas, avaliando sentimentos e emoções, checando o arquivo de crenças e valores, observando as possibilidades externas para então poder escolher e decidir o que fazer. Sendo pró-ativo e não reativo ou passivo.

Metodologia

Esta oficina percorre três eixos:

Informação sobre o que é mudança, da sua inexorabilidade, quais as principais redes neuronais envolvidas neste mecanismo e a ligação dessas redes com o suporte teórico da Análise Transacional.

Experimentos e vivência que permitem perceber sentimentos, crenças e fantasias frente ao novo, ao habitual, à acomodação, convidando à descontaminação do Estado do Ego Adulto.

Síntese do vivenciado e do aprendido, com Permissão e Proteção para ousar, errar e aprender com o erro, estimulando decisões de mudanças atuais e futuras. Fazer diferente significa manter o seu cérebro jovem, criando novas redes neuronais.

Suporte Teórico

No processo de mudar é importante diferenciar se uma situação é cômoda e está ligada a um estado de prazer e excitação ou é a uma situação acomodada, ligada à passividade e até de incômodo, cuja dor deixa de ser percebida depois de certo tempo devido ao mecanismo de modulação do sistema nervoso (BEAR, CONNORS, PARADISO, 2002).

Um ser vivo está em constante transformação o que o diferencia da matéria inanimada. Nossos corpos passam por transformações diárias. Crescer é mudar. É não ter um *Script*, um roteiro pré-determinado de como viver, desenvolvendo a habilidade de interagir com os estímulos no aqui e agora, na medida em que a vida acontece. Sem esperar garantias, pode-se assumir riscos com permissão e proteção de errar sem se machucar e aprender com o próprio erro rumo a futuros acertos e sucessos. Berne (1978) ressalta que um processo terapêutico sempre envolve transformações. Importante refletir que no início, o novo que é uma zona de conforto, de prazer e excitação; depois de algum tempo vira uma zona de acomodação, de desprazer, de passividade, e precisamos, mais uma vez, fazer frente a novas reflexões, novas avaliações dos nossos conteúdos subjetivos e de análise do contexto onde estamos nos situando naquele momento para então realizarmos outras mudanças. A fórmula de sucesso de ontem, se não for atualizada, pode ser a receita do fracasso de hoje. Mesmo as mudanças desejáveis e eletivas podem conter aspectos que são desconfortáveis, mas sem elas não há crescimento.

Riscos, incertezas, dificuldades, acertos e erros, desejos e aspirações fazem parte do cotidiano e respondem às Fomes ligadas às necessidades biológicas citadas por Berne (1976, p. 158). Para que ocorra a mudança, é fundamental a mobilização da raiva/ímpeto gerando energia que dá a força e a coragem para que ela aconteça. Neste caminho, vivencia-se o medo de mudar, do imprevisível, do desconhecido, são acionados circuitos de sentimentos de desconforto, de tristeza da perda do que é deixado para trás, que ao serem ultrapassados desembocam na alegria e no prazer de novas experiências e aprendizados. Algumas pessoas, por não saberem lidar com essas sensações, se recusam a aprender e permanecem tentando controlar o lado de fora, o outro-de-si e seguem

repetindo os mesmos erros, cumprindo seu programa permanecendo prisioneiras de seu *Script* de Vida (BERNE, 2007).

Então, faz-se necessário poder aceitar desafios e até desafiar-se, trazendo o inesperado para a vibração do dia a dia. É surpreendente como aspectos de nossa personalidade, até então desconhecidos, tornam-se claros, permitindo que pontos fortes apareçam e situações impensáveis possam tornar-se realidade. Sob este olhar, mudar envolve a capacidade de compreensão do aqui e agora e a adoção de atitudes que possibilitem concretizar o desejo de transformação. É caminhar em direção à Autonomia, que, segundo Berne (1977 p. 155), traz e o resgate dos três potenciais básicos do ser humana:

Consciência - o dentro e o fora de si, o que se sente, onde se está e qual momento em que se está vivendo.

Espontaneidade - Significa opção, liberdade de escolher suas ações e de expressar sentimentos e pensamentos.

Intimidade - reciprocidade de expressão emocional sem exploração e livre de jogos

ADRIANA MONTHEIRO – Neuropsicóloga – CRP 05/8176. Mestre no Ensino das Ciências da Saúde e do Ambiente, Especialista em Análise Transacional e em Neurofisiologia, Membro Didata Clínico em Formação em Análise Transacional, Formação em Vegetoterapia Caratero-analítica Reichiana e em Experiência Somática, Diretora Científica da União Nacional dos Analistas Transacionais - UNAT-BRASIL

VITOR A. MEHRY – Médico psiquiatra – CRM 5216851-5. Especialista em Análise Transacional, Especialista de Educação, Membro Didata Clínico em Formação – UNAT-BRASIL, Formação em Vegetoterapia Caratero-analítica Reichiana. Presidente do Conselho Deliberativo da União de Analistas Transacionais – UNAT-BRASIL

Bibliografia

BEAR, Mark; CONNORS, Barry e PARADISO, Michael. **Neurociências: desvendando o sistema nervoso**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BERNE, Eric. **O que você diz depois de dizer olá: a psicologia do destino**. São Paulo: Nobel, 2007.

_____. **Análise Transacional em psicoterapia**. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **Principles of group treatment**. New York: Grove Press, 1978.

_____. **Os jogos da vida: A Psicologia Transacional e o relacionamento entre as pessoas**. São Paulo: Artenova, 1977.

_____. **Sexo e Amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

CURSO NEUROCIÊNCIAS, EMOÇÕES E AUTONOMIA

Jane Maria Pancinha Costa

Mini-curso Pré-fórum

Somos seres relacionais e nossa sobrevivência, bem estar e evolução estão intimamente associados à qualidade de nossas relações.

O criador da Análise Transacional, Eric Berne, inspira-nos a uma reflexão sobre este tema quando diz que:

O destino de todo ser humano é decidido pelo que se passa dentro de sua cabeça quando confrontado com o que se passa fora dela. Cada pessoa traça sua própria vida. A liberdade confere-lhe o poder de realizar seus próprios desígnios e o poder dá-lhe a liberdade de interferir nos desígnios dos outros. (Berne, *O que diz você depois de dizer olá*, 1988, p.41)

Atualmente, com a crescente expansão das pesquisas em neurociências, mais e mais temos podido entender e ampliar a compreensão sobre a extensão do significado de suas palavras.

A Análise Transacional (AT), em sua orientação filosófica, aponta para relações cooperativas, de confiança e respeito pela natureza humana como facilitadoras da superação de conflitos intra e interpessoais e da evolução da consciência, espontaneidade e intimidade necessárias à autonomia e evolução dos indivíduos e dos grupos.

Em sua definição de AT como uma teoria da personalidade e de ação social e um método clínico de psicoterapia, Berne oferece-nos uma possibilidade de caminharmos na apropriação do fisiológico ao relacional, do individual ao social.

Apoiados neste referencial como base e trazendo a contribuição recente de analistas transacionais, pretendemos oferecer recursos teóricos e vivenciais para que possamos compreender que temos a oportunidade e necessidade de assumir uma mudança de paradigmas em nossas relações para estimularmos nossas potencialidades de defesa imunológica, de cura e de elevação da qualidade de vida, além de nossa evolução na rede de interações humanas.

No campo de conhecimentos da Biologia, buscaremos em Humberto Maturana, entre outros, apoio ao entendimento de que somos como somos em congruência com nosso meio e que nosso meio é como é em congruência conosco e, quando essa congruência se perde, não somos mais. Para este autor, o amor é a emoção fundamental na história da linhagem hominídea a que pertencemos.

No campo da neurociência, encontramos apoio em pesquisadores como Candace Pert e António Damásio, que apontam para o movimento de nossa fisiologia, em equilíbrio tanto mais quanto maior for a apropriação de nosso mundo emocional.

Nossas conexões neurais se fazem fisiologicamente através de movimentos químicos, elétricos e de ressonância. Avanços nas pesquisas em neurologia e em psiconeuroimunologia tem demonstrado que estes movimentos são, no mínimo, influenciados pela maneira como nos relacionamos com o universo de nossas emoções e sentimentos e com o universo de emoções e sentimentos das pessoas com quem interagimos.

Esta compreensão é sintônica com a importância dada às emoções como mecanismos biocibernéticos de regulação de nossos instintos com o propósito de sobrevivência, bem estar e evolução.

Para que possamos permitir que nossos movimentos emocionais aconteçam na direção da sobrevivência, bem estar e evolução, nossas relações mais e mais necessitam superar o paradigma de escassez de reconhecimento, no qual o individualismo, a competição, os Jogos Psicológicos e de Poder alimentam o lado opressivo e automatizado do Script de Vida, nossa estagnação. O reconhecimento de si e do outro, a aceitação e a confiança mútuas florescem num paradigma de abundância, que promove a empatia e a ampliação da consciência.

Nossa capacidade de desenvolver o potencial para sermos autônomos, tornando-nos conscientes do que se passa em nosso interior quando nos encontramos com o meio externo, espontâneos em nossas ações e decisões, e íntimos, transparentes e cooperativos em nossos relacionamentos, princípios éticos fundamentais propostos por Eric Berne e seus seguidores, embalam a mudança de paradigma necessária à sobrevivência da rede de interações humanas.

Jane Maria Pancinha Costa

Membro Didata Clínico – UNAT-BRASIL

**O PEQUENO PROFESSOR: UMA REFLEXÃO SOBRE A ESTRUTURA, O
DESENVOLVIMENTO E A EVOLUÇÃO DO ADULTO NA CRIANÇA**

Tânia Caetano Alves

RESUMO

De acordo com o conceito de *Script* de Vida, desenvolvido por Eric Berne, o destino de cada indivíduo é esboçado em seus primeiros anos de vida. A subdivisão do Estado de Ego Criança, conhecida como Adulto na Criança ou Pequeno Professor, é a responsável por decodificar o mundo através de intuição e pensamento analógico e, assim, de uma ou de outra forma, garantir a sobrevivência física e emocional. O propósito deste trabalho é qualificar e reconhecer, através do estudo do cenário anatômico, fisiológico e emocional no qual o Adulto na Criança se desenvolve, seu relevante significado na formação da personalidade. Através de uma revisão bibliográfica e exemplos da sua prática, a autora sugere que, tanto a energia como a sabedoria peculiar contidas no Adulto na Criança, podem estar presentes na vida adulta, de forma positiva, mesmo que os eventos que formaram esta estrutura tenham sido dramáticos.

PALAVRAS CHAVE- Adulto na Criança, Representações Generalizadas, Desenvolvimento Evolutivo.

Como recém chegado em um planeta desconhecido, a criança, ao nascer, tem, como tarefa de sobrevivência, o aprendizado de como ver, ouvir, andar e se comunicar neste novo meio.

Para tanto, se faz necessário um aparato que não só possa dar conta da tarefa como seja capaz de evoluir constantemente ao longo da vida.

Tal estrutura-o cérebro- começa a se formar entre a terceira e quarta semana de vida intrauterina, no chamado período embrionário, quando o embrião mede aproximadamente 0,5 cm.

Com 24 semanas de gestação, o cérebro do bebê já está quase completo, formado por bilhões de neurônios e com trilhões de conexões e ao nascimento pesa, em média, 350 gramas, tendo várias estruturas ainda imaturas.

Este cérebro ainda imaturo e flexível é bombardeado com um fluxo infindável de estímulos vindos tanto do meio externo como do meio interno, através da percepção de novas sensações que ainda não são passíveis de serem filtradas ou bloqueadas.

Portanto, a evolução do cérebro é dinâmica e biológica, desenvolvendo-se com as respostas que dá ao meio.

Cada vez que o bebê usa seus sentidos como forma de percepção do seu entorno, uma conexão é formada. Conforme estas vivências se repetem, as conexões cerebrais se intensificam.

Podemos dizer que as conexões são aprendizados ou caminhos que são gravados e vão construindo a forma como a criança pensa, sente, fala e faz.

Desde antes do nascimento, as percepções do meio interno e externo vão se organizando em Representações Generalizadas do mundo que são ativadas quando sinais do meio estimulam uma de suas partes.

Estados de Ego, como o Estado de Ego Criança, podem ser entendidos como redes de redes destas Representações Generalizadas, portanto, rotas neurais, com um imenso número de neurônios e conexões sinápticas passíveis de serem ativadas por estímulos familiares, com significado.

Os Estados de Ego precoces – C1, A1 e P1 – com seus conteúdos diversos provenientes da interação com o meio, se organizam com o propósito premente de se relacionar com o outro, pais ou adultos cuidadores, aprendendo a decodificar o que as figuras parentais realmente querem e como se desenvolver em meio à interação criança-quem cuida dela.

A subdivisão A1, o Adulto na Criança, está especialmente comprometida com a sobrevivência, tendo que descobrir a melhor maneira de manter o vínculo com as figuras parentais enquanto tenta se livrar das Injunções dadas por estas mesmas figuras.

É um “adulto” ingênuo e astucioso que busca alterar a realidade para suprir necessidades básicas, sendo seus recursos a intuição e a fantasia.

Berne se referiu ao Adulto na Criança como um estudioso aguçado e perceptivo da natureza humana a quem chamou de Pequeno Professor.

No período dos 6 aos 12 meses ocorre uma mudança importante no significado emocional dos relacionamentos. Até então, muitas pessoas diferentes podiam satisfazer a necessidade de atenção do bebê. Nesta nova fase, com o início da individuação, a criança percebe a mãe como o outro, uma estrutura separada dela. É o auge da consciência da simbiose.

Entre 6 e 9 meses a criança expressa de forma clara e intensa que outras pessoas que não a mãe a perturbam. O bebê já pode recordar do rosto da mãe e perceber as diferenças quando compara sua lembrança com outros rostos.

O Adulto na Criança está envolvido nesta internalização da figura da mãe ou do adulto cuidador de forma que a lembrança da face da mãe possa ser usada não só para comparação, mas para reter a imagem dela em sua ausência.

Hine (1997) se refere a A1 como um sistema cognitivo pré-lógico muito sensível à sugestão de urgência nos estímulos tanto internos, como fome, quanto externos, como a percepção de sinais que indicam que a mãe está prestes a sair do ambiente no qual a criança se encontra.

O Pequeno Professor pressupõe um aprendizado com propósito e muito do aprendizado do início da vida, está relacionado a questões de sobrevivência. O bebê precisa de alguém que o cuide para sobreviver. Portanto, a atenção intuitiva de A1 para urgência guia a atenção da criança para estímulos importantes, como o afastamento da mãe, tratando de aprender formas para evitar que o afastamento aconteça.

Hargaden e Sills (2002) referem-se a A1 como sendo a representação das tentativas da criança para compreender a si mesma, aos outros e ao mundo. Este entendimento se baseia nas experiências de C1 e nos padrões dos relacionamentos posteriores.

Berne (1972) referia-se à forma de pensar analógica do Pequeno Professor como pensamento marciano. Segundo ele, a língua marciana traduz as palavras para o seu real significado em termos de resultados e permite que a criança descubra o que seus pais realmente desejam.

Berne(1972) sugeriu também que a estrutura adulta desta época com a qual a criança conta para desvendar o mundo, o Pequeno Professor, serve de equilíbrio entre duas formas de comportamento, a Criança Adaptada e a Criança Natural, decidindo a cada momento que tipo de conduta liberar ou reprimir para manter-se vinculado aos pais ou cuidadores.

O comportamento da Criança Adaptada consiste em evitar comportamentos que não sejam adaptativos, enquanto o comportamento da Criança Natural é espontâneo e expressivo, perigoso para o A1, que busca a adaptação social.

Abreu e Lima (1988) abordou este tema e, segundo ela, o Pequeno Professor, mediante situações ambientais adversas, organiza poderosos mecanismos de defesa, de forma fantasiosa e mágica para esconder a Criança Livre, o próprio “si mesmo” e moldar a Criança Adaptada, mais adaptável e menos autêntica.

De acordo com este aporte, o Pequeno Professor, ao sentir-se ameaçado, estrutura e modela sem limites. E prende e silencia as reivindicações da Criança Livre.

O A1 é esperto, intuitivo e áctico. Luta pela sobrevivência da maneira que lhe parece mais eficaz.

É importante que visualizemos a pessoa na qual tal estrutura está se construindo.. Quando a energia está se direcionando para o desenvolvimento do A1 a criança tem de 6 meses até mais ou menos 3 a 4 anos. Estamos falando, portanto, de uma pessoa que tapa os olhos para que não a vejam, que sabe ler os sutis sinais que os adultos importantes para ela emitem, que, após refletir e questionar, conclui que a água do mar se origina do cuspe dos peixes, que está aprendendo a falar e cantar e controlar os esfíncteres. Que há pouco aprendeu a andar.

E qual é o destino do Pequeno Professor e do Estado de Ego Criança, como um todo, após a infância?

Berne se posicionou a respeito do Estado de Ego Criança - C2- de duas formas diferentes. Numa delas, via C2 como um Estado de Ego arcaico e patológico, composto por conteúdo fixado, resultante de trauma relacionado, por exemplo, com necessidades não atendidas (BERNE, 1961). Em outra, via a Criança como a parte mais valiosa da personalidade do indivíduo, que o acompanharia por toda a vida (BERNE, 1972).

Analistas Transacionais envolvidos com este tema tem se posicionado de uma e de outra forma, conforme seu entendimento da questão.

Stewart(2001) observa que estes posicionamentos são decorrentes da forma como os profissionais de Análise Transacional definem Pai, Adulto e Criança. Se a Criança for entendida somente como material fixado e questões não resolvidas da infância, será vista como algo do qual devemos nos livrar, por seu potencial patológico. Segue dizendo que, se ao invés disto, a Criança for entendida como sendo toda nossa experiência do passado, contendo tanto os elementos do *Script* como material infantil autônomo, então poderemos percebê-la como fonte de energia e intuição na vida adulta.

A reflexão sobre a formação desta estrutura (Adulto na Criança) tão especialmente vinculada às questões de sobrevivência em uma época da vida em que fomos , ao mesmo tempo, tão fortes e tão frágeis, pode nos inspirar a buscar esta mesma mescla de força e delicadeza para enfrentar os desafios de nossa vida adulta.

REFERÊNCIAS

ALLEN, James; ALLEN, Barbara. *Therapeutic Journey: Practice and Life*. Oakland: TA Press, 2005.

BERNE, Eric. *O que você diz depois de dizer olá?* São Paulo: Nobel, 1988.

BERNE, Eric. *Análise Transacional em Psicoterapia*. São Paulo: Summus, 1985.

BLACKSTONE, Peg. 'A Criança Dinâmica: Integração da Estrutura de Segunda Ordem, Relações Objetivas e psicologia do Self. In: UNAT-BRASIL. *Prêmios Eric Berne 1971-1997*. Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda., 2005. p. 251-281.

ENGLISH, Fanita. Episcrypt ou o Jogo da Batata Quente. In: BRASIL, Unat-. *Prêmios Eric Berne 1971-1997*. Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda., 2005. p. 306-312.

- HARGADEN, Helena; SILLS, Charlotte. *Transaccional Analysis: A Relational Perspective*. Londres: Routledge, 2002.
- HINE, Jenni. Estruturas Cerebrais e Estados de Ego. *Revista Brasileira de Análise Transaccional*. Ano XIII,v.1/ Ano XIV,v.1 .Porto Alegre/RS. Jun. 2003, Jun. 2004. p.59-80.
- HINE, Jenni. Mind Structure and Ego States. *Transaccional Analysis Journal*. V. 4, n. 27, São Francisco/CA. Out. 1997. p.278-289.
- LEWIS, Melvin; WOLKMAR, Fred. *Aspectos Clínicos do Desenvolvimento na Infância e Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- LIMA, Michelle de Abreu e. A Criança Esfinge: impasse de 3º grau. *Revista Brasileira de Análise Transaccional*: Ano I,n.1. Guarulhos/ SP. Jun. 1988. p.18-35.
- PINHEIRO, Marta. Fundamentos de Neuropsicologia- O desenvolvimento cerebral da criança. *Vita Et Sanitas*, Trindade/GO, v.1 , n. 1, p.34-47, 2007.
- QUINTANA, Mário. *Lili inventa o mundo*. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto,1983.
- SCHIFF, Jacqui Lee et al. Leituras do Cathexis: Análise Transaccional Tratamento de Psicoses. *Apostila Organizada Pela UNAT-Brasil*, 1986.
- SCHIFF, Jacqui Lee. Uma Discussão sobre Estados do Ego e as Redes de Estados do Ego. *Apostila Organizada Pela Una-AT*.
- SCHIFF, Shea. Personality development and Symbiosis. , *Transaccional Analysis Journal*, Vol.7, n.4 , São Francisco/ CA, Out. 1977. p.310-316.
- SCHOFIELD, David. A comparative TA view of child development, in Clarkson,P. *Transaccional Analysis Psychotherapy: A integrated Approach*, Nova York: Routledge, 1992.
- STEINER, Claude. *Os Papéis Que Vivemos Na Vida*. São Cristovão: Artenova, 1976.
- STEWART, Ian. Estados de Ego e a Teoria da Teoria: o estranho caso do Pequeno Professor. *Revista Brasileira de Análise Transaccional*. Ano IX ,v.1/ Ano X,v.1 .Porto Alegre/RS. Jun. 1999, Jun. 2000. p.45-63,

O PODER EM GRUPOS ASSOCIATIVOS

Jefferson Moraes

Psicólogo, com especialização em Neuropsicologia, Coordenador em Dinâmica dos Grupos pela SBDG, em Coaching pela ABRACEM. É Analista Transacional Certificado Organizacional na UNAT-BRASIL. Sócio administrador da QUIRON Desenvolvimento, atua em programas de treinamento e desenvolvimento nas áreas comportamental e empreendedorismo desde 1999. Atua periodicamente em ações voluntárias na ABRH e SBDG. Membro do Grupo de Estudos de AT do Paraná.

RESUMO

O presente trabalho focalizará as relações de poder em grupos de empresas que se unem para atuar conjuntamente em forma de Associação. O tema poder, expresso através da influência das lideranças no grupo, será analisado a partir de dois conceitos da Análise Transacional: a concepção de liderança e de processo de grupo de Eric Berne e das ideologias de Script organizacional de Rosa Krausz. O objetivo é explorar estas relações - lideranças x processo grupal x Script organizacional - a fim de compreender como estes conhecimentos da Análise Transacional podem ser aplicados em grupos associativos.

Palavras-chave: Poder; Liderança; Grupos associativos; Script organizacional.

A constituição de associações empresariais compostas por grupos de empresas tem como objetivos mais comuns fortalecer determinado segmento de mercado, concretizar parcerias para ações comerciais e atingir determinados resultados no macroambiente em que estão inseridas.

As relações de poder estabelecidas inicialmente nestes grupos adquirem características específicas e distintas de outros grupos empresariais. Antes de se formalizarem legalmente como uma associação, a premissa é de que cada componente do grupo tenha o mesmo espaço para influenciar a tomada de decisão (manifestação direta do poder de cada participante). E mesmo depois que a associação passa a existir legalmente com cargos estabelecidos pelo regimento através de lideranças formalizadas, ainda há a suposição de que pela natureza deste grupo o processo decisório continua sendo coletivo.

Berne (?) propõe que a autoridade do grupo consiste em dois setores: a liderança e o cânone do grupo (BERNE, ?, p. 111).

A liderança é subdividida em três tipos: o líder responsável, o efetivo e o psicológico, que podem ou não estar concentrados na mesma pessoa. Já o cânone é a herança deixada pelo líder primal e é constituído por três partes: constituição do grupo, suas leis e a cultura do grupo.

Como estes papéis de liderança se estabelecem em um grupo associativo durante seu processo de formação? Quais os impactos das relações de poder no processo grupal, principalmente na alavancagem das relações e na coesão grupal? Em um grupo associativo, há um líder primal? Se sim, quem faz este papel e que legado deixa? Estas questões constituem-se como o primeiro viés de exploração deste trabalho.

Alguns fatores são indicativos de sucesso em uma associação, tais como: longevidade da associação, crescimento em número de associados, representatividade, taxas de adesão/saída de participantes, qualidade da interação entre membros, objetivos e resultados já alcançados e a serem alcançados em curto, médio e longo prazo.

Explorando a idéia de *Scripts* organizacionais, Krausz (2010) postula a existência de quatro ideologias básicas para análise de *Scripts* organizacionais: as ideologias do trabalho, do tempo, sobre pessoas e do dinheiro. Além das ideologias, propõe que no diagnóstico de *Script* organizacional sejam analisadas as Injunções e Atribuições presentes na vida deste grupo específico.

O segundo viés de exploração do presente trabalho busca analisar possíveis respostas para as seguintes questões: como se relaciona o conceito de *Script* organizacional às organizações cujo formato é uma associação? De que forma o poder das lideranças influencia as ideologias propostas? Quais as relações entre as lideranças que se consolidam no grupo e as Injunções e Atribuições?

Através de uma análise teórica dos conceitos expostos acima e a análise de dois grupos associativos específicos em que o autor atua em ações de desenvolvimento de equipe, o presente trabalho busca compreender como os conceitos da AT podem ser aplicados de forma a elucidar aspectos do processo grupal, possibilitando assim ações mais produtivas e eficazes.

Referências:

BERNE, Eric. *Estrutura e Dinâmica das organizações e dos Grupos*. UNAT: Circulação Restrita.

KRAUSZ, Rosa. *Scripts organizacionais*. Rebat ano XIX, junho 2009, ano XX, junho 2010.

**RELACIONAMENTO FAMILIAR PERMEADO
PELA ANÁLISE TRANSACIONAL**

Experiência de um grupo de discussão com foco em relação mãe e filho(s)

Andreia Luisa Bezerra Cechin

Resumo:

O objetivo com este seminário é compartilhar a experiência com um grupo de mães que reúnem-se periodicamente para conversar sobre relacionamentos familiares com foco em educação de filhos, tendo como premissa a utilização da Análise Transacional (AT), e o olhar Organizacional, entendendo a família como um sistema. O grupo é conduzido e orientado por mim que proponho atividades, exercícios e me responsabilizo por permear as discussões com o conteúdo da AT. Temos um acordo de que todas passem pelo Curso Introdutório de Análise Transacional - AT 101, para que facilite o entendimento de alguns textos ou conversas onde termos técnicos possam aparecer. As reuniões utilizam videoconferência, grupo de mensagem via celular (*whatsapp*) e encontros presenciais. Cada um destes meios de comunicação apresenta características próprias e que também serão abordadas no seminário.

Palavras-chave: Família; Contrato; Controle

Desde setembro de 2013, nove mães reúnem-se quinzenalmente (alternando reuniões presenciais e *on-line*) para conversar sobre temas relevantes para a convivência familiar, com ênfase na relação mãe/filho(s). Inicialmente aconteciam *on-line* com apoio da ferramenta *HangOut* do *Google*. Mais tarde veio a necessidade de um encontro presencial. Nesta ocasião firmamos um Contrato, com contrapartidas estabelecidas e passamos a considerar este um grupo piloto para experimentar o método que poderá ser transformado num produto a ser oferecido à sociedade. Em princípio a periodicidade ficou: reuniões do grupo a cada quinze dias, alternando presencial e virtual. No entanto, o grupo fica em contato latente através do aplicativo para *smatphone Whatsapp*.

REUNIÕES VIRTUAIS: este formato tem se mostrado útil principalmente para tirar dúvidas ou realização de exercícios de reflexão que incluem perguntas que demandam explicações. Por exemplo, no tema “Combinados”, as mães foram instigadas a pensar nos quatro componentes do Contrato segundo Steiner: Consentimento Mútuo, Compensação, Competência e Objeto Legal. Foram convidadas a pensar em algum acordo recente feito com seus filhos e através de perguntas elaboradas a partir da teoria, procuraram levantar hipóteses sobre o que facilitou ou dificultou o cumprimento deste acordo.

WHATSAPP: Seguindo no mesmo exemplo acima, no intervalo entre uma reunião e outra, o diálogo continuava pelo celular, com exemplos, dúvidas, ideias, celebrações, apoio solidário, desabafos etc, sobre o exercício em andamento. Como a aplicação real dos conceitos acontece no dia-a-dia e o celular está sempre à mão, fica fácil manter o contato com o grupo para a troca imediata de experiências.

REUNIÕES PRESENCIAIS: Estas ocasiões têm sido importantes para fazer balanço do período anterior e avançar para uma nova discussão. Duram cerca de 3 horas e é possível fazer em escritório ou restaurante. O ponto forte dos encontros tem sido a troca de experiência entre as participantes, sendo minha função maior a de observar, resgatar algum ponto teórico e estimular a oqueidade do grupo, além de colher *feedbacks* e sugestões para a organização do grupo.

Ao longo dos últimos meses, vários temas da Análise Transacional foram abordados conforme havia oportunidade e por demanda, mas informalmente. Dentre eles destaco: Estados de Ego, Transações, Oqueidade, Carícias, Regras da Comunicação.

Outros foram deliberadamente aplicados, com exercícios estruturados e acompanhamento no decorrer dos dias. Exemplos: Contrato sob a luz da AT, apoiado pelo conteúdo de Claude Steiner, no livro *Os papéis que vivemos na vida*, (1976); *Ciclos de Desenvolvimento*, da Pamela Levin-Landheer, publicado em *Prêmios Eric Berne* (2005); *Compulsores e Permissores* do artigo *O Miniscript*, de Kahler e Capers, em *Prêmios Eric Berne* (1977).

Para os próximos meses, alguns conteúdos estão elencados e, como tem sido feito até agora, serão trabalhados com foco na Organização Familiar e as relações adjacentes. Alguns deles são: Controle e Cooperação com base no livro *O Outro Lado do Poder*, de Claude Steiner (1935); *Jogos Psicológicos* com base em *Jogos da Vida*, Eric Berne (1995); *Economia de Carícias*, do livro *Os Papéis que Vivemos na Vida*, Claude Steiner (1975); *Emoções* com base no artigo *Sobre sensações, emoções e sentimentos: uma contribuição para o embasamento teórico da Análise Transacional*, de Jane M. P. Costa (2011). É provável que ao chegar o Fórum, haja mais conclusões e reflexões para compartilhar, tanto sobre a aplicação da Análise Transacional neste grupo de discussão, quanto ao método utilizado que mescla os tipos de conexão entre as participantes.

Bibliografia

STEINER, C. M., *O outro lado do poder*. 2a. ed. São Paulo: Nobel, 1989.

STEINER, C. M., *Os Papéis Que Vivemos na Vida*, Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

BERNE, E. *Os Jogos da Vida*, São Paulo: Nobel, 1995.

COSTA, J.M.P., *Sobre sensações, emoções e sentimentos: uma contribuição para o embasamento teórico da Análise Transacional*. In.: Revista Brasileira de Análise Transacional. Porto Alegre: UNAT-Brasil, 2011.

STEINER, C.M. *Educação Emocional*, Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

LEVIN-LANDHEER, P., *Ciclo do desenvolvimento*, In.: Prêmios Eric Berne. Porto Alegre: UNAT-Brasil, 1971-1997.

SANTOS, B.H., COSTA, J.M.P., ALVES, T.E.C., *Das emoções aos sentimento, construindo um caminho com coração*. Porto Alegre: Letra e Vida, 2012.

**SAÚDE INTEGRAL: INFLUÊNCIA DOS PENSAMENTOS, SENTIMENTOS E
BIOENERGIAS**

A visão da Consciencioterapia

Leonardo Paludeto

A saúde consciencial considera o amplo espectro de manifestação da consciência, desde a dimensão física até a energética. As sensações e interações bioenergéticas, as parapercepções e as vivências dos estados alterados de consciência passam a ser entendidos de modo mais amplo e não limitados somente ao corpo físico, fazendo parte da realidade completa da consciência.

Energias têm padrões formados pelos pensamentos, sentimentos e emoções, pois estes qualificam o tipo de energia que mantemos em nós mesmos ou emitimos e absorvemos de outras pessoas. Estes padrões podem gerar saúde ou doença, equilíbrio ou desequilíbrio, bloqueios ou desbloqueios. Por isso é importante entender como são influenciados e também como influenciam a própria consciência e suas interações.

Diversos fenômenos e interações energéticas influenciam as manifestações cotidianas das pessoas e passam despercebidas. Desta forma, as pessoas não conseguem explicar e ter lucidez quanto às influências naturais e espontâneas com os campos energéticos entre pessoas e ambientes. É preciso, então, identificar, sistematizar e propor formas práticas para compreender a manifestação integral da consciência.

A Conscienciologia é a neociência proposta para o estudo da consciência entendida enquanto a essência do que somos (ego, personalidade, alma, self). Objetiva abordar a teoria e a prática das bioenergias, das várias dimensões, do conjunto de corpos de manifestação e das múltiplas existências. Propõe fazer isso através da experiência do pesquisador e não somente da teoria ou da vivência de outras pessoas, promovendo então a autopesquisa.

A Consciencioterapia é a especialidade da Conscienciologia dedicada ao estudo e tratamento das patologias e parapatologias da consciência inteira, considerando a saúde e a terapia além do corpo físico. Propõe que, tanto a patologia quanto a homeostase é construída pela própria consciência e esta deve ser ativa e não passiva em seu movimento evolutivo.

O tratamento e a busca pela saúde pode ser influenciado pelo terapeuta, neste caso chamado “*consciencioterapeuta*”, porém o papel essencial é da própria pessoa interessada em se melhorar. Para evitar o modelo do *paciente* que tradicionalmente espera a cura com intervenções externas,

promove-se a autonomia, iniciativa e esforços pessoais na busca do movimento de autocura. Ao invés do nome “*paciente*”, chama-se então o assistido de “*evoluciente*”.

O trinômio formado pelos pensamentos, sentimentos e energias é entendido como indissociável, ou seja, sempre estarão juntos em maior ou menor grau em cada manifestação da consciência, por isso propõe-se um nome para este conceito através da junção do início de cada palavra: *pensene*. O pensene é a manifestação conjunto de pensamento, sentimento e energia.

O papel do evoluciente na construção da saúde integral é entender seus padrões de funcionamento para realizar mudanças prioritárias para seu momento evolutivo. O caminho prático para isso é a habilidade de fazer autodiagnósticos dos próprios pensenes e suas interações e influências. Com a prática de técnicas, é possível reconhecer padrões e mecanismos dos pensenes e fazer ações para a reconstrução de novas formas de manifestação.

Os três elementos influenciam-se mutuamente promovendo mecanismos pensênicos. Pensamentos de preocupação com autocontrole podem gerar ansiedade e bloqueios energéticos. Emoções tóxicas de mágoas podem promover energias também tóxicas e pensamentos fixos de vitimização. Energias intrusivas podem desencadear pensamentos defensivos e emoções antagônicas.

É preciso entender e ter instrumentos para lidar tanto pensamentos-sentimentos quanto também as energias. Por isso a Consciencioterapia, além de considerar técnicas cognitivas-emocionais, também estuda e propõe ferramentas práticas para reconhecer e trabalhar com os centros e canais energéticos próprios do *energossoma*, ou o corpo energético.

O energossoma é composto por grande rede de canais de energias e centros energéticos, também chamados de *chacras*. As repercussões de padrões de pensamentos e sentimentos podem ser sentidas nestes chacras. Exemplo comum é o de pessoas que experimentam emoções próprias da repressão gerando sensação de aperto na região do chacra cardíaco, levando-o a ficar bloqueado.

A construção da saúde integral é realizada, então, através do autoconhecimento e a promoção de ações autônomas fundamentados no pensene. Por isso pensamentos, sentimentos e energias precisam estar alinhados de modo coerente e sinérgico.

Referências:

Machado, Cesar. *Proatividade Evolutiva sob a Ótica da Autoconsciencioterapia*. Editares, Foz do Iguaçu, PR, 2013.

Takimoto, Nario. *Princípios Teáticos da Consciencioterapia*. In: Journal of Conscientiology; Vol. 9; N. 33S; International Academy of Consciousness; London, UK; 07-10.09, 2006.

Vieira, Waldo. *700 Experimentos da Conscienciologia*. Editares, Foz do Iguaçu, PR, 2013.

Vieira, Waldo. *Projeziologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*. Editares, Foz do Iguaçu, PR, 2009.

Sites com mais informações:

Organização Internacional de Consciencioterapia (OIC): www.oic.org.br

Saúde Consciencial: www.saudeconsciencial.com.br

**SAÚDE INTEGRAL: A INFLUÊNCIA DOS PENSAMENTOS, SENTIMENTOS E
BIOENERGIAS.**

Maila Flesch

Analista Transacional Clínica

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a importância da pessoa ter maior consciência de seus diálogos internos, evitando pensamentos repetitivos, negativos, contaminados, parcialmente não conscientes. Estes pensamentos geram e reforçam emoções não expressas e tóxicas, crenças que a pessoa confirma sobre si e sobre o outro, desqualificações. Propicia a pessoa a entrar em jogos e passividade em vez de buscar soluções para o seu desconforto. Avaliar as consequências deste circuito negativo sobre a saúde emocional, psicológica e física da pessoa e das suas relações, com o objetivo de buscar opções positivas de resolução de conflitos internos e com terceiros.

PALAVRAS CHAVE: Saúde integral; Diálogo Interno; Contaminação; Disfarces; Emoções Tóxicas; Análise Transacional.

Hoje minha fala é para o público geral, não apenas para terapeutas, e meu olhar é para a saúde integral da pessoa, ou seja em todos os níveis mental, emocional, fisiológico, e também para a saúde das suas relações, com o intuito de contribuir para a saúde do próximo. Podemos ser causadores de nosso próprio estresse emocional, mas também do estresse das pessoas que convivem conosco.

Em primeiro lugar vamos clarificar qual o significado do *Diálogo Interno* a que nos referimos para esta discussão. Um diálogo que ocorre entre os Estados de Ego Pai, Criança ou Adulto Contaminado, sem participação do Ego Adulto. A pessoa conversa mentalmente consigo mesmo ou com um terceiro não-presente.

Abaixo apresento exemplos de duas situações:

a) Uma pessoa mantém uma conversa mentalmente consigo mesma sobre uma outra pessoa. Nesta conversa a pessoa faz críticas, julgamentos, reclamações sobre alguém do trabalho, da família ou de outras relações sociais. Este conteúdo pode ser de ego Pai ou Adulto contaminado pelo Pai.

b) Num outro exemplo a pessoa mantém uma conversa mental onde se sente culpada e se justifica, ou ainda se sente ameaçada, perseguida ou abandonada. Este conteúdo pode ser de ego Criança ou Adulto contaminado pela Criança.

Dizemos que a pessoa que não está presente é projetada, pois a pessoa está inferindo como o outro reagiria ou o que diria, mas este conteúdo é dela mesma, muitas vezes um conteúdo que é difícil assumir como sendo seu.

O diálogo interno muitas vezes acontece de forma não consciente, a pessoa conversa com pessoas que não estão presentes, discute, briga, e isto afeta principalmente a si mesmo. Mas também afeta a qualidade das suas relações. “Geralmente o problema é causado pela contaminação. Este termo é empregado para explicar a intrusão de um estado do ego no outro. A pessoa aceita como seu Adulto o que é na realidade, do Pai ou da Criança.” (GOULDING, 1979)

Vamos ver de quantas formas este diálogo interno com pessoas não presentes nos afeta:

- Afeta os sentimentos, quando este diálogo potencializa a raiva, a mágoa, a sensação de injustiça. Estes sentimentos interferem na fisiologia de forma negativa, podendo haver somatizações como dor de cabeça, rouquidão, gripe, gastrite, mal estar, cansaço, etc.

Citando Antonio Pedreira (1988) uma das três emoções disforizantes (medo, raiva ou tristeza) estará sempre subjacente a qualquer distúrbio psicossomático.

“As emoções disfarces são retroalimentadas por pensamentos cáusticos e conflitantes. Elaborados pelo córtex cerebral, esses pensamentos atuam sobre o sistema límbico e amígdala, deflagrando as descargas energéticas emocionais. Estas seguem por trajetos neurais até alcançarem órgãos efetores. É neste momento que ocorrem os efeitos corporais das emoções.” Pedreira acrescenta ainda, “Conflitos no sistema de pensamentos do indivíduo desencadeiam emoções de disfarces, que atuam gerando o mal-estar psicossomático; este, por sua vez reforça os disfarces e os pensamentos cáusticos, retroalimentando o sistema.” (PEDREIRA, 1988).

- O diálogo interno provavelmente alimenta os sentimentos de disfarces e confirma crenças de script sobre si mesmo e sobre o outro, reforçando sua posição existencial.

“Manifestações de disfarces incluem também fantasias nas quais o indivíduo imagina o comportamento, tanto o seu próprio como o de outra pessoa, comportamento esse que dá suporte às crenças do seu script.” (ERSKINE & ZALCMAN, 1979).

- E como a pessoa não está conversando com o outro e tem apenas o seu lado da estória, este diálogo interno com certeza não resolve problemas, pelo contrário, tem a tendência de perpetuá-los, pois predispõe a pessoa a uma reação ruim no próximo contato com o interlocutor imaginado. Esta situação deixa a pessoa bastante predisposta a fazer jogos psicológicos.

Portanto, a proposta é chamar a atenção para dois pontos principais:

O primeiro é a pessoa poder ficar mais atenta à qualidade dos seus pensamentos, percebe-los e poder interromper o circuito negativo, escolhendo ficar no aqui-agora, respirar e dissolver estas fantasias e sentimentos alimentados pelo diálogo.

O segundo ponto é chamar a atenção para a questão relacional, a importância de realmente conversar com o outro e esclarecer mal-entendidos, frustrações ou outras situações que estejam incomodando ou que estejam mal-resolvidas.

Posições existenciais são sentimentos a respeito de si mesmo e dos outros. Apenas na posição “Eu estou OK, você está OK”, a pessoa consegue manter relacionamentos saudáveis que convidam para a cooperação, o crescimento mútuo e a saúde.

Cito a definição de “oquidade” de ERSKINE (1980), “oquidade é a crença e o sentimento associado de conforto, que não importa o que me aconteça, não importa quão ruim a situação, eu vou aprender e crescer com a minha experiência.”

Retomando o tema do VIII Fórum, *Conectando e Inspirando Pessoas*, trago mais uma reflexão. Conviver com pessoas parecidas pode ser mais fácil, mas conviver com o diferente pode ser mais rico, pois nos tira da zona de conforto e abre novas possibilidades. Ou seja, a posição “Eu estou OK, você está OK”, é o ponto de partida para eu olhar e aceitar o outro, e ver aquilo que é diferente com curiosidade e não com preconceito ou julgamento.

Maila Flesch, Psicóloga CRP 47481-0, formada pelas Faculdades Metropolitanas Unidas, atua desde 1996 na área clínica com terapia para adolescentes, adultos e casais. Analista Transacional certificada pela UNAT-BRASIL e Especialista em Análise Transacional certificada pela FATEP. Membro da ITAA (International Transactional Analysis Association). Sócia Diretora da Novos Rumos Desenvolvimento Humano e Psicoterapia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

BERNE, Eric. *O que você diz depois de dizer Olá*. UNAT, 1988, p.81.

ERNST, Franklin H. *O Curral OK um diagrama para seguir junto*. TAJ 1971 in Prêmios Eric Berne.

ERSKINE, Richard and ZALCMAN, Marylin J, *Sistema de Disfarce*. TAJ 1979 in Prêmios Eric Berne.

ERSKINE, R.G. (1980), *Script Cure: Behavioral, Intrapsychic, and Physiological*, Transactional Analysis Journal, Volume 10, Nº.2, April 1980, p.102-106

GOULDING, Robert e Mary, *Ajuda-te pela Análise Transacional*. Editora IBRASA, 1979.

PEDREIRA, Antonio. *A hora e a vez da competência emocional*. Editora Casa da Qualidade, 1988, pag. 69.

STEINER, Claude. *Os papéis que vivemos na vida*. Editora ARTENOVA, 1976, p.15, 76 e.150.

SCRIPT DE VIDA E CONSTELAÇÃO: AMPLIANDO PERCEPÇÕES

Regina Berard

Regina Berard, psicóloga, Especialista em Análise Transacional (FATEP/UNAT-BRASIL), Membro Didata em Formação pela UNAT-BRASIL, Máster em Programação Neurolinguística, Coordenadora de Equipe do Imagine – Grupo Interdisciplinar em Inteligências Múltiplas, Formação em fase de conclusão em Constelação Familiar, diretora do Espaço Ser – Clínica de Psicologia em Araraquara-SP.

Contato: reginaberard@gmail.com

RESUMO: "O destino de todo o ser humano é decidido pelo que se passa dentro de sua cabeça quando confrontado com o que acontece fora dela. Cada pessoa traça sua própria vida"(BERNE,1988, p. 41). As decisões de infância nortearão as decisões mais significativas de vida e a isto Berne chama de *Script de Vida*. De outro lado temos as observações de Bert Hellinger que relata que os pensamentos e ações das pessoas estão vinculadas a um campo e este determina as percepções da realidade. Neste campo há certa liberdade de ação, mas não é possível abandoná-lo. Fazer um paralelo entre as duas teorias com o foco em compreender como se instalou as decisões mais precoces é o objetivo desta vivência.

Palavras chave: Análise Transacional; *Script de Vida*; Constelação Familiar.

Definição de *Script de Vida*

O *Script* é um programa ou roteiro de vida, que a criança elege para atender suas necessidades de sobrevivência e compreensão da situação em que está inserida. Importante ressaltar que este programa parental oferece uma forma de estruturar o tempo e dar significado à vida, e pode se apresentar desatualizado e pouco eficaz no mundo adulto gerando a necessidade de novas decisões para que a vida ganhe novo sentido e força para seguir adiante. A tomada de consciência das decisões infantis permite que se faça redecisões, rompendo o elástico que o prende ao *Script* original, e resgate os conteúdos fragmentados da personalidade. *Script* é: "Um plano de vida baseado numa decisão feita na infância, reforçado pelos pais, justificado por acontecimentos subseqüentes e culminando com uma alternativa escolhida". (BERNE,1988, Apêndice). Este plano de vida só será revelado àqueles que se dedicam ao autoconhecimento e investem energia para reconhecer o que o impulsiona em suas escolhas. As percepções de Bert Hellinger sobre os laços sistêmicos que determinam nossas

ações, mesmo que de forma oculta, podem contribuir nesta tomada de consciência e nos dar novas alternativas para sair deste emaranhado que chamamos em AT de *Script* de Vida.

A Atividade:

1 - Grupos de 4 pessoas, e cada participante irá montar sua constelação escolhendo os colegas para representar os papéis definidos pelo facilitador (pai, mãe, útero, feto, bebê, etc...).

2 – O grupo irá se movimentar naturalmente movido pelas sensações sem utilizar a linguagem demonstrando com o corpo as experiências viscerais do pai e da mãe.

3 – Após a conclusão dos movimentos, cada participante do grupo relata ao constelado as sensações durante o exercício e este registra em folha sulfite.

4 – Após as trocas de papéis, o grupo irá conversar e cada participante poderá relatar as percepções, sensações e conclusões sobre a vivência e as possíveis decisões em nível fisiológico, que é a base primária do *Script* da primeira infância, se assim o desejar.

5 – Ao encontrar as restrições internas com base na fisiologia, buscar o aprendizado e o crescimento com a experiência, colocando o Adulto para cuidar desta Criança. O Adulto é apropriado para este fim, pois tem condições de avaliar o que a Criança precisa para se sentir bem e encontrar os recursos e permissões para este fim. Muriel James em seu artigo *Autoreparentalização Teoria e Processo* declara que durante o processo de autoreparentalização, o Adulto da pessoa é o executivo e que ele pode atuar como um pai substituto ou determinar quando um Estado de Ego Pai é apropriado.

Esta oficina envolve conceitos avançados de Análise Transacional (AT) e para melhor aproveitamento é indicado que o participante tenha conhecimento básico de AT.

Material: folha sulfite, caneta, projetor

BIBLIOGRAFIA:

BERNE, Eric – *O que você diz depois de dizer Olá*. São Paulo: Nobel, 1988.

ERSKINE, Richard - *Cura do script: comportamental, intrapsíquica e fisiológica*. Transactional Analysis Journal – TAJ, 1980.

JAMES, Muriel – *Autoreparentalização Teoria e Processo*. Porto Alegre: Prêmios Eric Berne, UNAT-BRASIL, 2010, p.169-170

HELLINGER, Bert – *Um lugar para os excluídos*. Minas Gerais: Atman, 2006

HELLINGER, Bert – *Para que o amor dê certo*. São Paulo: Cultrix, 2001

SCRIPTS ORGANIZACIONAIS: UM CASO DE CONSULTORIA EMPRESARIAL

Renata Alves Gava

Este seminário tem como objetivo registrar e sintetizar o trabalho realizado durante cinco anos pela autora em uma empresa como Consultora Interna na área de Gestão de Pessoas, e ainda analisar os aspectos descritos a partir da teoria de *Script* Organizacional publicada por Rosa Krausz. Conclui-se o texto com possibilidades de novas intervenções de acordo com a Teoria da Análise Transacional que fundamenta este trabalho.

Palavras-chave: *Script*; Organizacional; Consultoria.

Resumo da Atuação de Consultoria Organizacional

A autora foi indicada a realizar um trabalho em Consultoria no ano de 2009 em uma indústria metalúrgica, na cidade de Curitiba. Na época, os proprietários desejavam a realização de uma Pesquisa de Clima Organizacional. A empresa, familiar, contava com 20 colaboradores, a maioria de nível de Assistência e operação. Eram dois proprietários, marido e mulher; ele cuidando da operação e área comercial; e ela, da área administrativa.

A partir da Pesquisa de Clima realizada, outros trabalhos surgiram, como Descrição de Cargos e Salários, Treinamentos comportamentais, apoio à Seleção de Pessoas e principalmente, orientação aos Diretores quanto a sua ação na Gestão das Pessoas da Organização. Nesta época, a empresa não possuía uma área específica de Recursos Humanos, que dois anos mais tarde, começou a ser estruturada.

Durante estes cinco anos a empresa passou por várias mudanças, de sede física, aumentou seu quadro funcional, alterou seus processos produtivos e também houve a dissolução da sociedade entre os proprietários.

Consultores de outras áreas também passaram pela empresa neste período, como Consultores em Reestruturação Organizacional, Informática, Engenharia entre outros.

A empresa, fundada em 1999, a partir de uma representação dos produtos que posteriormente seriam fabricados pela mesma, chegou ao ano de 2013 com 44 funcionários, estrutura organizacional definida, aumento do espaço físico em mais de 3 vezes, porém com uma grande crise financeira.

O produto, que era inovador no seu início, teve um aumento significativo de concorrência, novas tecnologias foram lançadas no mercado, e a empresa, antes uma referência, tornou-se “mais uma no mercado”.

A área de Recursos Humanos e Gestão de Pessoas, representada por mais de 2 anos somente pela consultoria com poucas horas de trabalho semanal, foi consolidada, inicialmente pela contratação de uma estagiária, e depois por uma funcionária registrada. Em 2011 a empresa tinha um setor de RH.

Um fator determinante neste trabalho foi sempre que o interesse dos proprietários era que os funcionários “trabalhassem motivados”. A Consultora é que propunha as formas de intervenção e deveria cumprir as horas semanais acordadas em contrato. O contrato inicial sofreu vários adendos e alterações mediante as solicitações da Diretoria. Cada momento da empresa alterava as solicitações ao setor de Gestão de Pessoas.

No momento da dissolução da sociedade dos Diretores, a sócia que cuidava da área administrativa saiu da empresa, e a Consultora foi convidada a substituí-la até a contratação de um profissional para esta área. Foi um ano e meio ocupando o cargo de Gestora Administrativa e Financeira e a área de Gestão de pessoas ficou suspensa durante este período. Uma profissional do setor foi preparada e promovida para ocupar o cargo, e possibilitando o retorno à Gestão de Pessoas.

Um ano após retomar as atividades em Gestão de Pessoas, a empresa entrou em uma séria crise financeira. O Diretor da empresa solicitou nova suspensão da dedicação exclusiva da Consultora ao setor, solicitando sua colaboração na área Comercial da empresa. Neste momento, houve o cancelamento do trabalho, visto não haver mais o interesse da Consultora em atuar em outra área da empresa naquele momento.

Aspectos Relevantes da Organização

Abaixo seguem os aspectos mais relevantes da Organização a serem mais detalhadamente descritos para analisar o Script Organizacional da mesma a luz dos textos publicados por Krausz (1999, 2009).

1º) Empresa familiar, com quadro societário formado por marido e mulher.

2º) Pequeno porte, no ramo da indústria metalúrgica no Paraná.

3º) Fundada a partir da representação dos produtos, depois transformada em montagem dos produtos até a fabricação dos mesmos.

4º) Concorrência inicial muito pequena, que com o passar dos anos aumentou muito em volume e qualidade.

5º) Visão dos proprietários de trazer sempre inovação dos produtos para o mercado.

6º) Em 15 anos a empresa passou de 2 para 44 pessoas. Mudou três vezes de local físico com o objetivo de ampliar o negócio.

Considerações sobre atuação da Consultoria

Após 05 anos de atuação da empresa, várias vezes o sentimento da autora foi de frustração pela não realização do trabalho contratado. Muitas mudanças ocorreram, e a falta de clareza de objetivos e acompanhamento dos resultados causaram a interrupção de alguns projetos propostos.

Ao iniciar os estudos em Análise Transacional, uma parte específica da teoria, *Script Organizacional*, esclareceu muitas questões que a autora fazia a si mesma e a parceiros de trabalho, principalmente quanto a pouca efetividade dos trabalhos desenvolvidos. Este conceito, ainda pouco explorado na Teoria, ajuda o consultor a entender melhor o seu papel na Organização e qual a extensão de sua intervenção nas mudanças da cultura organizacional. Os aspectos descritos do *Script Organizacional* e que puderam ser reconhecidos pela Consultora estão descritos neste texto, com objetivo de atuar, daqui para adiante, de forma mais construtiva para o crescimento da organização.

***Scripts* Organizacionais**

Krausz (2009, p.82) citando Jongeward (1976) afirma que

“assim como os indivíduos, as organizações também tem *scripts*. A linha de vida de muitas organizações parece-se com a linha de vida das pessoas... Algumas organizações parecem destinadas ao sucesso, da mesma maneira como algumas pessoas e outras a não ter sucesso, exatamente como acontece com as pessoas”.

A visão inicial dos fundadores da organização são transformados em formas de operação através de Ideologias que farão parte da cultura da mesma e transmitidas a todos aqueles que farão parte de sua história. Os participantes desta cultura, por sua vez, influenciarão estas Ideologias com seus próprios *scripts*.

Neste trabalho serão analisadas as manifestações das Ideologias Básicas, descritas por Krausz (2009): trabalho, tempo, pessoas e dinheiro, no cotidiano da organização. Também serão descritas as principais Injunções, operacionalizadas na organização, *Não Seja e Não Faça*.

Ainda, como forma de analisar o funcionamento da empresa, serão descritos aspectos da organização comparados aos descritos na Grelha dos Scripts Organizacionais: Ideologias e Modos de Funcionamento (Krausz, p. 97).

Compilando estas três informações, será possível identificar, com maior probabilidade, qual o Script Organizacional da empresa em questão, para assim, entender melhor os “aspectos conscientes e inconscientes da cultura organizacional e para o processo de mudança organizacional” (KRAUSZ, p. 95), sendo possível então sugerir estratégias mais específicas de atuação na área de Gestão de Pessoas e desenvolvimento Organizacional.

Referências

Krausz, R. O consciente e o inconsciente nas organizações e nas escolas. Revista Brasileira de Análise Transacional, ano IX e X, junho 99/2000.79-92,

Krausz, R. Trabalhabilidade. São Paulo, Nobel, 1999.

Krausz, R. Scripts Organizacionais.. Revista Brasileira de Análise Transacional. 2009. 81-98

Krausz, R. Poder e Liderança nas Organizações. Revista Brasileira de Análise Transacional. 2009, 22-39.

**SIMBIOSE E TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA:
UM DIÁLOGO COM A TORAH – LIVRO SAGRADO DOS JUDEUS**

Celso Eduardo Lago Costa

RESUMO: utilizo referências da *Torah*, livro sagrado judeu, e autores contemporâneos para discutir comunicações inconscientes e sua relação com transferência. A discussão se estende às cenas primárias fixadas, previsibilidade do comportamento adulto, simbiose na relação transferencial, atuação psicoterapêutica eficaz e patológica.

Palavras-chave: *Torah*; Simbiose; Transferência.

Introdução

Transferência e contratransferência precedem a Psicologia como ciência. Esse fenômeno já está consolidado na escrita e forma de leitura na *Torah*, livro sagrado dos judeus, onde mudança e conhecimento são tratados como adventos da comunicação inconsciente. Os talmudistas, leitores e estudiosos da *Torah*, relatam uma cadeia de textos simultâneos que só se reconhecem na presença do outro, o sentido de cada texto não se encontra em si. A leitura se torna infinita devido à regeneração dos textos a cada encontro.

Nessa concepção, “o tempo do homem hebreu é sempre devir - Eu serei o que serei.” (FUX, p. 13). Significa que a história pessoal de cada indivíduo não está acabada, não se encerra, nem é determinada previamente. Viver é modificar-se, é uma releitura permanente na presença imprescindível de outrem.

Berne (1985) tem afirmativas semelhantes quando fala sobre “a capacidade da psique humana de manter Estados de Ego coerentes parece depender de um fluxo mutável de estímulos sensoriais, necessários para assegurar a integridade da neopsique e da arqueopsique” (p. 79).

Na literatura, vários autores relacionam transferência a cenas primárias. Novellino (1987) afirma que o terapeuta acessa o inconsciente do paciente por meio da autoanálise da contratransferência ao que Schiff (1986) acrescenta que nas relações transferenciais, assim como em qualquer relação significativa, haverá um elemento de Simbiose.

Podemos inferir a comunicação como fruto da necessidade de trocas com o meio. Esta Comunicação pode determinar o desenvolvimento saudável do indivíduo ou gerar repetições patológicas na busca de concluir a Simbiose Primária. Estas repetições são os Jogos Psicológicos que

causam danos e, simultaneamente, promovem elementos para Análise de *Script* no ambiente terapêutico.

Torah

A *Torah* é um Texto que apresenta espaçamentos entre seus símbolos. O leitor projeta seu inconsciente no Texto, que “é um palimpsesto. Seu sentido é sempre outro, e sua significação é devir” (FUX, 2000, p. 122). Nesse processo, os textos são constituídos, principalmente, do que não está escrito, que não pode ser apreendido, uma percepção do momento, um *insight*, a cada leitura. Como na relação transferencial, conteúdos do inconsciente são alcançados, promovem mudanças e não transferem controle sobre o inconsciente, onde sempre restará o inacessível.

Na *Torah* há permissão para aceitar o dito e o não-dito, aceitar duas opiniões contrárias no mesmo Texto, ambas palavras de Deus. Os signos não remetem a nenhum sentido fixo, mas à diversidade. Existe permissão para acolhimento dos *impulsos proibidos* (grifo nosso), que facilita releitura livre, que modifica. “Nesta leitura a palavra *Anii*, (*eu*) pode ser lida também como *aiin* (*nada*).” (FUX, 2000, p. 132). Uma sentença que poetiza o vazio que só será lido na presença do outro num eterno devir.

A memória não é tomada como algo morto que resta compreender, mas é aquilo que retorna para repetir um caminho que nunca foi trilhado. Ler é reescrever, gerar uma novidade. Ler o inconsciente é admitir que haverá sempre um resto inassimilável. O inconsciente denuncia a morte de uma verdade finalizada e tem como seu contrário “o judeu religioso, que corporificou o Texto, levando-o à categoria de ídolo, isto é, ‘deixou de lê-lo’, abandonou suas letras e acabou por cortar o fio do tecido de uma escrita sempre renovada” (FUX, 2000, p. 119). Ler não significa repetir o que está escrito. Ler o Texto é um modo de transformação e de recriação. É um processo de elaboração onde a atividade de um pensamento não é calcular nem julgar, mas unicamente transformar.

Berne (1974) descreve essa dinâmica quando fala de Autonomia como a “liberação ou recuperação de três capacidades: Consciência, Espontaneidade e Intimidade” (p. 155). A pessoa consciente pode ver e sentir de uma maneira própria e não do modo como foi obrigada. A pessoa espontânea se livrou da compulsão de expressar apenas sentimentos que aprendeu a ter. E na Intimidade vemos uma pessoa sincera, perceptiva e incorrupta vivendo no aqui e agora.

Transferência em Psicoterapia

Encontramos na literatura o conceito de transferência fundamentada em comunicação não verbal, como fenômeno que traz conteúdos arcaicos para o presente.

Berne (1985) também escreve sobre isso afirmando que “o *Script* pertence ao âmbito dos fenômenos de transferência, isto é, origina-se neste e está intimamente relacionado ao conceito de Neurose de Transferência” (p. 109) e completa afirmando que o Protocolo é uma conclusão insatisfatória dos primeiros anos de vida. O Protocolo precede o complexo de Édipo. O *Script* é uma derivação pré-consciente deste Protocolo e será ajustado de acordo com as realidades possíveis de cada indivíduo.

Clarkson (1991) afirma que a transferência ocorre sempre que as emoções, perspectivas ou reações baseiam-se nas experiências passadas ao invés de se basearem no aqui-e-agora. Novellino (1985) acrescenta que “em qualquer relacionamento terapêutico, a necessidade infantil não satisfeita será projetada no terapeuta que será experimentada pelo paciente como uma fonte de possível satisfação da necessidade bem como da sua frustração” (p. 204). Shmukler (1991) complementa dizendo que “o inconsciente procura repetir a idade onde precisa ser feito um reparo, e o paciente procura um pai adequado a fim de catectar ou reestabelecer a resposta parental original.” (p. 128)

Winnicott (1988) chega a afirmar que a transferência envolve lacunas na relação primária com as figuras parentais, onde o analista terá que desempenhar parte do papel da mãe na infância do paciente. Para ele há um momento de grande dependência, mesmo que haja uma parte saudável atuando como aliada do analista. De fato, esta parte diz como o analista deve se comportar.

Novellino (1984) desenvolve o conceito propondo que as intervenções do terapeuta, na sua contratransferência, serão permissoras, permitindo à Criança do paciente ter fantasias, liberar o conteúdo negado, ou proibido, desobrigando-a do peso de “Não Sentir” ou “Não Pensar” algo. Schiff (1986) concorda com essa colocação quando descreve Jogos Psicológicos como reencenações de cenas primárias. Ela afirma que na transferência ocorre Simbiose assim como em outros encontros íntimos e aprofunda este conceito no desenvolvimento de tratamento para psicóticos chamado Reparentalização.

Falamos até agora de transferências produtivas. No entanto, o terapeuta pode reprimir a contratransferência e ameaçar a base da aliança terapêutica. Novellino (1984) descreve este fenômeno como um diálogo entre surdos-mudos “à medida que o terapeuta, reprimindo sua própria contratransferência, bloqueia-se para não ler os sinais do paciente que estimularam a própria contratransferência” (p. 64).

Langs (1974) chegou a descrever a existência de uma relação narcisista do terapeuta e que por trás de cada erro clínico existe um problema de contratransferência. Afirma que o profissional de psicoterapia entende o significado do inconsciente e ao negar sua dificuldade básica, emparelha, lado

a lado com o desejo de curar, uma tendência de não curar. Novellino (1984) afirma que durante este processo, o paciente, para se proteger da agressividade ou sedução do terapeuta, simula com a Criança Adaptada uma cura e muda sem nenhuma reestruturação interior básica.

Considerações Finais

Por uma necessidade de sobrevivência buscamos trocas com o meio ambiente. Os encontros decorrentes podem ter resoluções saudáveis promovendo autonomia ou resultar em proibições da expressão autêntica estabelecendo fixações e dependências.

A repetição de cenas arcaicas com elementos presentes é um mecanismo inconsciente na busca de modificar estas cenas. Nesse processo inconsciente, revela-se o conteúdo inacabado para uma nova interpretação, numa dinâmica conhecida como transferência em psicoterapia onde é permitida a livre expressão. Com consentimento da manifestação de impulsos anteriormente proibidos, o ambiente íntimo terapêutico pode produzir mudanças libertando as cenas fixadas.

A análise de transferência reconhece que ao final de uma terapia cliente e terapeuta seguem com seu trabalho, sem fim, de interpretação de suas histórias após a separação. De fato, não podemos domar a natureza, a identidade própria, não podemos nos decifrar por completo, somos um eterno devir, uma redescoberta nos encontros que promovem releituras e mudanças indefinidamente.

No entanto, também ocorre erro clínico, quando o psicoterapeuta nega conteúdos de contratransferência numa relação narcisista com o paciente. Nega sua dificuldade básica e na relação com o paciente emparelha desejo de cura com uma tendência de não curar. Como consequência o paciente procura se defender dos efeitos nocivos da sedução ou agressividade do psicoterapeuta e simula com a Criança Adaptada uma cura sem nenhuma reestruturação interior básica.

Portanto, a comunicação inconsciente permeia toda a existência humana, desde o nascimento. Quando é desinibida, entregue, acolhedora, conduz à resolução dos encontros e desenvolve promove Autonomia e Intimidade. Quando ocorre negação de expressões autênticas, os sujeitos fixam cenas, inibem seu desenvolvimento autônomo, tornando suas vidas previsíveis e repetitivas em Jogos Psicológicos e *Script*.

Na relação psicoterapêutica esta comunicação será trabalhada na análise de transferência, inaugurando nova oportunidade para resolução da cena fixada, no caso de análise eficaz. Caso o psicoterapeuta negue materiais da sua contratransferência, com sua sedução ou agressividade, a relação transferencial, ao contrário, prejudica o cliente confirmando proibições e fixações, induzindo a mudanças sem elaboração.

Pelo fato da relação transferencial ser inevitável no ambiente psicoterapêutico acolhedor e o ambiente propício para mudanças depender da presença do cliente e do terapeuta, numa comunicação inconsciente íntima, podemos considerar que a relação transferencial eficaz também envolve algum nível de Simbiose.

Bibliografia

- BERNE, Eric. Análise transacional em psicoterapia. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1985.
- _____. Beyond games and scripts. New York: Grove Press, 1976.
- _____. O que você diz depois de dizer olá?: A psicologia do destino. São Paulo: Nobel, 1988.
- _____. Os jogos da vida. 3ª ed. Rio de Janeiro: Artenovas.a, 1974.
- CLARKSON, Petruska. Through the looking glass: Explorations in transference and countertransference. *Transaccional Analysis Journal*. California: V 21, nº 2, abril 1991.
- FUX, Betty B. Freud e ajudaidade: A vocação do exílio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GEDO, John. Beyond Interpretation. New York: International Universities Press, 1979.
- LANGS, Robert. The technique of psychoanalytic psychotherapy. New York: Jason Aronson, 1974.
- MOISO, Carlos. Ego states and transference. *Transaccional Analysis Journal*. California: V 15 nº 3, julho 1985.
- NOVELLINO, Michele. Redecision analysis of transference: The unconscious dimension. *Transaccional Analysis Journal*. California: V 17 nº 1, janeiro 1987.
- _____. Redecision analysis of transference: A TA approach to transference neuroses. *Transaccional Analysis Journal*. California: V 15 nº 3, julho 1985.
- _____. Self-analysis of countertransference in integrative transactional analysis. *Transaccional Analysis Journal*. California: V 14 nº 1, janeiro 1984.
- SCHIFF, Jacqui. Cathexis reader: Transactional analysis treatment of psychosis. New York: Harper & Row, 1975.
- SHMUKLER, Diana. Transference and transactions: perspective from developmental theory, object relation, and transformational processes. *Transactional Analysis Journal*. California: V 21, Nº 3, julho 1991.
- WINNICOTT, Donald. Transference. In BB. Wolstein Essential papers on contertransference. New York: International University Press, 1988.

TENDÊNCIAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NAS ORGANIZAÇÕES

Rosa R. Krausz

Mini-curso Pré-Fórum

Resumo

Uma parte dos dirigentes de organizações produtoras de bens e serviços tem dificuldades em reconhecer que a força de trabalho tem sofrido modificações profundas.

Competências e habilidades são escassas, expectativas são elevadas, incertezas são comuns e choques entre o “novo” e o “antigo” são frequentes.

A força de trabalho das primeiras décadas do século XXI é global, multigeracional e multicultural. Uma parte crescente é altamente conectada, exigente e apreciadora da tecnologia.

A necessidade constante de atualização, por um lado, a competência relacional e a capacidade de investir na construção da carreira profissional, por outro, tem forçado as organizações a buscarem maneiras diferenciadas de recrutamento, desenvolvimento e aquisição/partilha de expertise entendidos não mais como eventos, mas sim como processos cujo objetivo é a manutenção da capacidade de gerar resultados. Estes, entretanto, não se reduzem aos aspectos econômico-financeiros que só serão sustentáveis se fundamentados na capacidade das pessoas conviverem consigo e com os outros de forma produtiva e gratificante.

Trata-se de um cenário paradoxal no qual o atuar em conjunto, o trabalhar com, chocam-se com a tendência isolacionista da tecnologia da comunicação que inibe e desencoraja o contato face a face, a afetividade, o estar junto, o reconhecimento, a estruturação do tempo saudável, a confiança.

Tais fatos representam um desafio para os que atuam na área de gestão de pessoas, de aprendizagem e desenvolvimento que, em virtude da virtualidade e volatilidade do seu trabalho, encontram uma certa dificuldade em comprovar a curto prazo e de forma sustentável, o retorno sobre os eventuais investimentos nesta área.

Cultura organizacional, valores, processos, normas, procedimentos, opções de intervenção, mais os aspectos não conscientes que influem na seleção da força de trabalho em todos os níveis, alimentam sutilmente o script organizacional e o funcionamento da cada organização, da sua trajetória e dos resultados alcançados.

Considerar tais aspectos torna-se, diante da complexidade das organizações, um ponto crucial para a atuação de todos que trabalham na área de gestão de pessoas, ou seja consultores, gestores e colaboradores. Não basta mais treinar, desenvolver. É preciso transformar.

A Análise Transacional, quando utilizada de forma adequada, carrega consigo o germe da transformação, iluminando os caminhos disponíveis para que cada ser humano trilhe em busca da sua autonomia.

São estas as questões que discutiremos no nosso mini curso!

**TENDÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO DE TALENTOS E COMPETÊNCIAS NUM
MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO**

Rosa R. Krausz

*“Enquanto os trabalhadores estão se tornando cada
mais empreendedores, as organizações tradicionais
se tornam cada vez menos atraentes”*

Polly LaBarre

Tendências mundiais observadas, entre outras:

- A próxima geração de trabalhadores tenderá a mudar de atividade até 10 vezes antes de chegar aos 40 anos.
- 2/3 da força de trabalho, a nível mundial, parece não estar comprometida com o seu trabalho.

Ainda hoje, na segunda década do século XXI, valoriza-se mais a eficiência acima de qualquer outra meta e a conformidade acima de qualquer outra capacidade humana. No entanto, os estudiosos e profissionais de RH pregam a importância da flexibilidade, inovação e entusiasmo no trabalho.

O dilema hoje é encontrar alternativas para lidar com estas incongruências para evitar/estancar o desperdício do capital humano e capital social que aflige boa parte das organizações.

Este dilema, visto pelo olhar da Análise Transacional, apóia-se no que chamamos de **Síndrome de Passividade**, ou seja, uma combinação do Comportamentos Passivos + Grandiosidade e + Desqualificação atuam para criar e manter a simbiose, seja a nível individual, seja a nível grupal e sócio-cultural. (Krausz, p.172).

Tal fenômeno é facilmente observado na maioria das organizações entre níveis hierárquicos, chefias e subordinados, gestores e trabalhadores, expressos através de estilos de controle/comando que mantem e leva adiante ao script organizacional, pano de fundo dos scripts individuais dos que povoam as organizações.

Uma mesa redonda sobre Desenvolvimento Organizacional do Futuro realizado pela Universidade de Delaware em 2013 propõe, entre outras, que sugerem algumas medidas:

1. Estimular o aprender fazendo em vez de aprender e depois fazer (on the job learning).
2. Pensar globalmente.
3. Desenvolver habilidades/competências interpessoais e pensamento sistêmico
4. Repensar as estruturas organizacionais.

Para o futurista Glen Humstra, *“um futuro de sucesso RH gira em torno de um único princípio: **menos controle e mais aprendizagem**”*

Para que isto aconteça a área de RH teria que reforçar sua posição de prestígio e poder de influência dentro das organizações, rever seu foco no curto prazo, nas tarefas rotineiras e considerar uma outra faceta crucial que é o papel estratégico, ambidestro, que é pensar simultaneamente no presente e no futuro, ser a ponte que assegura a transição permanente entre o hoje e o amanhã.

Para Ram Charan o RH deveria cindir-se em dois blocos:

O administrativo – remuneração e benefícios

O de desenvolvimento de lideranças e capacidades organizacionais.

Entendemos que, como Analistas Transacionais, o foco de RH deveria priorizar duas áreas estratégicas que criariam a base necessária para preparar as pessoas e organizações a conviverem construtivamente com a intensidade da transformação que caracteriza o mundo contemporâneo:

1. Desenvolvimento das Competências Transitórias ou Renováveis
2. Desenvolvimento das Competências Permanentes ou Duráveis

As **primeiras** poderão beneficiar-se não só dos avanços da tecnologia, mas também das modernas metodologias de aprendizagem de adultos que abrem novos caminhos para a agilização

As **segundas** demandam uma abordagem diferenciada, customizada, que considera a diversidade dos seres humanos e suas necessidades específicas que enfatiza o auto-conhecimento, o relacionamento intra e interpessoal, o equilíbrio interno, instrumental necessário para conviver com a instabilidade externa.

São estas competências que permitirão que o tradicional controle/comando seja paulatinamente substituído pelo cultivo da aprendizagem e a coordenação.

Inovador é aquele que tem a imaginação do EE Criança, permissão do EE Pai para ser ousado e a capacidade de realização do EE Adulto.

Entendemos que a prioridade será investir no desenvolvimento das Competências Duráveis, sem as quais as Competências Transitórias não se sustentam.

Uma das alternativas que temos utilizado e que tem demonstrado excelentes resultados é o Coaching Executivo Empresarial que guarda semelhanças com os princípios da AT, uma vez que se pressupõe um relacionamento contratual, nivelado, transparente e sigiloso que se propõe a promover a autonomia do Coachee.

Embora baseado nos conceitos de AT, o foco é o agir transacionalmente e não o falar transacionalmente, dando oportunidade ao Coachee de estabelecer um relacionamento destituído de jogos psicológicos, manipulações, desqualificações, relacionamentos simbióticos, ou seja, um relacionamento baseado na oqueidade de modo que cada envolvido tem consciência do seu papel na relação de parceria.

**TRANSFORMAR A VIDA DE PESSOAS E COMUNIDADES ATRAVÉS DO
EMPREENDEDORISMO.**

Helena Casanovas Vieira

Essa é a principal causa e objetivo que permeia o que a Aliança Empreendedora faz desde que iniciou suas atividades em 2005.

Segundo o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (julho/2010), o Brasil tem o 3º pior índice de desigualdade social do mundo. Diante dessa realidade, incentivar e apoiar o empreendedorismo junto a públicos e comunidades de baixa renda permite que novos modelos de negócios e oportunidades de trabalho, renda e educação sejam gerados, promovendo melhorias na qualidade de vida, inclusão e desenvolvimento socioeconômico.

Começamos pequenos, com apenas uma incubadora que apoiava dez microempreendedores em Curitiba. Hoje atuamos realizando projetos em e com empresas, governos e ONGs em todo o Brasil, com projetos e equipes nos estados do Paraná, São Paulo, Pernambuco e Bahia, além de uma rede de 43 organizações sociais aliadas e capacitadas nas metodologias da Aliança Empreendedora em 17 estados brasileiros. Apoiamos com isso, até hoje, mais de 15.000 empreendedores.

Para obter maior abrangência e disseminar a cultura empreendedora, formamos uma rede de organizações aliadas que aplicam nossas metodologias. Esse princípio é alinhado com a nossa missão de “unir forças”, pois trabalhando com organizações locais, nós potencializamos o trabalho já executado pela organização fazendo a transferência da metodologia que é rapidamente adaptada para a realidade local. O intuito de trabalhar com organizações aliadas também é de potencializar uma rede de apoio ao microempreendedor e levar a mensagem de que “todos podem empreender” de uma forma mais consistente.

Com o objetivo de ampliar a escala de impacto lançamos o primeiro portal de *crowdfunding* para microempreendedores do Brasil: [Portal Impulso](#); o primeiro canal que incentiva à colaboração online entre empreendedores e que contém material para ensino a distância que se chama: Portal Tamo Junto, o portal possui uma estratégia de incentivo à formação de redes de empreendedores off-line para que eles levem a experiência para o online e passem a colaborar uns com os outros dentro da plataforma; um prêmio nacional que incentiva e identifica microempreendedores de baixa renda: Prêmio Aliança de Empreendedorismo Comunitário, pois por meio de bons exemplos se fomenta a cultura empreendedora.

Todas as metodologias da Aliança Empreendedora têm como base a teoria do 'Effectuation', uma teoria sobre o processo de empreender desenvolvido pela Dra. Sara Sarasvathy. Effectuation é baseado nas conclusões de um estudo feito sobre os princípios, experiências e comuns "approaches" compartilhados por um grupo seletivo de empreendedores experts. Essa pesquisa mostra que a maioria dos empreendedores começam suas empresas do zero baseados nos recursos e conhecimentos disponíveis por eles na época, usando sua rede de contatos para construir e desenvolver suas ideias e focam no teste e implementação ao invés de planejar e analisar. Na sua essência, o 'Effectuation' identifica fatores que levam os empreendedores ao sucesso que são: 1) competências empreendedoras, 2) conhecimento 3) rede de contatos.

Segundo a teoria, o nascimento de um novo negócio segue os seguintes passos:

1) Empreendedores começam com o que eles são, o que eles sabem e quem eles conhecem, e imediatamente partem para a ação, interagindo com outras pessoas.

2) Eles se concentram naquilo que podem fazer e fazem isto, sem se preocupar com o que deveria ser feito.

3) Algumas das pessoas que estes empreendedores entram em contato se comprometem antecipadamente com a iniciativa

4) Cada comprometimento resulta em novos meios e novos objetivos para a iniciativa do empreendedor

5) Os recursos amealhados pelo empreendedor vão se acumulando com o crescimento da rede de contatos

6) Se o crescimento da rede de relacionamento de apoio não abortar prematuramente a iniciativa do empreendedor, os objetivos do empreendedor e sua rede de relacionamento convergem para um novo mercado e uma nova empresa.

Usando o Effectuation como base para o nosso trabalho com os empreendedores nós desenvolvemos um indicador que mede os três pilares fundamentais: Quem Sou, O que sei e Quem conheço.

Trabalhamos os três pontos em todas as metodologias da Aliança e, portanto o pilar de formação de rede é fundamental para o sucesso do negócio. As metodologias proporcionam momentos de trocas de feedback entre os empreendedores. O monitoramento entre um encontro em outro é feito em duplas do próprio grupo, o compromisso é dar apoio para o colega para que ele consiga atingir seus objetivos da semana.

Os encontros são em grupo e na mesma comunidade, dessa forma os empreendedores conseguem manter a rede após os treinamentos e passam a ser fonte inspiradora para outros empreendedores do bairro, muitas vezes mantendo os encontros por conta própria e mobilizando a própria comunidade.

Quanto mais redes de empreendedores forem formadas dentro de comunidades de baixa renda, maior é a possibilidade de novos empreendedores surgirem dentro da região e mais exemplos são criados para que a Aliança Empreendedora e sua rede de Organizações Aliadas possam difundir a mensagem de que todos podem empreender.

**TEXTO PRODUZIDO PELOS GRUPOS NA ATIVIDADE DE FECHAMENTO DO VIII
FÓRUM DE ANÁLISE TRANSACIONAL**

SAÍMOS DESTE FÓRUM INSPIRADOS A ...

- AMPLIAR A PERCEPÇÃO A RESPEITO DE SI, DO OUTRO E DO MEIO, PARA PERMITIR ENCONTROS SIGNIFICATIVOS;
- PEDIR E DAR TOQUES FÍSICOS;
- BUSCAR SENTIMENTOS AUTÊNTICOS;
- ESTAR INTEGRADOS E INTEIROS NO AQUI E AGORA PARA CONEXÕES;
- PROMOVER MAIS E MAIS AMBIENTES DE OQUEIDADE;
- PARA QUE ACONTEÇA A RENOVAÇÃO É NECESSÁRIO A MUDANÇA, QUE LEVA A UMA NOVA PERCEPÇÃO ATRAVÉS DO PROCESSO DA APRENDIZAGEM, COM A INTERAÇÃO E REENCONTRO, É A INOVAÇÃO CONFIRMANDO NOSSA SINGULARIDADE;
- EXPANDIR A CONSCIÊNCIA, ESPONTANEIDAD E INTIMIDADE RUMO À AUTONOMIA;
- CONTINUAR NO AQUI E AGORA COM CONSCIÊNCIA, AMOROSIDADE, ESPONTANEIDADE E COOPERAÇÃO COM ACOLHIMENTO E PERMISSÃO PARA À MUDANÇA;
- PARTILHA E MUDANÇA;
- CONECTAR O NOVO À HISTÓRIA PARA EXPANDIR POSSIBILIDADES;
- CONECTAR E INSPIRAR COM AMOR, AUTONOMIA, RESPONSABILIDADE E INTEGRAÇÃO;
- SAÍMOS INSPIRADOS À FAZER ACONTECER A ANÁLISE TRANSACIONAL AMOROSA, AFETIVA, ÉTICA E CIENTÍFICA DENTRO ATRAVÉS DA UNAT-BR E DISPONIBILIDAZADA A SOCIEDADE.